

PATRICIA GIMENES BRANCO

**ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO DE IDOSAS:
PROCESSOS E DESENVOLVIMENTOS SINGULARES**

Mestrado em Gerontologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

– 2007 –

PATRICIA GIMENES BRANCO

**ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO DE IDOSAS:
PROCESSOS E DESENVOLVIMENTOS SINGULARES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

– 2007 –

Banca Examinadora

São Paulo, _____ de _____ de 2007.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local: _____ Data: _____

Dedicatória

Aos meus pais queridos **Antonio Carlos** e **Beth**.

Muito obrigada por me oferecerem cuidado, por serem pessoas presentes em meu desenvolvimento, por acreditarem em meus sonhos, por lutarem pela garantia de bem-estar à minha família, dando-me a oportunidade de conforto, saúde, educação e cultura, permanentemente. Muito obrigada por todo o AMOR transmitido.

Agradecimentos

- Aos meus avós maternos, **Rubens** e **Eunice** (in memoriam), por terem me acompanhado de perto desde a infância, e por serem partícipes do meu sonho de liberdade. À **Regina**, em especial, e às suas queridas colegas **Lúbia**, **Cléo** e **Cris**, que cuidaram com competência e carinho de minha avó.
- Aos meus avós paternos, **Comandante Ademar** (in memoriam) e **Sarita** (in memoriam), por terem contribuído indiretamente para o meu início na Gerontologia, na medida em que me fizeram sentir-refletir a existência do sujeito idoso no mundo.
- Aos meus irmãos **Humberto** e **Luciana**, por terem me ajudado a crescer. E aos meus cunhados, **Ricardo** e **Larissa**, por fazerem de meus irmãos pessoas mais felizes.
- Aos **Profissionais da Medicina, Psicologia, Educação Física e Nutrição**, que felizmente pude encontrar pela vida e que me acompanham até hoje em minha busca permanente do bem-estar físico, emocional e espiritual.
- À Profa. Dra. **Suzana Aparecida da Rocha Medeiros** e à Profa. Dra. **Elizabeth Frohlich Mercadante**, pela ousadia, no que se refere à criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP.
- Aos **Professores** do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, pelo esforço permanente do trabalho de formação de pesquisadores da Gerontologia Social.
- À Orientadora deste trabalho, Profa. Dra. **Nadia Dumara Ruiz Silveira**, por ter participado da elaboração desta pesquisa acadêmico-científica, tendo muita paciência e revelando otimismo por todo o processo.

- Aos colegas do Grupo de Pesquisa **“Educação, Longevidade e Qualidade de Vida”**, pelos encontros frutíferos.
- À Profa. Dra. **Maria Lucia Carvalho da Silva**, que, com especial delicadeza e competência, participou do meu exame de qualificação e banca examinadora.
- Ao Prof. Dr. **Jair Militão da Silva**, que, com tanto cuidado, realizou a leitura do meu memorial e projeto de pesquisa, participou do meu exame de qualificação e banca examinadora.
- Às **Flores: Angélica, Jasmim, Orquídea, Gérbera, Rosa, Azaléia, Violeta, Begônia, Hortênsia e Margarida**, queridas entrevistadas desta pesquisa, pelo acolhimento em nossos encontros e pela esperança demonstrada em cada olhar, em cada palavra, em cada sorriso.
- Aos profissionais da Transcreve Transcrição Expressa, em especial **Marina Lopes e Marcelo Barreto**, pela realização concentrada de transcrição das entrevistas com os sujeitos da pesquisa. www.transcreve.com.br.
- À **Beatriz de Freitas Moreira** por ter realizado, com extrema competência técnica e cuidado, o trabalho de revisão dessa dissertação.
- À **Paulo Roberto da Silva (Paulinho)**, por ter realizado um trabalho cuidadoso de formatação técnica da dissertação, segundo as normas vigentes.
- À **Equipe do Portal do Envelhecimento**, que participou da minha trajetória no Mestrado, publicando meus artigos e aguardando minhas contribuições. <http://www.portaldoenvelhecimento.net>.
- À **CAPES** – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo investimento em minha formação acadêmica durante o percurso no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP.
- Aos **amigos queridos**, pela presença importante em minha vida.

Resumo

A sociedade global vive profundas transformações em sua estrutura social, econômica, política e cultural. Neste contexto, a busca da compreensão sobre a realidade mundial e, principalmente, a construção de sentidos para a vida e existência, tem sido muitas vezes empreendida pelo humano. A contemporaneidade como um tempo de complexidade crescente, vem desafiando muitos indivíduos a trabalharem pela construção e aperfeiçoamento de sua própria humanidade, que ocorre por todo o ciclo de vida. A humanização do ser, em todas as fases da vida, supõe a vivência da educação como um processo de desenvolvimento singular, onde cada indivíduo deve ser plenamente atendido em suas especificidades, reconhecido em suas habilidades, compreendido em suas dificuldades, de modo que seus direitos sejam respeitos e valorizados. Um expressivo contingente de pessoas idosas vem sendo acolhido nos últimos anos por diversas instituições de educação superior no Brasil. Na cidade de São Paulo, em especial, há um grande número de instituições que desenvolvem programas sócio-educacionais destinados a este público, a fim de garantir a possibilidade de aprendizagem ao longo da vida e da vivência de relacionamentos intergeracionais na velhice. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, objetivou compreender os significados da experiência singular do envelhecimento de dez mulheres idosas que freqüentam um programa de educação desenvolvido por uma instituição de educação superior privada da cidade de São Paulo, considerando as razões do seu ingresso, suas expectativas em relação às propostas e dinâmicas do programa, tipo de participação e as percepções das entrevistadas sobre a convivência com as colegas e as aprendizagens mais significativas construídas ao longo desse processo. Através da análise dos dados coletados em entrevistas individuais, pudemos constatar que o envelhecimento é um processo dinâmico, singular, complexo e heterogêneo, que não envolve apenas dificuldades e perdas dolorosas, mas também aquisições importantes que auxiliam as mulheres idosas a recodificarem a própria percepção que construíram sobre a velhice e o processo de envelhecimento. O aprendizado do reconhecimento das suas vulnerabilidades e limitações, resultantes do declínio causado pelo processo de senescência, o desenvolvimento da sua auto-estima e da valorização da dignidade, resultantes das vivências nesse programa de educação permanente e a construção de vínculos de amizade foram, sem dúvida, as maiores conquistas para essas mulheres. Considerando que o envelhecimento se constitui em processo singular, o desenvolvimento é contínuo, possibilitando novas aprendizagens e oportunidades de mudanças.

Palavras-chave: envelhecimento, velhice, pessoa idosa, educação, convivência, amizade, aprendizagem, desenvolvimento singular.

Abstract

The global society is undergoing deep changes in its social, economic, political and cultural structure. In this context, the quest for the understanding of the reality of the world and, in particular, the building of sense for life and existence, has been many times undertaken by the human beings. The contemporaneity with an increasingly complex time has defying many individuals to work for the construction and perfecting of their own manhood, that occurs throughout the life cycle. The humanization of the being, in all phases of life, assumes the education experience as a singular development process, wherein each individual must be fully served in his specificities, recognized in his abilities, understood in his difficulties, so that his rights are respected and valued. An expressive number of elder people have been received, in the last years, by several higher education institutions in Brazil. In the city of São Paulo, in particular, there are a large number of institutions that develop social-educational programs intended to that public, in order to assure the possibility of learning along life and experiencing inter-generation relationships at the old age. This qualitative approach research aimed at understanding the meanings of the singular experience of aging of ten older women that attend to an educational program developed by a private higher education institution in the city of São Paulo, considering the reasons for their entrance, their expectations as to the proposals and dynamics of the program, type of participation and the perception of the interviewed participants on the living with the colleagues and the most significant lessons learned along this process. Through the analysis of the data collected in individual interviews, we could find that aging is a dynamic, singular, complex and heterogeneous process that does not involve only difficulties and painful losses, but also important acquisitions that help older women to re-code their own perception that they have built about old age and the aging process. The learning of recognizing their vulnerabilities and limitations, resulting from the decline caused by the aging process, the development of their self-esteem and the valuation of dignity, resulting from the experiences of this permanent education program and the construction of friendship bonds were, undoubtedly, the best conquests for these women. Considering that aging is a singular process, the development is continuous, permitting new learning and opportunities for change.

Key-words: aging, old age, elder people, education, experiencing, friendship, learning, singular development.

Sumário

INTRODUÇÃO

Realidades em transformação	1
--	----------

CAPÍTULO 1

Envelhecimento como processo. Velhice como condição	14
1.1. Viver e ser pessoa idosa	17
1.2. Conhecer para conviver em comunidade	32

CAPÍTULO 2

Contextualizando a pesquisa	44
2.1. A Instituição de Educação Superior (IES)	49
2.2. O Programa de Educação Permanente Universidade Sênior	50
2.3. A identificação dos sujeitos: As “Flores”	55

CAPÍTULO 3

Possibilidades da existência para mulheres idosas	66
3.1. O processo de transformação da vida e a recodificação do envelhecimento	69
3.2. A educação como desenvolvimento integral do ser	87
3.3. A convivência e a amizade como aprendizagens significativas	102

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança no coração para continuar semeando	117
---	------------

BIBLIOGRAFIA	130
---------------------------	------------

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	139
Anexo 2 – Roteiro de Entrevista	140
Anexo 3 – Palavras carinhosas às Mulheres	142

INTRODUÇÃO

Realidades em transformação



Imagem: *A noite estrelada* (Ciprestes e aldeia) – Vincent Van Gogh

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”*

Mario Quintana

Transformações diversas são visíveis em inúmeras realidades sociais, universalmente. As sociedades e as comunidades, em geral, têm vivido alterações substanciais em sua constituição, fortes conseqüências e influências, que resultam desse intenso processo.

Os vários cenários emergentes nesta (des)ordem que, fundamentalmente, surgem da grande convulsão social a qual todos nós, em maior ou menor grau, estamos submetidos, traduzem modificações profundas e abrangentes da realidade mundial, no que diz respeito ao seu aspecto social, econômico, político, ideológico e cultural, bem como da estrutura de formação e desenvolvimento do próprio ser humano, no âmbito individual e/ou coletivo.

Dentre as questões fundamentais desta complexa dinâmica social, a marginalização do humano é a que se apresenta mais relevante e expressiva. Ser humano, de fato, não é uma questão simples. Sabemos que os vários problemas sociais aos quais os homens estão submetidos, independentemente de sua raça, condição econômica, cultural, social ou de gênero, vêm produzindo, sobretudo com a globalização, vítimas de um sistema social excludente, incapaz de acolher o humano em suas especificidades e necessidades.

O abandono crescente de grande parcela da população mundial, aliado a falta de acesso à educação, à cultura, à saúde, à segurança social e à experiência mais concreta da perda da própria identidade e civilidade humanas surgem, infelizmente, como referenciais da vida do ser humano, tornando-o

não apenas vítima de um sistema perverso que exclui socialmente, mas vítima de si mesmo, em um mundo de complexidade crescente, que se transforma permanentemente.

Com o advento da modernidade e da contemporaneidade, as noções humanas sobre espaço e tempo local, bem como a própria percepção do ser sobre ele mesmo e seu entorno, foram desconstituídas e reconstituídas sob uma lógica de valores inexatos, incertos, múltiplos e heterogêneos, que passaram a nortear, a partir dos referenciais da complexidade, a vida do ser humano. Como analisa Ianni, o “mundo se torna mais complexo e mais simples, micro e macro, épico e dramático”. E nesta complexidade e simplicidade do mundo, considerando seu aspecto épico e dramático, o homem procurou encontrar meios para viver a sincronia na diacronia, percebendo-se como parte de um macro, sem desconsiderar o micro, sentindo-se singular na universalidade e na diversidade do mundo. Esta idéia pode ser mais bem compreendida pelas colocações do autor:

“As sociedades contemporâneas, a despeito das suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório” (IANNI, 2003, p.39).

Pelo fato de vivermos em contextos marcados por mudanças intensas e velozes, as dimensões da vida social, individual e coletiva têm sido afetadas por paradoxos substanciais que, por conseguinte, geram a complexidade do mundo, e, com ela, a ampliação das desigualdades sociais.

Embora saibamos que na sociedade global predomina o interesse em promover a interdependência entre nações, o que se observa na realidade é que, ousadas práticas de dominação e submissão de alguns povos sobre outros estão cada vez mais presentes, produzindo desigualdades extremas, tensões e antagonismos que se ampliam na contemporaneidade. Ianni complementa essa contextualização ao analisar que

“[...] mais do que nunca, as desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais estão lançadas em escala mundial. O mesmo processo de globalização, com que se desenvolve a interdependência, a integração e a dinamização das sociedades nacionais, produz desigualdades, tensões e antagonismos. O mesmo processo de globalização, que debilita o Estado-Nação, ou redefine as condições de sua soberania, provoca o desenvolvimento de diversidades, desigualdades e contradições em escala nacional e mundial” (IANNI, 2003, p.49).

No tocante ao desenvolvimento de diversidades, a sociedade civil aparece como um novo arranjo social, cujos sujeitos são motivados a questionar a ordem estabelecida, buscando meios para compreender os mecanismos sutis de reprodução da ideologia capitalista, organizando ações capazes de erradicar ou minimizar as desigualdades sociais produzidas na totalidade histórica – social, abrangente, heterogênea, contraditória e complexa – que caracteriza a realidade atual do mundo.

Nessa “totalidade destotalizada”, conforme identifica Beauvoir, vivemos para construir o sentido de nossa existência, a partir da compreensão de nossa identidade singular, que nos conduz ao entendimento de nós mesmos e dos outros, neste complexo episódio que é a vida do ser humano em sociedade. Estar no mundo e viver as diversas possibilidades e condições de ser, nesse sentido, constitui um grande desafio para todos nós, que começa a ser vivido bem cedo na vida de cada um, com o nascimento.

A busca de uma compreensão profunda do ser humano sobre si mesmo, bem como a construção de um sentido para a vida e a existência humanas foram, sem dúvida, temas de reflexão, considerados pela perspectiva teológica de Gesché, que nos contempla com o seu entendimento sobre a complexidade do ser, afirmando que “O que o ser humano é, de fato, se apresenta como uma espécie de enigma. Ser “inexato” [...], como que perdido [...]. mas ele procura as marcas que lhe dirão verdadeiramente o que ele é” (GESCHÉ, 2003, p.93).

A inexatidão do ser, que se apresenta sob a forma de enigma, conforme a colocação de Gesché, tem se ampliado neste tempo de incertezas e

imprevisibilidades, em que o conhecido coexiste com o desconhecido, o lógico com o psicológico, o racional com o irracional, a ordem com a desordem, em uma época de crises, paradoxos e transformações de naturezas variadas. Nesse contexto de tamanha complexidade, o ser humano está tentando se compreender para, concomitantemente, compreender os grandes dilemas da sociedade, assim como reflete o autor, a seguir:

“O ser humano é o ser que quer desvencilhar-se, na medida do possível, de tudo o que possa ditar, como vindo de outro planeta ou de outra vontade, seu caminho na terra; que quer vencer tudo o que apareceria como que emitindo um som de fatalidade. Combatendo a fome, a injustiça, a dependência; lutando por moral, por direitos e por deveres; perseguindo o desígnio da ciência e do pensamento, o ser humano é visto, além desses combates, como ser que luta para descobrir-se verdadeiramente ser humano” (GESCHÉ, 2005, p.79-80).

Descobrimo-se verdadeiramente humano, o ser constrói condições para viver e conviver socialmente a partir de um reencontro com a sua própria humanidade, compreendida aqui como uma possibilidade de superação da imanência e uma forma de transcendência humana, pelo exercício da liberdade.

Ponce, ao pensar sobre o sistema de vida e as condições da sobrevivência humana na modernidade e na contemporaneidade, faz uma reflexão sobre a humanidade, afirmando que somente ela pode resgatar os diversos sentidos que compõem a vida e a existência do ser humano. A descoberta da própria humanidade constitui, portanto, uma construção humana permanente, um processo de busca em constante devir, conforme as colocações da autora:

“Trata-se de buscar-se com a clareza de que não se busca algo pronto. A dificuldade e a beleza dessa busca consiste no fato de que ela é exatamente o fazer-se e o saber-se da humanidade, o que nos torna *faber* e *sapiens* do mundo e de nós mesmos” (PONCE, 1995, p.20).

Nesta busca do vir-a-ser cada vez mais humanizado, o indivíduo tem se esforçado, em geral, para libertar-se do imanente e lutado para romper com sua própria alienação, não apenas para viver a vida, mas, sobretudo, para existir e viabilizar-se como humano em sua plenitude, pelo “tempo da consciência, [...] consciência verdadeira, contanto que ela possa sê-lo, digamos, a consciência lúcida ou sem ilusões – a que consegue alcançar algo do real” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.16).

Ao refletir sobre o processo incessante de profundas transformações pelo qual a sociedade passa na atualidade, Silveira nos ajuda a compreender o vasto cenário dessa “aldeia global”, ainda marcada por desigualdades sociais, violência, precárias condições de vida e paradoxos, e que, ao mesmo tempo, nos leva a exigir uma Pedagogia dos Direitos Humanos, uma pedagogia que possibilite construir a nação cidadã, garantindo o respeito aos direitos básicos de cidadania. Para a autora:

“Construir a cidadania é defender a vida, a dignidade da pessoa humana, é capacitar crianças, adolescentes e adultos para defenderem seus direitos e cumprirem seus deveres. Preservar a cidadania implica em denunciar a violação desses direitos e educar para que todos se constituam sujeitos da sua história e da história de sua sociedade, por ações político-sociais, voltadas para a transformação social” (SILVEIRA, 2001, p.11).

Defender a vida e assumir essa atitude política por toda a existência do ser implica lutar pela garantia de acesso aos direitos e condições básicas de sobrevivência digna a todo e qualquer cidadão, que o permita ser sujeito de si mesmo e capaz de interpretar consciente e criticamente a sua natureza humana, social e histórica.

Ressaltamos, nesse sentido, que em todas as fases da vida, os indivíduos precisam se educar, se desenvolver, sendo atendidos em suas especificidades, de modo que seus direitos sejam valorizados e respeitados. Crianças, pré-adolescentes, adolescentes, adultos e idosos devem aprender a ser responsáveis, cada um a sua maneira, pelos processos de produção,

reelaboração e transmissão dos bens social e historicamente construídos, valorizando o seu saber como uma das maneiras de fortalecer a sua própria identidade, bem como reconhecendo a cultura da sociedade em que vivem.

Para que essa utopia se configure em realidade, de fato, o ser humano, em qualquer etapa da vida, precisa descobrir a necessidade e a importância de se educar continuamente. Além das habilidades iniciais adquiridas nos primeiros anos de escolaridade, o ser humano pode e necessita adquirir outras habilidades para viver a complexidade dos relacionamentos humanos e da própria vida em sociedade, o que ocorre através de processos socializadores, dentre eles, os educacionais formais e não-formais. No que diz respeito à Educação de Adultos, a Declaração de Hamburgo confirma essas idéias ao atribuir à Educação um significado político-social importante, conforme segue:

“A educação de adultos, [...] torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. [...] além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura da paz baseada na justiça” (DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, 1999, p.19).

De acordo com este princípio sobre a educação de adultos adotado pela Declaração de Hamburgo, os processos educacionais vividos ao longo da experiência do ser humano assumem função precípua no alcance da paz comunitária local e global, sendo requisito para a construção de uma práxis dialógica entre as pessoas, que considera a autenticidade do ser fundamento primordial. Na ausência dessa práxis, que decorre de um processo de desconsideração e de subestimação do humano, Maroni observa que

“[...] as pessoas são artificiais, vivenciam papéis estereotipados, repetitivos, absolutamente não criativos. Vivenciam profunda solidão, sentem-se despersonalizadas e massacradas por um mecanismo gigantesco, onde cada uma é peça intercambiável. Para criar, é preciso abrir passagem para o Deus Eros, o deus do amor, da junção, da união, da multiplicação. É preciso abrir passagem para a idéia de que cada um

de nós é insubstituível e, quero enfatizar: cada um de nós é insubstituível tanto nas organizações, sejam elas quais forem, como na vida” (MARONI, 2000, p.259-60).

A Educação ao longo da vida representa um forte instrumento de desenvolvimento do ser, e a práxis dialógica constitui-se em rica possibilidade de autoconhecimento, reconhecimento, valorização da existência do outro, interação, construção de percepção sobre as várias dimensões da vida e ações que visam, sobretudo, à transformação social, o que nos leva a compreender a importância e a necessidade da construção do conhecimento acadêmico-científico.

A ciência e o avanço do conhecimento inovador definem novas formas de civilização e civilidade entre os seres humanos. A universidade brasileira se constitui, nesse sentido, em espaço privilegiado de debates fundamentados e questionamentos críticos para a compreensão de questões locais e globais. Tem, como função, interagir com a comunidade e assumir a cultura do intercâmbio entre as diferentes áreas de conhecimento, dedicando-se à construção de proposições alternativas.

A comunidade acadêmica não pode se restringir a uma postura de auto-suficiência, como se pudesse resolver todos os problemas da realidade social. Caracterizada pela diversidade, geradora e divulgadora de conhecimentos, a universidade deverá aprender a ser mais solidária, reconhecendo-se como espaço democrático de diálogo e construção do conhecimento.

Pautada em princípios éticos de solidariedade e praticando a construção coletiva do conhecimento, a universidade poderá garantir a sustentabilidade de suas idéias e projetos, fortalecendo-se como organização interessada em desencadear ações voltadas ao desenvolvimento humano e à transformação social. Cabe então destacar que temos vivido desde as duas últimas décadas um grande movimento de transformação social, resultante da criação de programas de desenvolvimento humano, no qual pessoas de diferentes faixas etárias são atendidas. Esta pesquisa coloca em destaque as ações de um programa destinado a pessoas idosas.

Embora saibamos que muitas propostas de gestão da velhice e do envelhecimento humano não representam qualquer ideal de atendimento, cuidado ou tratamento e, principalmente, de valorização das pessoas idosas, haja vista a prática recorrente da perpetuação de estigmas negativos sobre elas e a decorrente homogeneização do processo de envelhecer, não podemos desconsiderar a existência de programas que se sustentam, de fato, na concepção heterogênea da velhice e do envelhecimento, e que conseguem praticar ações considerando os processos singulares de desenvolvimento do ser; dentre eles, programas inovadores dos variados espaços de convivência, centros de referência e, em particular, das Universidades Abertas à Terceira Idade, onde o envelhecimento pode ser vivido de múltiplas formas, como aponta Quaresma:

“[...] o envelhecimento da sociedade e de cada um de nós revela-se profundamente interpelante e desafiante, pelo que transporta de novo na reciprocidade da relação sociedade/sujeito. Os ganhos em anos de vida entrosam-se em novos comportamentos, estilos de vida, expectativas e valores, com repercussões nas formas de viver e experimentar as diferentes fases da existência e as formas de sociabilidade e convivência” (QUARESMA, 2006, p.20).

O aumento significativo da população com idade superior a 60 anos é um fato mundial. No Brasil, esta realidade constitui-se preocupante e desafiadora frente à necessidade de elaboração de políticas públicas eficazes para esse contingente de pessoas. O apontamento dessa expressiva mudança demográfica, que decorre basicamente de fatos como a diminuição da mortalidade infantil, o aumento da expectativa de vida em função das conquistas científicas e médico-sanitárias e a melhoria dos serviços de infraestrutura básica, revela, por sua vez, que

“[...] de todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável, o mais certo em sua marcha, o mais fácil de prever com muita antecedência, e, talvez, o de conseqüências mais pesadas é o envelhecimento da população” (SAUVY apud BEAUVOIR, 1990, p.271).

Diante dessa realidade, a criação das Universidades Abertas à Terceira Idade como uma proposta concreta em várias regiões de nosso país tem propiciado que as representações socioculturais que se encontram enraizadas no conceito de velhice sejam modificadas substancialmente em razão da participação dos idosos nesses espaços. Isto ocorre, na medida em que tais indivíduos, considerados sujeitos, passam a lutar pelo rompimento dos preconceitos historicamente vividos para celebrar o processo de envelhecimento, no qual a realização pessoal pode ser, e é, experimentada mais plenamente.

Embora até o momento não tenhamos o número exato de instituições sociais preocupadas em acolher as pessoas idosas em suas especificidades, dada a sua extensão e complexidade, sabe-se que estudos e pesquisas acerca do processo de envelhecimento humano na contemporaneidade devem ser desenvolvidos, haja vista o grande número de instituições sociais, como algumas instituições de educação superior, que já despertaram para o fato de que a velhice, enquanto um fenômeno natural e heterogêneo da existência do ser humano, não pode continuar sendo desconsiderada do conjunto de temas que permeiam a luta pela construção de políticas públicas eficazes em nosso país.

As universidades, nesse sentido, precisam desenvolver novas concepções e novos sentidos de velhice e envelhecimento, na direção da contrageneralização e efetivando a formação e o desenvolvimento de estudiosos, pesquisadores e profissionais com capacidade para compreender que a universidade se constitui em um local de agregação das diversidades humana e social, onde a socialização entre pessoas jovens e idosas se faz necessária e constitui, de fato, uma possibilidade.

Esses desafios vêm sendo enfrentados por instituições de educação superior (IES), tais como, universidades, que assumem o compromisso de instituir formas diferenciadas de ensino e pesquisa, voltadas para as questões do envelhecimento humano, da velhice e as possibilidades de reconceber essa realidade.

A realização desta pesquisa integra esse contexto e mobiliza esforços pessoais de enriquecimento e ampliação dos conhecimentos gerontológicos, sustentando a minha trajetória profissional como educadora e pesquisadora, através de minha participação no Grupo de Pesquisa: “Educação, Longevidade e Qualidade de Vida” – ELO.

O objeto deste estudo teve, portanto, seus contornos delineados em minhas experiências profissionais, nas aprendizagens construídas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, assim como nos trabalhos realizados no ELO, ambos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

As reflexões e análises, tanto de caráter teórico como empírico, tiveram como objetivo compreender os significados da experiência singular do envelhecimento de dez mulheres idosas que freqüentam um programa de educação desenvolvido por uma instituição de educação superior privada da cidade de São Paulo, considerando as razões do seu ingresso, suas expectativas em relação às propostas e dinâmicas do programa, tipo de participação e as percepções das entrevistadas sobre a convivência com as colegas e as aprendizagens mais significativas construídas ao longo desse processo.

A apresentação do trabalho foi organizada contemplando estes focos de análise, de modo a delinear o percurso do seu desenvolvimento, iniciando-se com a sistematização de conceitos, considerada pertinente ao apoio teórico do estudo, cujos resultados se encontram no Capítulo 1, sendo retomados no Capítulo 3, no qual se encontram os resultados da análise dos dados. O Capítulo 2 remete à caracterização do lócus e dos sujeitos entrevistados. A idéia de continuar semeando motivou a inclusão de algumas considerações, finalizando esta dissertação.

CAPÍTULO 1

Envelhecimento como processo. Velhice como condição.

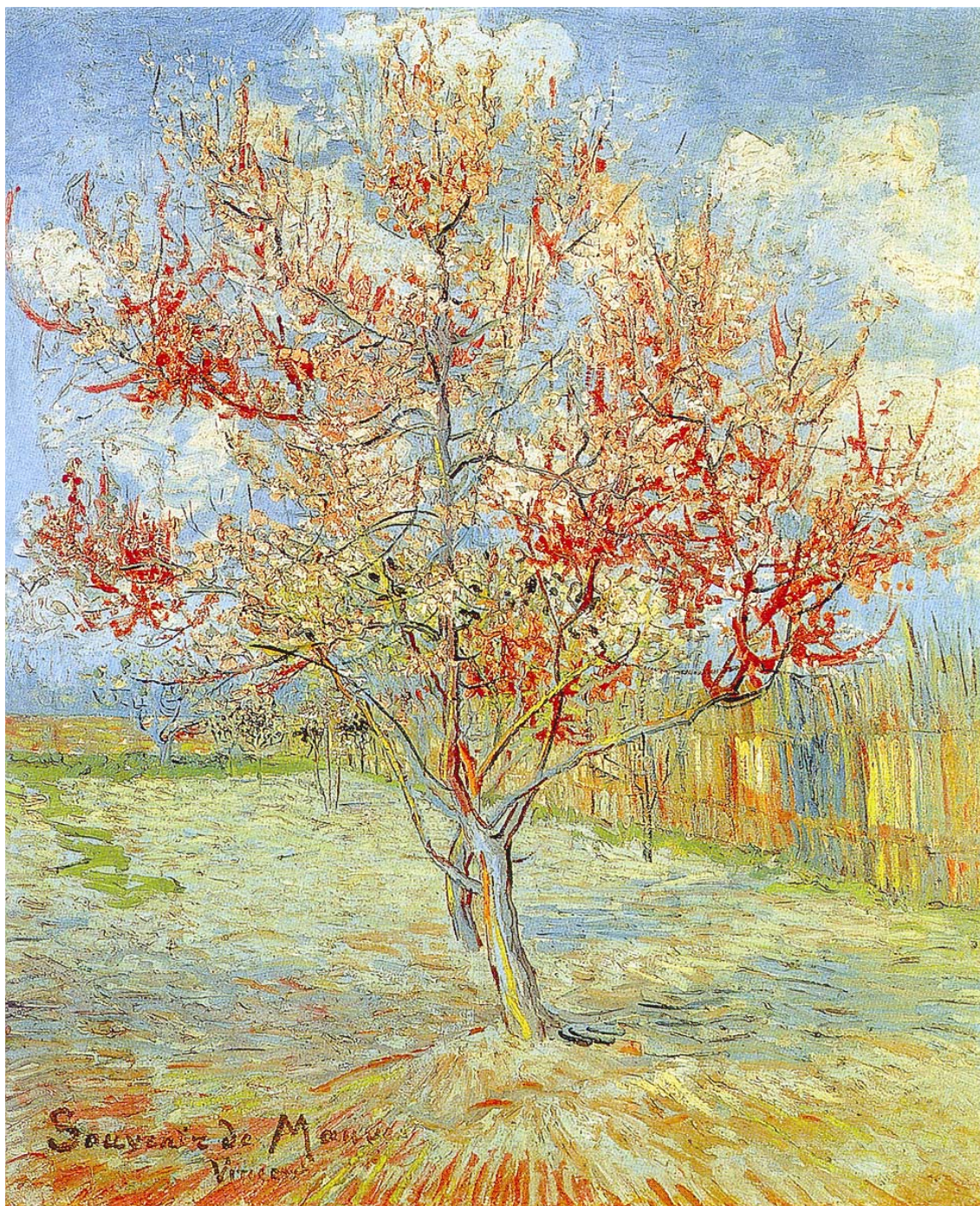


Imagem: *Pessequeiro em flor* – Vincent Van Gogh

*“[...] Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos
edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.”*

Carlos Drummond de Andrade

1.1. Viver e ser pessoa idosa

Viver o processo de envelhecimento e ser pessoa idosa no mundo contemporâneo é, sem dúvida, uma questão que se apresenta sob a forma de preocupação humana iniludível. Especialmente sob a perspectiva do mundo ocidental, que constrói a forte relação entre velhice e “espécie estranha”, conforme cita Beauvoir: “A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?” (BEAUVOIR, 1990, p.348).

A dificuldade em assumir a condição de pessoa envelhecida constitui, portanto, um fato real da existência do ser. A associação da idade avançada aos fantasmas da castração faz o inconsciente ignorar a condição da velhice e alimentar a ilusão da eterna juventude. Convém lembrar, nesse sentido, que embora em muitos casos a experiência de vida do humano e sua vivência pessoal não indiquem o seu número de anos, do mesmo modo a verdade da velhice precisa ser conhecida por ele, se o transcorrer de sua vida lhe permitir, para que possa transcender a ilusão de que a pessoa idosa é sempre o “outro”, apenas porque a velhice surge mais visivelmente para os outros que para os próprios sujeitos, mesmo sendo pessoas idosas.

A senescência do outro pode, inquestionavelmente, ser uma realidade. No entanto, devemos lembrar que o envelhecimento e a velhice, vistos como um processo de desenvolvimento e amadurecimento, bem como a condição do

sujeito no mundo, não existem apenas para o outro, mas também para muitos indivíduos que vêem esse outro, tomando consciência de si, por si mesmo e através do outro, em uma relação dialética. Esta idéia pode ser explicada por Beauvoir quando a autora considera que o envelhecimento já está contido em cada organismo desde o seu início e a velhice é, portanto, a consequência de sua realização concreta (BEAUVOIR, 1990, p.33).

Representando uma etapa da existência, a velhice não se configura como destino para todos, especialmente em nosso país, mas sim uma complexa, possível e específica condição da vida do indivíduo que pôde viver sua evolução biopsicossocial, o transcorrer da periodização da vida; o avanço da idade e o conhecimento, assim, de algumas de suas características, sejam elas cognitivas, psíquicas, socioculturais, corporais, espirituais ou religiosas, através de sua vivência singular nos tempos externo e interno, como ser de relações sociais e humanas. Ao afirmar que as diferentes sociedades e culturas elaboram a periodização da vida e desenvolvem sentidos e práticas próprias para cada etapa e passagem do ser pelo tempo, Barros reflete sobre a existência social do indivíduo, conforme exposto:

“[...] embora estejamos inseridos na sociedade, a compreensão que temos de nós mesmos parte do valor que atribuímos ao mundo interior, à nossa subjetividade, aos sentimentos e emoções que definem nossa identidade psicológica e nossa singularidade. Nos entendemos como uma biografia ímpar e avaliamos o percurso de nossas vidas baseados em concepções como a felicidade pessoal, o desenvolvimento e aprimoramento de nós mesmos” (BARROS, 2004, p.45).

A vivência, o transcorrer do ser por toda a existência, e a consciência de que a passagem pelo tempo transformou-o em uma pessoa idosa, portanto, podem ser consideradas questões antropológicas, porque o ser humano, nas etapas mais avançadas da vida, de variadas formas e sob diversos graus de superficialidade e profundidade, vem procurando compreender suas maiores preocupações, seus dilemas, os mistérios e as questões de sua pessoalidade,

humanizando-se a partir da construção de significados para sua vida em sociedade.

Lembramos que a humanização da pessoa idosa depende do reconhecimento de sua condição no mundo. Reconhecer-se pessoa envelhecida, nesse sentido, significa viver este processo, tornando-se, de fato, ser humano capaz de assumir a complexa verdade da velhice como etapa da vida e da existência, e compreender esse novo estado, tanto no que diz respeito às percepções sobre si mesmo, como em relação à consciência sobre os relacionamentos pessoais e as formas de ser humano idoso em sociedade. O reconhecimento dessa condição e a compreensão desse estado colocam a pessoa idosa em processo constante de vir-a-ser, que pode ser explicado pela perspectiva filosófica de Contaldo. Segundo esse autor,

“O ser humano diferencia-se do animal porque seu destino não está traçado no automatismo do instinto, não é coisa acabada, justaposição de órgãos e vida animada, mas sujeito que se autoconstrói permanentemente na história [...]” (CONTALDO, 2005, p.95).

A construção do sujeito na história, em geral, e das pessoas idosas, em particular, deve ter como referência a experiência singular da vivência do ser, ou seja, cada um de nós vive o seu processo de existência de maneira única, e atribui à sua vida significados diferenciados que, por conseguinte, dependem de cada cultura e de cada subcultura em diferentes contextos sócio-históricos. Segundo Kertzman e Trench:

“Sabe-se que o envelhecer é um processo objetivo e subjetivo ao mesmo tempo, regido pela cronologia, pela cultura à qual se pertence e também pela vivência pessoal, estando assim atravessado tanto por intercorrências externas como por internas. O envelhecer não é considerado, atualmente, uma experiência homogênea, como era considerado anteriormente. Hoje é sabido que são várias as modalidades e experiências de envelhecimento, e as configurações que adquirem as diferentes ‘velhices’” (KERTZMAN e TRENCH, 2005, p.208).

As autoras afirmam ainda que o processo de envelhecimento e a velhice significam uma construção humana permanente, na qual a pessoa, em especial a pessoa idosa, depara-se com novos desafios existenciais, devendo renunciar a uma certa continuidade, sobretudo biológica, e desenvolver atitudes psicológicas para vivê-los plenamente, superando dificuldades, conflitos possíveis e consolidando possibilidades. Viver o processo de envelhecimento é, portanto, construir um caminho existencial único, que só a pessoa que envelhece e tem a oportunidade de viver a velhice pode dizer o que significa vivê-la. “Envelhecer satisfatoriamente, depende, pois, do delicado equilíbrio entre as limitações e as possibilidades do indivíduo [...]”. (KERTZMAN e TRENCH, 2005, p.209).

Do mesmo modo que as duas condições do ser, a vida e a existência, variam conforme circunstâncias e percepções singulares, as concepções sobre a velhice e o processo de envelhecimento do ser são heterogêneas. De fato, o processo de envelhecimento e a velhice coexistem à própria noção de vida e existência singular do indivíduo, sendo o reflexo do percurso da pessoa pelo tempo. Messy nos ajuda a compreender essa questão ao afirmar que “[...] o envelhecimento, como processo normal, é a expressão da temporalidade da pessoa e adere à história de sua vida. Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior [...]” (MESSY, 1990, p.22).

Sendo a velhice a condição humana que simboliza a passagem do ser pelo tempo, o envelhecimento expressa, nesse sentido, o processo da temporalidade no ser. Pode-se dizer, portanto, que as concepções, as interpretações e as representações sociais sobre a velhice e o processo de envelhecimento, historicamente construídas, são caracterizadas pela multiplicidade e não pelo absolutismo, como admite Birman:

“[...] a juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência. Como interpretações, em contrapartida, estas concepções se transformam historicamente. Portanto, não existe qualquer substancialidade absoluta no ser da velhice e da juventude, pois estes são conceitos construídos

historicamente e que se inserem então ativamente na dinâmica dos valores e das culturas que enunciam algo sobre o seu ser” (BIRMAN, 1993, p.30).

Ao assumir sua concepção não absoluta, constituindo-se, portanto, em uma interpretação sobre a trajetória de vida da pessoa idosa, a velhice e o processo de envelhecimento assumem características como heterogeneidade e subjetividade. Viorst contempla esta idéia ao refletir sobre o processo de evolução humana, considerando uma grande variedade de assuntos ligados à condição de pessoas comuns.

A velhice e, mais especificamente, o processo multifacetado da experiência do envelhecimento foi, sem dúvida, amplamente discutido pela autora, como expresso na idéia de que “[...] não existe um modo ‘certo’ de viver completamente a velhice. As pessoas envelhecem de vários modos” (VIORST, 2005, p.302).

Considerando a subjetividade e a heterogeneidade do fenômeno do envelhecimento e, portanto, valorizando a concepção de velhice como uma condição da vida construída a partir da singularidade do ser, a mesma autora afirma que os indivíduos reagem às múltiplas situações dessa fase de maneiras completamente distintas. Segundo Viorst:

“Existem velhos, tanto homens quanto mulheres, por exemplo, para os quais cada dor, cada mal-estar, cada declínio físico ou limitação representa um ultraje, um assalto, uma humilhação, uma perda intolerável. Mas há também os que conseguem uma visão mais positiva do assunto e que podem dizer, como o escritor francês Paul Claudel: ‘Oitenta anos: sem olhos, sem ouvidos, sem dentes, sem pernas, sem fôlego! E, no final das contas, é espantoso como se pode passar bem sem eles!’” (VIORST, 2005, p.293).

Salgado (1982) propõe que a velhice seja entendida como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio. Com

o avanço da idade, portanto, a constituição da pessoa idosa se transforma e provoca alterações em suas vivências pessoais e interações sociais. No que tange às transformações biológicas ocorridas no processo de envelhecimento, temos que a Medicina e as Ciências Biológicas não pretendem mais atribuir uma causa específica a esse processo, ao passo que ele já foi suficientemente desvendado por trabalhos científicos.

A Medicina considera o envelhecimento inerente ao processo de vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte. Podemos dizer que as alterações substanciais que ocorrem nos seres humanos durante as várias etapas do processo de evolução que compõe a vida, desde a fecundação do óvulo e a constatação de vida do feto, até o nascimento, a infância, a pré-adolescência, a adolescência, a vida adulta, a velhice e a morte, “[...] sobrevêm quando um determinado programa de crescimento e de maturação chegou a seu termo” (LAMBIOTTE apud BEAUVOIR, 1990, p.32-3).

Hoje, experiências bem-sucedidas em Ciências Médicas e Biológicas atestam que, além das combinações celulares, as próprias células também se alteram ao longo dos anos; ou seja, a velhice, fase em que se encontra o indivíduo idoso, seria, então, o resultado do enfraquecimento do sistema que normalmente determina a produção de proteínas celulares. Mercadante considera esta questão ao abordar o processo de envelhecimento sob o enfoque da Biologia Molecular e Celular. A autora aponta a existência de alguns estudos que confirmam o declínio dos mecanismos que estão envolvidos com a renovação de proteínas durante o processo de envelhecimento, conforme segue:

“Quanto às proteínas, muito já se ouviu falar sobre suas funções. Além de constituírem o componente celular mais abundante, elas participam de quase todos os processos biológicos. Elas formam as estruturas de sustentação das células e também catalisam as reações biológicas e, nesse caso, são denominadas enzimas. Muitas outras funções celulares são desempenhadas por proteínas [...]. Várias evidências sugerem que no processo de envelhecimento ocorrem danos nessas moléculas

essenciais: nas proteínas e no DNA. Numerosos estudos reportaram que danos no DNA, como mutações somáticas e outras modificações, aumentam durante o envelhecimento” (MERCADANTE, 2005, p.26).

Sendo o envelhecimento e a velhice muitas vezes responsáveis pelo surgimento de perturbações no organismo do indivíduo, influenciando assim, o aparecimento de doenças e a aceleração da senilidade como consequência desse processo e condição, que inclui degeneração, mas não somente, a relação de estigma entre velhice e doença pode ser compreendida segundo a visão de Blessmann:

“As doenças são estigmas do envelhecimento. Há uma relação de reciprocidade entre velhice e doença, tão enraizada, que fica difícil lembrar que doença é acidente, e que pode acontecer a qualquer pessoa, em qualquer idade, enquanto a velhice consiste em uma etapa da vida e que só não envelhece quem morre cedo” (BLESSMANN, 2004, p.30).

As considerações apontadas anteriormente, segundo Blessmann, nos remetem à idéia de que não podemos nos esquivar dos processos degenerativos, muitas vezes causadores de doenças em pessoas idosas. Entretanto, deve-se ressaltar que diversas patologias que acometem pessoas idosas não se constituem em uma realidade específica desse público em particular, ou seja, pessoas mais jovens também são acometidas pelas mesmas patologias em seu processo de vida. Ao falar sobre as enfermidades sofridas pelos indivíduos em qualquer etapa da vida, considerando a velhice não a única etapa, mas uma etapa em que algumas patologias se desenvolvem, Blessmann pratica uma mudança de paradigmas com relação aos estigmas negativos vividos pela pessoa idosa, consolidando a perspectiva da complexidade desse processo de desenvolvimento humano.

Sendo a velhice uma etapa avançada da vida do ser, uma condição que caracteriza a posição do indivíduo idoso no mundo, um estado que reflete a vivência da temporalidade e a continuidade do percurso concreto de existência humana, Anjos (2005), a partir de uma perspectiva teológica, considera os

conceitos de dignidade e vulnerabilidade com o intuito de refletir sobre a complexidade do ser que, em nosso caso, sustenta a relação de antagonismos que caracteriza o processo de envelhecimento e, mais especificamente, a velhice do humano, na qual a corporeidade, como condição antropológica, se faz presente.

A corporeidade do humano, concebida antropológicamente, e vista sob os enfoques da dignidade e da vulnerabilidade, é a referência de sua humanidade. É através do corpo que realizamos a experiência concreta da vida e podemos elaborar psiquicamente o processo existencial que dela decorre.

Matos, ao abordar o corpo como questão que assume centralidade na sociedade contemporânea, reflete sobre o crescimento do interesse que este tema, em particular, vem ganhando nos últimos anos. Anteriormente ocultado, o corpo vem sendo exposto e passou a constituir, atualmente, objeto de investigação e interpretação. Em função da existência concreta do corpo e no corpo, o ser se constrói permanentemente em seu percurso de vida, conforme expõe Matos:

“A vida é uma experiência que se tem com e no corpo. Nela, o nascimento, crescimento, funcionamento do organismo (respiração, digestão, reprodução, necessidade de alimentação, sono, contato físico, sexo, doença, morte) leva a pensar o corpo como constante e inquestionável, mas as formas como essas necessidades e funções físicas são entendidas, tratadas e praticadas contém diversidades [...]” (MATOS, 2005, p.67).

O corpo, entendido como instrumento de realização das múltiplas experiências existenciais do humano, é caracterizado por temporalidades. Temporalidades que se expressam e são sentidas de maneiras subjetivas. Como seres corpóreos, vivemos as perspectivas de tempo externo e tempo interno como processos singulares, percebendo claramente as transformações ou as alterações na constituição geral ocorridas na dimensão corporal, que decorrem de nossa própria passagem pelo tempo, assim como expõe Blessmann:

“Embora não ocorra da mesma forma, nem na mesma época para todas as pessoas, não podemos negar que, à medida que o tempo se impõe, a execução do gesto motor se deprecia, a agilidade diminui, a plasticidade vai se tornando rude, a coordenação vai se tornando alterada pela falta do ritmo e da seqüência natural dos movimentos, e isto passa a ser motivo de preocupação. Então, podemos dizer, chega uma hora em que a realidade natural e concreta da velhice é incorporada, e é neste momento que o significado do corpo se volta à funcionalidade. Já não é necessário um corpo belo, mas sim um corpo saudável” (BLESSMANN, 2004, p.29-30).

Tendo a pessoa um corpo que é influenciado pela cultura e, ao mesmo tempo, que é sujeito de criação da própria cultura, o desafio é entender como o corpo foi construído, representado e vivido, compreendendo-o como uma organização individual e, principalmente, como um processo de relações pessoais singulares, e, fundamentalmente, socioculturais. O corpo do indivíduo, como unidade a ser considerada, deve ser o ponto de partida para o entendimento do ser. Visto sob a perspectiva do processo de relações, o corpo constitui a base para a consolidação das dignidades e do reconhecimento das vulnerabilidades do ser, na qual a valorização do “eu” e do “outro” assumem grande relevância nesse percurso de vir-a-ser e de humanização, conforme apresenta Anjos:

“[...] enquanto missão, ela traz consigo não o ‘eu’ simplesmente, mas, ao mesmo tempo, o ‘outro’, pois é da qualidade dessa relação que ela se constitui e se alimenta. E colocando-se a dignidade como aprendizado, planta-se a questão de como lidar com o poder e a vulnerabilidade de nossos seres corpóreos postos em relações. Assim, não se pode entender o conceito de dignidade sem o apelo ao conceito de vulnerabilidade. No espelho da dignidade, podemos ver-nos com entusiasmo em nossa corporeidade, mas com realismo descobrir-se-á, ali, a necessidade de aprender a lidar com a própria vulnerabilidade e a dos outros” (ANJOS, 2005, p.280).

No tocante a estes dois conceitos, o de dignidade e o de vulnerabilidade, pode-se dizer que eles se relacionam com o binômio poder-fraqueza, freqüentemente sentido no corpo da pessoa idosa e reconhecido através de suas relações e vínculos sociais estabelecidos com o mundo exterior. Anjos considera os dois pólos extremos do ser corpóreo, o poder e a fraqueza, nos quais naturalmente ocorrem experiências intermediárias, como sendo os representantes da dignidade e da vulnerabilidade, respectivamente:

“Duas experiências, aparentemente antagônicas, da vida atual sugerem-nos os conceitos de base para esta elaboração. [...] A primeira evoca segurança, satisfação, poder. A segunda chama-se dor, sofrimento, finitude, doença, morte. [...] A mesma corporeidade vigorosa carrega fraquezas de muitos tipos. Por isso, um grande desafio da vida consciente, é como lidar de forma adequada com esses dois lados da corporeidade” (ANJOS, 2005, p.277-78).

Pode-se dizer, nesse sentido, que o aprendizado da dignidade e a compreensão de como se relacionar com as próprias vulnerabilidades constitui um grande desafio para o ser humano, especialmente para aqueles que já vivem a condição de pessoas envelhecidas. A habilidade de se relacionar com os dois lados da corporeidade, portanto, pode ser entendida como a expressão de um processo dinâmico que se constrói continuamente na vida dos seres humanos.

As pessoas idosas, em geral, podem desenvolver a consciência com relação às próprias dignidades e vulnerabilidades, seja no âmbito individual, a partir de uma reflexão profunda sobre si mesmas, seja no âmbito coletivo, através da ousadia do convívio singular e/ou das variadas formas de interação social na comunidade. Este processo de desenvolvimento, segundo Viorst, considera que

“A história antiga da vida de cada um é importante para determinar sua capacidade de mudar e crescer na velhice. Mas a própria idade pode dar origem a novas forças e novas aptidões não acessíveis nos outros estágios. Podemos adquirir maior sabedoria sobre a vida, maior liberdade,

maior perspectiva e mais força. Podemos ter maior candor com os outros, maior honestidade para conosco” (VIORST, 2005, p.309).

Os indivíduos, nos estágios mais avançados da vida, podem continuar se desenvolvendo integralmente. A velhice, em geral, é caracterizada por mudanças. Mudanças que são resultantes dos novos, alguns difíceis, e complexos processos que surgem no percurso de vida da pessoa idosa. Beauvoir, nesse sentido, expõe que “[...] a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo [...] instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida [...]” (BEAUVOIR, 1990, p.17).

As mudanças, compreendidas como características centrais do processo de envelhecimento e da velhice, ocorrem em várias dimensões do humano. Envelhecer significa, portanto, viver um processo de existência que envolve um movimento de mudanças e transformações dinâmicas e complexas:

“Envelhecer implica mudanças, mudanças na aparência, mudanças nos papéis sociais, mudanças no grupo de amigos e mudanças na vida familiar [...]. E durante muito tempo essas mudanças foram vistas somente como perdas, por ser assim que elas se apresentam. Mas as perdas, em um processo de mudança, implicam também em ganhos, à medida que novas possibilidades vão surgindo” (BLESSMANN, 2004, p.34).

Beauvoir reflete sobre as mudanças vividas pelo ser quando aborda a idéia que Howell, gerontologista americano, atribui ao processo humano de senescência. Esse autor considera a presença da imagem de uma “sucessão de degraus irregulares onde alguns despencam mais depressa que outros” para caracterizar o processo de envelhecimento e a velhice como condição do indivíduo (BEAUVOIR, 1990, p.40).

A relação entre envelhecimento, processo humano de senescência e declínio, conforme apresentada anteriormente, pode ser compreendida em função das mudanças, das múltiplas transformações e das perdas que retratam propriamente a velhice dos indivíduos. Viorst explica esta relação, conforme segue:

“Evidentemente, ninguém pode negar que a velhice significa o peso de profundas e várias perdas – da saúde, das pessoas que amamos, de um lar que foi nosso refúgio e orgulho, de um lugar na comunidade familiar, de trabalho, *status*, propósito e segurança financeira, do controle e das escolhas. O corpo nos informa o declínio das forças e da beleza. Os sentidos ficam menos aguçados, os reflexos, lentos. A concentração diminui, novas informações são processadas com menor eficiência, e há lapsos... – Como é o nome dela? Sei qual é... – na memória a curto prazo” (VIORST, 2005, p.292).

A estigmatização das pessoas idosas e a construção de estereótipos negativos que marcam a condição da velhice configuram-se, nesse sentido, em razão da experiência das perdas e, mais especificamente, da perda de controles. Controles que devem ser adquiridos nos primeiros anos de vida e mantidos para que os cidadãos sejam valorizados individualmente e plenamente reconhecidos socialmente. Citado por Debert, Featherstone considera três tipos de competências para que os indivíduos sejam plenamente reconhecidos como cidadãos de direitos, a saber:

“habilidades cognitivas – baseadas no uso da linguagem e na capacidade de comunicação, vitais para uma pessoa tornar-se autônoma e aceita; controles do corpo – a necessidade de controlar os movimentos do corpo, os movimentos dos nossos membros, rosto e cabeça, o grau de capacidades motoras que envolvem sentar, ficar de pé e andar, tanto quanto a capacidade de conter e reter os fluidos corporais; controles emocionais – a necessidade de controlar a expressão das emoções: raiva, ira, inveja, ódio, choro, amor, desejo – de modo que explosões emocionais e perda de controle somente tomem lugar em ocasiões e de formas que possam ser socialmente sancionadas e aceitáveis” (FEATHERSTONE apud DEBERT, 1999, p.67).

Na velhice, a perda de algumas dessas competências é inexorável. Messy aborda essa questão dizendo que tais perdas integram um processo em que nenhuma aquisição consegue preencher a falta. Segundo esse autor, “[...] de fato, a aquisição não é o reverso da perda, pois a noção de irreversibilidade

separa-as. O que é perdido, o é para sempre, nenhuma aquisição substitui a perda” (MESSY, 1990, p.22).

No entanto, embora a noção de velhice e envelhecimento esteja histórica e culturalmente relacionada à idéia de perda, acreditamos que não são somente as perdas que caracterizam essa fase da vida. A realidade da velhice e do processo de envelhecimento humano, considerando sua heterogeneidade, não pode ser apenas caracterizado por perdas. Segundo Messy:

“[...] antes de mais nada, num sentido habitual, o termo perda evoca, de imediato, o desaparecimento de objetos investidos por nós. Se fizermos pender o envelhecimento para o lado da perda, constataremos que concerne a todas as etapas da vida e não somente à última. A começar pelo envelhecimento-perda que marca nossa separação dos envelopes fetais. Acontece, com certeza, que o número de perdas vai aumentar com a idade. Isto é suficiente para rubricar a perda como traço específico da velhice?” (MESSY, 1999, p.20).

Entendemos que novas aquisições e aprendizagens significativas, que podem ser construídas individual e/ou coletivamente, ou até mesmo a elaboração sensata desse profundo processo de perdas “[...] que privam a imagem de seu objeto mas lançam-no em busca de um outro, apresentam-se, inquestionavelmente, como possibilidades às pessoas envelhecidas, ou seja, uma perda não é sempre um término, muitas vezes engendra uma aquisição” (MESSY, 1999, p.21).

Debert afirma o mesmo quando inverte a representação social da velhice como um processo único de perdas e atribui novas imagens e novos significados às etapas mais avançadas da vida e da existência do ser, nas quais a possibilidade de aquisição nos sugere, portanto, que o sujeito idoso e a própria velhice portam uma vivência e uma experiência singulares a serem comunicadas e compreendidas. Reconhecer isso é acreditar, inquestionavelmente, que a velhice pode se constituir em um momento de realização plena:

“[...] As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Essas novas imagens do envelhecimento que acompanham a construção da ‘Terceira Idade’ transformam a experiência do envelhecimento mais gratificante” (DEBERT, 1996, p.2).

Ao considerar essa realidade, na qual novas imagens e representações sociais acerca do processo de envelhecimento e da velhice surgem, Medeiros revela que essa mudança de paradigmas se dá em função de o envelhecimento ter se tornado um tema acadêmico e os institutos de pesquisa terem começado a apontar o número de pessoas idosas e sua expressiva participação na vida social. Segundo a autora:

“[...] os institutos de pesquisa começam a difundir a realidade dos velhos em nossa sociedade, e convém notar que os dados demonstram que a população idosa não é somente um peso para a família e para a sociedade” (MEDEIROS, 2004, p.189).

Situando historicamente a participação social dos idosos, veremos que na década de 1980, com a elaboração da Constituição Federal de 1988, os movimentos sociais deste segmento começam a ganhar expressividade, já que nesse período os idosos iniciam sua luta pela garantia dos direitos previdenciários, proventos, benefícios e reajustes de aposentadorias.

Convém lembrar, nesse sentido, que a velhice, os temas relativos ao processo de envelhecimento e as questões que norteiam a vida das pessoas idosas têm sido intensamente retratados pelos diversos veículos de informação e comunicação, fato que pode ser justificado, inclusive, pelo aumento da participação social dos idosos. Conforme Paz:

“[...] até as décadas de 1960 – 1970, o segmento idoso não fazia parte da cena do cotidiano brasileiro. Pouco havia, nesse cenário, de referências a organizações sociais ou entidades exclusivas de idosos” (PAZ, 2004, p.243).

Considerando, então, a possibilidade da participação social do idoso, seja em espaços privados e/ou públicos, começamos a admitir que estes indivíduos podem viver ativamente a dimensão política das interações sociais e, a partir delas, construir a auto-estima e os laços afetivos essenciais para viver com satisfação esse tempo da existência humana.

Valorizando a dimensão política das interações sociais, e respeitando os interesses individuais das pessoas idosas que procuram participar de atividades, dentre elas, aquelas propostas por Universidades Abertas à Terceira Idade, ressaltamos a importância de reflexões sobre esse tema e a necessidade de fortalecê-lo diante do grande desafio de elaborar políticas públicas capazes de atender plenamente as pessoas idosas em seus direitos humanos básicos, para sobrevivência e vivência na plenitude possível do ser.

Sendo participantes das atividades de construção, re-construção e disseminação dos bens culturais de uma sociedade, os idosos passam a interagir melhor com as outras pessoas porque se preparam para o contato intergeracional, na medida em que vivem a socialização e são valorizados na diversidade dos espaços sociais existentes.

Considerando que o processo de envelhecimento pode significar e, em nosso caso, significa uma construção e uma transformação gratificante da experiência de vida do ser, que decorre de sua evolução biopsicossocial, mas que se baseia em imagens e representações socioculturais inovadoras, devemos lembrar que a busca do conhecimento, em seu sentido amplo, e a vivência humana no espaço comunitário assumem grande relevância nessa trajetória.

1.2. Conhecer para conviver em comunidade

“... Vem e afaga-nos,
 Beija-nos silenciosamente na fronte,
 Tão levemente na fronte que não saibamos que nos beijam
 Senão por uma diferença na alma
 E um vago soluço partindo melodiosamente
 Do antiquíssimo de nós
 Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
 Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos...”
Álvaro de Campos, Heterônimo de Fernando Pessoa
 Fragmento de Dois Excerto de Odes
 (*Melhores Poemas*, p.108)

O que é que nos beija silenciosamente a fronte, a ponto de nem percebermos a leveza desse beijo, a não ser por uma diferença na alma e um vago soluço que surge das nossas profundezas? E quais frutos, dessas árvores de maravilha, parafraseando Fernando Pessoa, são os sonhos que afagamos e amamos?

Não há apenas uma resposta para essas questões, já que ao serem apresentadas na forma poética, conseguem tocar o universo subjetivo do ser humano, despertando interpretações e compreensões singulares. A capacidade de metaforizar, alegorizar e simbolizar a “paisagem de dentro”, os estados da alma, quando não a própria alma, tanto por sua pessoa quanto na pessoa de seus outros¹, sempre foi o desafio artístico-literário de Fernando Pessoa.

¹ Considera-se que a grande criação estética de Pessoa foi a gênese heteronímica praticada em sua obra. Os heterônimos, diferentes dos pseudônimos, são personalidades poéticas completas: identidades que, em princípio falsas, tornam-se verdadeiras através de sua manifestação artística própria e diversa do autor original. Entre os heterônimos, o próprio Fernando Pessoa passou a ser chamado de ortônimo, já que era a personalidade original. Entretanto, com o amadurecimento de cada uma das outras personalidades, o próprio ortônimo tornou-se apenas mais um heterônimo entre os outros. Os três heterônimos mais conhecidos (e também aqueles com maior obra poética) são Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Através dos heterônimos, Pessoa conduziu uma profunda reflexão sobre a relação entre verdade, existência e identidade.

Minha resposta, parcial e mutável, para as questões citadas anteriormente resume-se em um signo amplamente, e até difusamente, utilizado na contemporaneidade. Este signo, repleto de significados e por isso complexo, assim denominado “conhecimento”, remete-nos à capacidade e ao desejo humano de conhecer em várias dimensões, dentre as quais o conhecer-se para viver na plenitude do ser, o conhecer para despertar permanentemente a curiosidade, para ser humano e capaz de desenvolver o espírito crítico e, como consequência disso, o conhecer para existir no mundo.

Mas o que é então o conhecimento? E que tipo de conhecimentos ou de que maneira, sendo considerados aqui sob uma perspectiva crítica, ajudam-nos no desafio do autoconhecimento, na aventura da compreensão da realidade social e da nossa existência no mundo? Talvez, em razão da complexidade do tempo presente, vivido e sentido, torne-se difícil responder a essas indagações com a profundidade e o cuidado que elas merecem.

Entretanto, é neste tempo possível que permanecemos com a possibilidade do sonho, com a capacidade de refletirmos sobre temas importantes e, sobretudo, com a convicção de que as experiências de vida na contemporaneidade trazem consigo a necessidade da busca de novos e mais profundos conhecimentos sobre o contexto em que vivemos, sobre a existência do ser humano e sobre a vida, em seu sentido mais amplo. No que diz respeito à etimologia da palavra “conhecimento”, temos o seguinte:

“Conhecer + mento, com alt. da vogal temática “e”. Sinonímia de sapiência e prática. Antonímia de ignorância.” Seus significados e sentidos variam conforme o contexto de sua utilização e, dentre os que mais nos interessam, temos que: *“conhecimento é o ato ou a atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência”; “ato ou efeito de apreender intelectualmente...”; “p. met.² faculdade de conhecer*

² HOUAISS, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1911. p. met. (por metonímia): figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contigüidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensando [Não se trata de relação comparativa, como no caso da metáfora].

<é pelo conhecimento que se entende e interpreta o mundo>; “p. ext. frm. ant.³ noção que cada um tem de sua própria existência e das pessoas familiares, coisas, fatos do dia-a-dia, ; consciência, lucidez...”; “p.met. somatório do que se sabe; o conjunto das informações e princípios armazenados pela humanidade <avaliar todo o c. humano>; “Fil.⁴ Procedimento compreensivo por meio do qual o pensamento captura representativamente um objeto qualquer, utilizando recursos investigativos dessemelhantes – intuição, contemplação, classificação, mensuração, analogia, experimentação, observação empírica etc. – que, variáveis historicamente, dependem dos paradigmas filosóficos e científicos que em cada caso lhes deram origem” (HOUAISS, 2001, p.802).

Outros significados e sentidos, no entanto, existem para nos ajudar a compreender a complexidade do termo. Considerando essa complexidade, veremos que conhecimento, em seu sentido amplo, tanto em relação ao autoconhecimento do ser como também em relação ao conhecimento do ser sobre o seu contexto de vida e social, viveu e até hoje vive um processo de evolução e desenvolvimento que, curiosamente, coincide com a trajetória de edificação do mundo e do próprio humano como ser existente.

Burke, ao tratar sobre as sociologias e histórias do conhecimento, considera que a possibilidade de encontrar um sentido para o termo “conhecimento” é uma resposta para a pergunta “o que é conhecimento?” é

³ HOUAISS, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. ext. frm. ant. (por extensão, uma linguagem formal, um termo poético ou literário anterior).

⁴ HOUAISS, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1344. Fil. (Filosofia): 1. Amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua ignorância; 2. Amor da ciência, do saber, do conhecimento que tudo rege e unifica. 3. No Platonismo, investigação da dimensão essencial e ontológica do mundo real, ultrapassando a mera opinião irrefletida do senso comum que se mantém cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis; 4. No âmbito das relações com o conhecimento científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber; 5. No âmbito da relação entre teoria e prática, pensamento inicialmente contemplativo, em que o ser humano busca compreender a si mesmo e a realidade circundante, e que irá determinar, em seguida, o seu caráter prescritivo ou prático, voltado para a ação concreta e suas consequências éticas, políticas ou psicológicas; 6. Conjunto de concepções filosóficas comuns a determinado grupo social; pensamento coletivo.

quase tão difícil quanto o próprio ato de conhecer ou a pergunta mais famosa: “o que é verdade?”. Segundo esse autor, alguns sociólogos costumam afirmar “que vivemos hoje numa ‘sociedade do conhecimento’ ou ‘sociedade da informação’, dominada por especialistas profissionais e seus métodos científicos”. Convém ressaltar, nesse sentido, que se o foco de preocupação dos historiadores e dos pesquisadores na década de 1920 fixava-se na história dos preços em consequência da alta inflação, nas décadas de 1950 e 1960 o foco era a pesquisa em história demográfica, e, na década de 1990, a história social da informação e do conhecimento (BURKE, 2003, p.11).

A Sociologia do Conhecimento, como um empreendimento organizado e sistematizado, originou-se bem no início do século XX. Em várias regiões do mundo, principalmente aquelas que já se encontravam em franco desenvolvimento, pesquisadores da área social, assim como Augusto Comte, Emile Durkheim e seus seguidores, investigaram consistentemente a evolução histórico-social do conhecimento, percebendo, inicialmente, as categorias sociais ou “representações coletivas” sobre os mais variados assuntos da vida cotidiana que, inconscientemente, constituíam o fazer e, de certa forma, as próprias pessoas daquela época.

Se fizermos, portanto, uma “viagem” às nossas reminiscências, teremos o conhecimento religioso como a primeira forma de explicar e/ou responder algumas questões, objetos de preocupação e de curiosidade humana ao longo de toda a sua história, tais como o problema básico da existência, a explicação sobre a origem, a natureza e o “destino” do mundo e do ser humano, as forças que movimentam o universo em busca do equilíbrio fundamental do mundo natural que rodeia os indivíduos e do qual eles são parte inalienável. Para Garcia,

“[...] a Religião se vincula, sem dúvida, a alguma entidade sobrenatural, inacessível e incompreensível ela mesma, mas que elucida ou justifica o desconhecido, o mistério. Alguns autores chegam a afirmar que a Religião surgiu em função do respeito e da admiração do homem primitivo em face do desconhecido [...]” (GARCIA, 1998, p.89).

Outeiral, médico psiquiatra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aborda esta questão com especial cuidado e profundidade quando considera que “[...] desde sua ‘criação’, o homem tentou pensar sobre si mesmo, conhecer-se. Faz parte do ser humano e de sua identidade saber quem é. Tarefa nem sempre agradável, difícil, mas uma desafiadora e necessária aventura, própria e exclusiva do gênero humano” (OUTEIRAL, 2002, p.21).

Simbolicamente, a busca pelo conhecimento deve formar qualquer imagem e/ou mensagem que represente um movimento de compromisso político do cidadão, uma auto-realização do indivíduo e da coletividade humana, pautada em princípios éticos que não sejam o fruto de uma criação arbitrária e, como de costume, opressora, porque imposta por uns e aceita ingenuamente por outros, mas que sejam o resultado de uma práxis⁵, capaz de fortalecer as relações fraternas entre os sujeitos, ampliando assim sua capacidade no que se refere à vivência da dimensão comunitária da existência humana.

Admitir a importância do conhecer-se é fundamental para todo ser humano. E a possibilidade do “conhece-te a ti mesmo”, colocado sob a forma de pergunta permanente e, preferencialmente honesta, deve assumir, neste tempo complexo, um caráter de preocupação iniludível, fazendo os indivíduos entrarem em contato com sua própria história, em busca de sua identidade no contexto real, concreto e objetivo de vida e, sobretudo, sua humanidade de “seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 1987, p.30).

Martins de Sá também reflete esta construção do vir-a-ser cada vez mais humanizado quando aborda as descobertas das Biociências que, por conseguinte, consideram a relação entre a vida e o aprendizado permanente.

⁵ Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire nos ajuda a compreender o sentido do termo “práxis”, quando diz: “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (p.38); no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, há um sentido interessante para o termo: 4. parte do conhecimento voltado para as relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais.

Nesta perspectiva, os seres vivos, em geral, e os seres humanos, em particular, apresentam uma grande capacidade de adaptação ao seu meio e, de maneira flexível, podem aprender continuamente desde o nascimento até a sua morte. A educação, compreendida como uma possibilidade que se abre ao humano ao longo de sua existência, é refletida pelo autor conforme segue:

“Até quando, deve um homem educar-se? A resposta a esta questão depende da finalidade que se atribui à Educação. Se ela estiver voltada para o processo de humanização e de transformação social, com possibilidades de formação do homem integral, logo o processo educativo é algo permanente e co-existente à própria vida” (MARTINS DE SÁ, 2004, p.345).

Dentre as experiências do ser humano que promovem o seu desenvolvimento integral e, principalmente, a sua humanização, a vivência do aprendizado da religação, da complexidade e do amor, conforme sistematizado teoricamente por Morin, também nos ajuda a compreender a relação de coexistência do processo educativo com a vida. A missão do processo educativo

“[...] implica muito mais em aprender a religar do que, a aprender a separar, o que foi feito até o presente. É preciso, ao mesmo tempo, aprender a problematizar, [...] a partir do ser humano, mostrando-o em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais. Desse modo, poderia acessar as disciplinas, mantendo nelas a marca humana e, assim, atingir a unidade complexa do homem” (MORIN, 1999, p.50).

O aprendizado da religação supõe um processo educativo contínuo que se sustenta no princípio da singularidade do indivíduo e de sua existência. Considerando que a educação da religação tem como concepção a compreensão e o respeito à singularidade do humano, sua realidade de vida, suas experiências e seus conhecimentos prévios são reconhecidamente valorizados. Morin aborda esta questão quando considera que

“[...] somos filhos do cosmo, trazemos em nós o mundo físico, trazemos em nós o mundo biológico... mas *com* e *em* nossa singularidade própria.

Em outras palavras: para enfrentarmos o desafio da complexidade, precisamos de princípios organizadores do conhecimento” (MORIN, 2001a, p.567).

O autor polemiza esta questão ao dizer que a supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas freqüentemente impede de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (MORIN, 2001b, p.14).

A aprendizagem da religação, da complexidade e do amor que promove a construção de conhecimentos capazes de apreender os objetos em seus contextos, e a vinculação das partes ao todo e à vida, conforme abordado por Morin, vem sendo construída e viabilizada por instituições sociais, como a Instituição de Educação Superior (IES), onde foi realizada esta pesquisa.

O projeto político-pedagógico da referida IES e as atividades que desenvolve expressam o compromisso com esses princípios, quando ressaltam a pertinência da relação possível e a co-existência entre os processos formativo-educacionais e a vida, como apontam Jordão Netto e Martins de Sá: “Não dá para separar esses dois elementos fundamentais, muito menos fragmentá-los. Não existe uma idade para a educação e uma para a vida” (JORDÃO NETTO e MARTINS DE SÁ, 2005, p.270).

Para os referidos autores, as Universidades Abertas à Terceira Idade e, além das IES, os grupos de convivência para idosos, os projetos intergeracionais desenvolvidos por escolas do ensino fundamental e médio, as organizações não governamentais que desenvolvem projetos com pessoas idosas e os centros de pesquisa são exemplos concretos de instituições sociais que concebem a velhice como um tempo de possibilidades, aprendizagem significativa ao longo da vida, desafios permanentes, desconstruções de estigmas e construção do próprio sujeito, em que o desejo do indivíduo em continuar aprendendo transcende qualquer imposição externa, de mercado, configurando-se como escolha pessoal. Valente, ao tratar da importância da aprendizagem ao longo da vida, considera que

“[...] as atividades educacionais com a terceira idade indicam que aprender está deixando de ser simplesmente condição para manter posições atuais ou conseguir melhores salários e tornando-se uma maneira de se divertir, de ‘ocupar a mente’, de preencher o tempo e de estar em sintonia com a atualidade. [...] a formação de qualquer indivíduo, para viver e ser capaz de atuar na sociedade do conhecimento, não pode ser mais pensada como algo que acontece somente no âmbito da escola. É importante entender a aprendizagem como uma atividade contínua, estendendo-se ao longo da vida [...]” (VALENTE, 2001, p.27).

Ao observar os princípios da educação permanente, a maior parte das instituições sociais, em especial a IES em que a pesquisa foi desenvolvida, realiza atividades que possibilitam a atualização e a formação de pessoas idosas, consideradas sujeitos responsáveis pela construção de valores humanos e atitudes maduras e de cidadania, nos âmbitos individual e coletivo, por todo o processo educativo.

Aprender a ser cidadão desde cedo e continuar exercendo esse direito na velhice são desafios possíveis que devem ser valorizados por todas as instituições que se definem socioeducativas. Os trabalhos desenvolvidos por essas instituições devem considerar, sobretudo, a vida e a existência do ser humano em todas as fases de seu desenvolvimento, incluindo, portanto, a realidade expressiva do contingente de pessoas idosas.

É por essa razão que as instituições de caráter socioeducacional, inclusive a família, devem ensinar seus jovens, dentre outros valores importantes, que as pessoas idosas, como todo ser humano, têm direitos e, em contrapartida, deveres, sendo cidadãos capazes de exercitar sua cidadania com liberdade e autonomia. Segundo o Art. 2º da Lei nº 10.741 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso:

“O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades

ou facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”.

Ao participarem de atividades sócio-educacionais promovidas pelas Universidades Abertas à Terceira Idade, em especial a Universidade Sênior UNISANT’ANNA, na qual foi realizada esta pesquisa, tanto os idosos educandos como os educadores estão construindo e solidificando valores sociais e humanos importantes para se apresentarem como cidadãos livres e autônomos no mundo contemporâneo, bem como vivendo a construção dinâmica e dialética da perspectiva comunitária da educação.

Lembramos, nesse sentido, que a construção da perspectiva comunitária da educação se configura com base em um processo intensamente interativo de relações, que deve envolver tanto as pessoas idosas como seus educadores e outras pessoas de gerações mais novas, com quem podem aprender maneiras possíveis de viver a vida e a fase da velhice.

Viver a velhice com a dignidade de direito e em plenitude supõe uma atitude de conexão do indivíduo com a sua própria realidade de vida. E a capacidade de acompanhar os novos tempos e o ritmo incessante de transformações do mundo decorre assim de uma ação humana que pode ser construída através da educação em seu sentido formal ou informal. Sabe-se que através da vivência da educação, em seu sentido amplo, os indivíduos conquistam a possibilidade de transformar a própria vida, modificando assim realidades locais e globais. O direito e o dever de mudar o mundo, dentre outros exercícios da contemporaneidade, devem constituir-se, portanto, em projetos de vida para todas as pessoas, em qualquer fase do desenvolvimento humano e da vida que estiverem.

Se a tarefa de transformar o mundo foi por muito tempo considerada apenas privilégio e desafio para os jovens “entusiasmados e cheios de vida”, hoje já se pode pensar de forma mais abrangente. Experiências vigorosas e bem-sucedidas com o grupo populacional envelhecido estão construindo uma

outra paisagem para este cenário preconceituoso, tornando a idéia de que os idosos são “velhos demais” para alterar alguma coisa no mundo quase irrelevante. Segundo Silva:

“[...] a luta por mudanças que façam com que nossa sociedade seja mais humana e solidária, ganha em eficácia quando conhecemos seus mecanismos de constituição e manutenção. Há necessidade de conhecimentos sobre as lógicas que mantêm uma determinada organização social, sob pena de nossos esforços serem capitalizados pelas forças contrárias à mudança. Por isso é que se torna crucial termos sempre presente que as transformações acontecem graças à ação humana comunitária” (SILVA, 2003, p.66).

Com relação à ação docente dos profissionais que programam e desenvolvem atividades com esse público específico na comunidade, lembramos que este educador precisará conhecer, minimamente, a realidade de vida das pessoas idosas, para desencadear práticas concretas de educação transformadora, auxiliando, assim, os educandos a descobrirem o próprio desejo de aprender continuamente, sempre a partir da rica interação com a realidade e com as pessoas com quem interage, pois as pessoas, de modo geral, segundo consideração de Silva, “[...] contém em si um desejo profundo de melhorar, aperfeiçoar-se e modificar-se rumo a condições de vida que permitam viver com mais felicidade” (SILVA, 2003, p.40).

Concebendo a comunidade como um espaço caloroso de acolhimento; um contexto sonhado de construção coletiva que, permanentemente, queremos concretizar; um local mais singular, caracterizado por alto grau de relacionamento entre pessoas, compromisso e responsabilidade moral, coesão social e continuidade no tempo, características estas das organizações sociais anteriores às formas capitalistas de produção, observamos que é nele que o ser humano potencializa esse “desejo profundo de melhorar” e cria oportunidades para expressá-lo e vivê-lo concretamente.

Assim sendo, a consideração do termo comunidade, que Buber tentou clarificar e reformular, ao longo de sua carreira, constitui-se, em suma, no

principal conceito de seu pensamento social, político e filosófico. O referido autor, ao tratar da restauração, da criação e do desenvolvimento da comunidade, emprega a oposição entre este tipo de organização social e outras formas, ressaltando que através da comunidade os seres constroem condições para transcender os males da sociedade, tendo assim mais chances de adquirir condições para viver uma vida mais digna e feliz. Segundo Buber:

“A nova comunidade tem como finalidade a própria comunidade. Isto, porém, é a interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento, visto ora da perspectiva daquele que move, ora daquele que é movido. Que homens maduros, já possuídos por uma serena plenitude, sintam que não podem crescer e viver de outro modo, exceto entrando como membros em tal fluxo de doação e entrega criativa, que eles se reúnam então, e se deixam cingir as mãos por um e mesmo laço, por causa da liberdade maior, eis o que é comunidade, eis o que desejamos” (BUBER, 1985, p.34).

Ao falar sobre a idéia de família de Mohandas Karamchand Gandhi, Arun Gandhi, seu neto, dizia-se intrigado quando percebia uma significativa diferença entre a família convencional com a qual estava acostumado e a forma de família idealizada por seu avô. Para “Mahatma” Gandhi, “embora as famílias mantivessem seus respectivos sobrenomes, em todos os outros aspectos faziam parte da grande e única família dos Ashram: a morada afastada de um sábio hindu e seus seguidores” (GANDHI, 1998, p.89).

Gandhi, o avô, sustentava a idéia de que os microcosmos familiares, com suas diferenças latentes, podiam reunir-se ou integrar-se em uma espécie de constelação, fruto da junção das famílias com suas especificidades, e tornar-se uma só família que, pelo respeito, pela compreensão, pela aceitação e valorização da diversidade, seria capaz de se proteger dos grandes males provenientes dos espaços não comunitários, bem como de sua autodestruição.

O futuro da família e a dimensão comunitária da vida e da existência do indivíduo, que pode ser considerado um ser comunitário e pertencente a essa

realidade, foram ideais muito presentes na vida de Gandhi e, até hoje, persistem no imaginário e nas ações de seus seguidores. Arun Gandhi sintetiza a idéia com absoluta pertinência, quando diz que, para o seu avô Gandhi, a sua família era a raça humana. Segundo Gandhi:

“A humanidade deve derrubar barreiras e construir pontes para criar a paz e a harmonia neste mundo. A força de uma comunidade, dizia ele, é proporcional à força da família. Se houver amor e harmonia em família haverá amor e harmonia na comunidade. O que acontece a uma pessoa deve acontecer a todos. O amor e a harmonia em uma família só podem ser obtidos através de fortes laços de relacionamento baseados em *respeito, compreensão, aceitação e valorização*. O respeito leva à compreensão de quem somos, seguidas pela aceitação e valorização de nossas diferenças” (GANDHI, 1998, p.89).

Ressalta-se que muitas das Universidades Abertas à Terceira Idade, assim como a Universidade Sênior UNISANT’ANNA, em que foi realizada esta pesquisa, configuram-se nesses espaços comunitários, onde as interações entre seus freqüentadores geralmente supõem a construção desses valores, sustentando-se neles, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2

Contextualizando a pesquisa

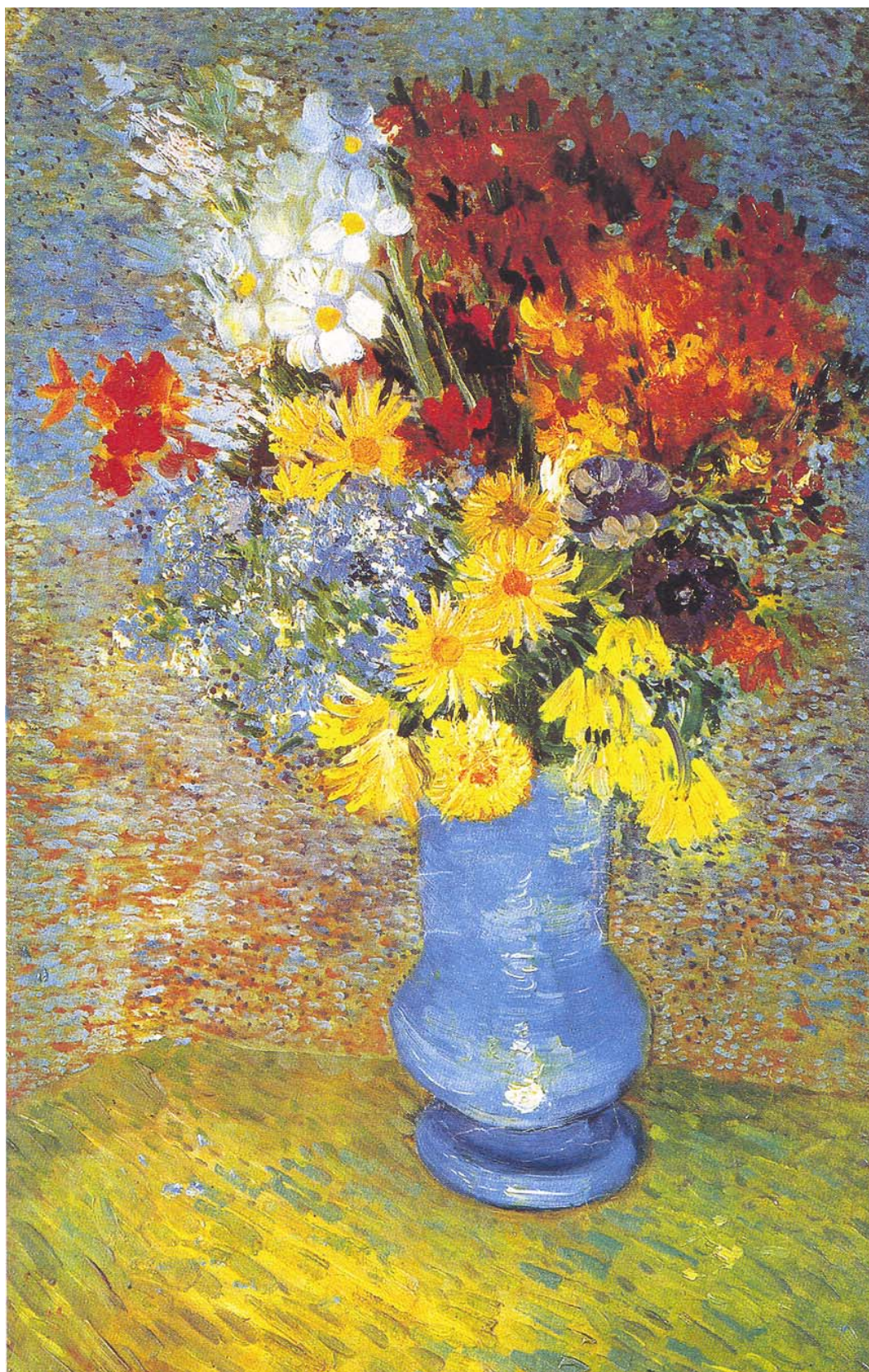


Imagem: *Jarra com margaridas e anêmonas* – Vincent Van Gogh

“[...] sou uma estrutura agrandada pelos anos e o peso dos fardos bons e ruins (carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia). O que te posso dar é mais que tudo o que perdi: dou-te os meus ganhos. [...] Posso dar-te muito mais do que beleza e juventude agora: esses dourados anos me ensinaram a amar melhor, com mais paciência [...]”.

Lya Luft

Início com o registro de algumas das etapas mais significativas na realização desta pesquisa, cuja trajetória decorre dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Educação, Longevidade e Qualidade de Vida” – ELO, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ao desenvolver uma de suas pesquisas sobre os programas sócio-educacionais existentes em Instituições de Educação Superior (IES) na cidade de São Paulo, o referido grupo vivia intensamente a fase de realização de entrevistas para a coleta de dados. resultado de um trabalho construído coletivamente. Dentre as Instituições de Educação Superior que desenvolviam programas destinados ao público idoso, incluía-se o Centro Universitário Sant’Anna – UNISANT’ANNA.

Conhecer esse novo universo foi um grande desafio, que pôde ser enfrentado através de alguns contatos com o Prof. Dr. Antonio Jordão Netto, coordenador do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT’ANNA, com o objetivo de caracterizar a estrutura e organização da programação existente, conforme roteiro definido pelo Grupo de Pesquisa.

No decorrer da realização desse trabalho, descobri a possibilidade de realizar a minha pesquisa de mestrado na UNISANT’ANNA, junto às idosas que participam desse programa.

O objeto de estudo desta pesquisa, portanto, faz parte desse contexto, ao ter como seu lócus a UNISANT'ANNA e ao se propor a investigar os significados do processo de envelhecimento para pessoas idosas que freqüentam o Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT'ANNA. Foram selecionados como sujeitos da pesquisa dez mulheres idosas, com idades variando entre 61 e 80 anos, com as quais tive a oportunidade e o privilégio de conversar individualmente.

As idosas escolhidas para participar da entrevista foram indicadas por uma das participantes mais antigas da Universidade Sênior, conforme orientação do Coordenador do Programa. O procedimento adotado possibilitou a realização dos encontros necessários, respeitando-se a disponibilidade das idosas entrevistadas, desde que estas atividades foram realizadas no período de permanência das mesmas, na instituição.

Para complementar o entendimento do contexto em que foi realizado este estudo, torna-se necessário caracterizar tanto a Instituição de Educação Superior (IES) quanto o programa freqüentado pelas referidas idosas.

2.1. A Instituição de Educação Superior (IES)

Os dados sobre a Instituição de Educação Superior, denominada Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA, e o Programa de Educação Permanente Universidade Sênior foram obtidos no site do Ministério da Educação e da própria instituição e, principalmente, através de consulta à vasta documentação disponibilizada pelo Prof. Dr. Jordão Netto, o que tornou possível identificar as principais características que compõem a identidade da instituição e do programa.

O Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA, segundo a legislação em vigor orientada pelo Ministério da Educação, configura-se como Instituição de Educação Superior privada ou particular em sentido estrito, por ter sido instituída por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. Atua em uma área de conhecimento específico ou de formação profissional, e tem por função oferecer ensino de excelência, oportunidades de qualificação ao corpo docente e condições de trabalho à comunidade escolar.

Considerando a sua missão, o Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA pretende formar cidadãos e profissionais comprometidos com o desenvolvimento, a justiça social, a democracia e a cidadania.

2.2. O Programa de Educação Permanente Universidade Sênior

A criação do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior do Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA é pautada nas importantes recomendações da Lei Federal nº 8842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, especialmente no que se refere à área da educação (Capítulo IV, Artigo 10, Inciso III, Letra f).

Essas deliberações legais destacam a necessidade e a importância das Instituições de Educação Superior criarem espaços, como as Universidades Abertas à Terceira Idade, enquanto um meio de promoverem a universalização do acesso às trocas e diferentes formas de saberes entre os seres humanos. Em relatório de sua autoria sobre o programa, o Prof. Dr. Jordão Netto esclarece:

“Assim, com o Programa ‘Universidade Sênior’, o Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA está contribuindo, diretamente, para o processo de inclusão social de pelo menos uma parte do contingente idoso da cidade, por meio de um dos mecanismos mais eficientes de mudança social, representado pela educação”.

Nesse contexto, o programa vem funcionando ininterruptamente desde o mês de agosto de 1996, data de sua implantação, até o momento. As diversas atividades que compõem o currículo do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior ocorrem às quartas e quintas-feiras, das 14h às 17h, nas dependências do Campus I do Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA, localizado à Rua Voluntários da Pátria, nº 257, na região de Santana, Zona Norte da capital de São Paulo. De acordo com o referido relatório produzido em abril de 2007 pelo Prof. Dr. Jordão Netto:

“O Programa foi implantado a partir do interesse da Alta Direção das Faculdades Sant'Anna, na pessoa do seu Diretor Presidente, Prof. Dr. Leonardo Placucci, em oferecer à população idosa da área comunitária de influência da Instituição, um novo canal de participação e integração social por meio de uma proposta educacional que não impusesse

quaisquer barreiras para ser acessado, de maneira a cumprir o papel social que cabe a uma Instituição de Ensino em relação às pessoas e ao meio onde estão inseridas”.

A Universidade Sênior surge com a perspectiva de se constituir em um programa de educação permanente, de natureza socioeducacional, às pessoas que estejam querendo participar de um processo de atualização de conhecimentos e buscando descobrir novas motivações e interesses para sua vida. Pode-se dizer que este programa vem solidificando a sua natureza socioeducacional, na medida em que os alunos, em sua grande maioria mulheres, depois de iniciarem o curso acabam continuando sua trajetória após a finalização do quarto semestre de vivência no programa.

Em princípio, as atividades acadêmicas são planejadas para quatro semestres letivos, ao longo dos quais se trabalha em torno de três eixos didáticos, conforme especificações a seguir:

- reciclagem e atualização cultural, em que a idéia fundamental é procurar sintonizar os alunos com as grandes questões do mundo contemporâneo, criando condições especiais para que possam aprender e discutir tais questões com pessoas de todas as faixas etárias, com conhecimento de causa e segurança. Os temas desse eixo, desenvolvidos de forma leve, clara, concisa e objetiva, estão situados, de maneira geral, na área das ciências sociais, abrangendo assuntos de caráter sociológico, antropológico, político, econômico, geográfico, psicológico, histórico, filosófico, entre outros.
- orientações básicas de saúde, em que o objetivo principal é indicar aos alunos as práticas e os caminhos adequados para que possam levar um vida saudável, instruindo-os sobre as maneiras de desfrutarem de bem-estar físico e mental, sob orientação de geriatras, fisioterapeutas, professores de educação física e psicólogos.
- atividades socioeducativas, em que o interesse principal é pôr os alunos em contato com os diferentes aspectos da realidade social em que vivem, de um enfoque literário ao artístico, estimulando a

criatividade e chamando a sua atenção para temas inusitados, como análise transacional, biodança, esoterismo, biodiversidade, biorritmo, mitologia, música popular brasileira, entre outros.

Segundo o Prof. Dr. Antonio Jordão Netto:

“O desenvolvimento do Programa é efetivado por meio de atividades acadêmicas propriamente ditas (aulas, palestras, debates) e atividades sócio-culturais (visitas monitoradas a exposições, museus, pinacotecas, espaços históricos e excursões, passeios, viagens, além da participações em eventos diversos de variada natureza, tanto internas, como externas, tanto de marca cívica, como social)”.

Após a finalização das três primeiras fases do processo de educação permanente, os alunos da Universidade Sênior podem complementar seus estudos e sua experiência na fase seguinte, a Fase IV. No entanto, o que se constata nessa experiência é que, após a finalização da Fase IV, os alunos desejam permanecer, e permanecem por muitos outros períodos e anos. Este fato pode ser explicado pelo Prof. Dr. Jordão Netto, coordenador do Programa:

“[...] é necessário esclarecer que a [...] Fase IV foi anexada ao Ciclo Básico quando a maioria dos alunos da primeira turma do curso, que concluíram a Fase III no 2º semestre de 1997 procuraram a Coordenação do Curso e manifestaram seu firme desejo de continuar na Universidade Sênior.

Foi organizado, então, mais um semestre letivo, com matérias totalmente novas. Entretanto, esses mesmos alunos, quando terminaram a Fase IV, no final do 1º semestre de 1998, ainda insistiram em permanecer. E assim, a denominada Fase IV, que era para ser provisória, acabou como permanente, de modo que muitos alunos que terminam o Ciclo Básico e mesmo as Fases IV que se sucedem, querem seguir, de tal forma que é comum existirem duas ou três Fases IV acontecendo ao mesmo tempo”.

Atualmente, o Programa Universidade Sênior tem freqüentadores assíduos há mais de seis anos, que continuam reforçando a sua intenção de participar dessa grande possibilidade de aprendizado e convivência, o que acaba definindo o curso como um Programa de Educação Permanente, que renova as Fases IV a cada semestre com novas matérias e professores. Segundo o Prof. Dr. Jordão Netto:

“É, sem dúvida, um belo atestado do sucesso do Programa junto à maturidade, provando que o mesmo ocupa um papel relevante na vida dos alunos, atingindo plenamente as finalidades de ensinar sua participação e integração e, em particular, sua inclusão social, por meio de uma proposta educacional”.

Pode-se dizer, nesse sentido, que a relevância social do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT’ANNA é inquestionável. Além de estar efetivamente adaptado às realidades brasileira e paulistana, o referido programa baseia suas ações em referenciais teóricos de estudiosos da Psicologia e da Educação Moderna e Contemporânea, tais como Jean Piaget, Carl Rogers e Paulo Freire, bem como na proposta inovadora do Prof. Pierre Vellas, que ao final da década de 1970 idealizou a primeira Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade de Toulouse, na França.

Levando em conta os referenciais teóricos adotados pelo programa destinado a este público específico, segundo o Prof. Dr. Jordão Netto temos que

“[...] o Programa tem como um dos seus principais fundamentos o fato de não exigir dos participantes a apresentação de nenhum diploma ou certificado de cursos anteriores, nem obrigá-los, no ingresso, a prestar qualquer tipo de prova ou exame, o mesmo ocorrendo ao longo de todo o tempo que permanecem na Universidade Sênior, caracterizando o caráter aberto da proposta.

De outra parte, existe um enorme respeito pelos conhecimentos prévios do alunado, não importando o grau de instrução do mesmo, ao lado de

um grande incentivo para que participem diretamente de todo o processo de aprendizado, possibilitando uma efetiva troca de saberes entre discentes e docentes envolvidos.

Na realidade, a preocupação básica é no sentido de que os princípios e relações dentro dos quais o Programa é orientado e vivenciado por todos os participantes tenham sempre um cunho espontâneo e prazeroso, que começa desde o próprio ato pessoal da procura do curso (sem imposições familiares ou premências profissionais) até a relação cordial, respeitosa e fraterna entre mestres e discípulos, dentro e fora do espaço onde as atividades acadêmicas e não acadêmicas acontecem”.

Complementando a caracterização do contexto dessa pesquisa, apresento a seguir a identificação das dez mulheres idosas que me concederam entrevistas. Acrescento que preservei a identidade das entrevistadas por toda a etapa de apresentação dos sujeitos e no posterior processo de análise dos dados.

2.3. A identificação dos sujeitos: As “Flores”

Foi atribuído a cada mulher o nome de uma flor, conforme sua preferência, além de solicitado que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), sendo, portanto, devidamente informadas quanto à sua participação na realização da pesquisa e estando livres para interromper esse processo se assim desejassem.

Os nomes fictícios, escolhidos pelas próprias idosas, com exceção de um deles, foram: “Angélica”, “Jasmim”, “Orquídea”, “Gérbera”, “Rosa”, “Azaléia”, “Violeta”, “Begônia”, “Hortênsia” e “Margarida”. Objetivando explicitar meu profundo respeito, consideração e, em especial, carinho pelas flores deste “jardim”, sem, ao mesmo tempo, conferir à interlocução uma sonoridade muito formal, utilizei por todo o processo de escrita uma expressão muito comum nos relacionamentos cotidianos: “Dona”.

Considero importante ressaltar que, ao apresentar a identificação e a caracterização de cada uma das entrevistadas, não considerei a ordem alfabética, porque me baseei na seqüência de realização das entrevistas. O material a seguir contempla os itens do Roteiro de Entrevista (Anexo 2), referentes aos dados pessoais e aos perfis sócio-econômico, sociocultural e educacional das entrevistadas.

Dona Angélica (70). Pseudônimo atribuído à primeira entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde 1998. A escolha da nova identidade de *Dona Angélica* deve-se a uma memória singular do seu passado. *Dona Angélica* afirmou que no dia de seu casamento a igreja estava repleta de angélicas e, por isso, encontrava-se “[...] linda de morrer”.

Atualmente a entrevistada não trabalha fora de casa, mas quando jovem trabalhou em um laboratório farmacêutico. *Dona Angélica* mora sozinha em sua residência e sobrevive de alguns recursos mensais provenientes do aluguel de imóveis. Possui convênio médico de assistência privada, tem quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres, e oito netos, sendo três homens e cinco mulheres.

Dona Angélica convive muito bem com eles, em especial com seus netos e netas, porque adora a juventude e “[...] porque se aprende muito com eles. Eles têm muita coisa a ensinar pra gente. Não é só o velho que ensina o jovem não, o jovem também ensina, eu acho, né?”.

Com relação à sua escolaridade, a entrevistada não concluiu o Ensino Fundamental. No entanto, *Dona Angélica* diz ler o jornal todos os dias e várias revistas semanalmente, além de ler também alguns livros indicados pelos professores e/ou colegas da Universidade Sênior.

A entrevistada também assiste a programas de televisão e filmes, todos os dias. Diz ficar horas assistindo a algumas programações por não se sentir cansada ou com sono. *Dona Angélica* dispõe de um computador em sua residência, mas ainda não acrescentou a Internet, o que torna o seu acesso virtual não muito freqüente. Além disso, a referida entrevistada diz não freqüentar muito clubes, praças, parques, mas às vezes vai ao Parque do Ibirapuera.

Com relação às programações de cinema, teatro e/ou museus, *Dona Angélica* demonstra pouco interesse. No entanto, quando a questão tratou de algum tipo de trabalho comunitário, a entrevistada logo disse: “Ajudo, sim, uma instituição, mas não quero divulgar o seu nome”.

Dona Jasmim (71). Pseudônimo atribuído à segunda entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 1997. A escolha de sua identidade deve-se a um desejo excêntrico. A entrevistada complementa: “Gostaria muito que no dia de minha morte colocassem vários caules de jasmim bem próximo ao meu corpo”.

Atualmente, a entrevistada trabalha como recepcionista de um salão de beleza em um shopping center de São Paulo.

Dona Jasmim morava sozinha em sua residência até que um dos filhos se separou e voltou a morar com ela. Sobrevive da renda de alguns imóveis alugados, da pensão de um de seus filhos e da de seu marido falecido. Possui convênio médico de assistência privada, dos três filhos homens um já é falecido, e tem dois netos homens; um terceironeto está a caminho – uma menina. A entrevistada diz estabelecer muito bom convívio com eles porque os respeita muito e é respeitada em sua individualidade. Sua convivência é pacífica e harmoniosa.

Com relação à sua escolaridade, a entrevistada teve a oportunidade de concluir o Ensino Médio e, por essa razão, costuma ler todo mês vários livros e artigos, além de várias revistas femininas semanalmente, e jornais diariamente.

Dona Jasmim costuma assistir a variados programas da televisão, porque diz gostar de cultura e da “Cultura”. Assiste “Planeta Terra”, “Mares sem Fim”, “Altas Horas”, “Sr. Brasil”. A entrevistada diz não ter o costume de acessar a Internet, mas tem consciência de que necessita iniciar esse aprendizado.

Parece, no entanto, estar bem conectada à sua realidade de vida, já que faz questão de freqüentar as Feiras da Liberdade, algumas praças, alguns parques. A entrevistada complementa: “[...] Essas feiras, em especial, são o máximo. Vou duas vezes por mês, sem falta”. A entrevistada não costuma ir a cinemas, teatros e museus com tanta freqüência, mas desenvolve um trabalho como voluntária na Igreja Nossa Senhora da Aparecida e costura com outras mulheres uma vez por semana.

Dona Orquídea (78). Pseudônimo atribuído à terceira entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2004. A escolha de sua nova identidade deve-se ao fato de considerar a referida flor muito elegante.

Atualmente, não trabalha fora de casa, mas, quando jovem, obteve um título de graduação em Farmácia e trabalhou muitos anos em um laboratório farmacêutico.

Dona Orquídea mora sozinha em sua residência, mas uma pessoa costuma ajudá-la na parte da manhã desde que ficou viúva. Sobrevive, portanto, de seus proventos da aposentadoria e da pensão de seu marido falecido. Possui convênio médico de assistência privada, dos três filhos homens um é vivo e dois já falecidos, e tem dois netos, um homem e uma mulher. A entrevistada considera que a sua convivência com eles é realmente ótima, já que “mora perto deles” e os encontra quase diariamente. Em seu depoimento, *Dona Orquídea* complementa: “[...] Ajudo na tarefa dos netos. Eu me considero muito importante pra eles”.

Com relação à sua escolaridade, embora tenha curso de graduação concluído diz que atualmente não tem muita disposição para realizar leituras, mas tem o hábito de ouvir rádio. Afirma que não está lembrada quanto à sua última leitura de um livro, mas supõe que tenha sido o romance “O caçador de pipas”.

Dona Orquídea costuma assistir diariamente a variados programas de televisão, em especial aos jornais e a vários programas de canais a cabo. Ainda não aprendeu a utilizar as novas tecnologias, mas está procurando algum curso para aprender essa nova linguagem.

A entrevistada não costuma sair muito para passeios a clubes, praças e parques, mas às vezes diz que frequenta o Horto Florestal. No entanto, quanto à questão que trata da participação em algum tipo de trabalho em seu bairro, *Dona Orquídea* diz que sempre ajuda alguma instituição de caridade, seja doando, seja ajudando presencialmente a própria instituição.

Dona Gérbera (74). Pseudônimo atribuído à quarta entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2002. A nova identidade da entrevistada não foi escolhida por *Dona Gérbera*, mas por mim. Ao longo de três meses ininterruptos tentei estabelecer contato com a entrevistada para perguntá-la sobre a sua flor preferida, mas só agora, recentemente, obtive sucesso em minhas tentativas.

A entrevistada trabalha como costureira no Bom Retiro e, para aumentar o orçamento doméstico, faz bordados em toalhas e as comercializa com sabonetes cheirosos embalados em caixas sofisticadas.

Dona Gérbera mora sozinha em sua residência, mas diz estar sempre em companhia de Deus. Não tem acompanhante permanente, mas às vezes é auxiliada na limpeza da casa. Sobrevive dos proventos de uma pensão recebida pelo falecimento de seu marido. Possui convênio médico de assistência privada, teve um filho adotivo, já falecido, e um neto, que não conheceu, porque a sua nora não gostava dela. Atualmente, não convive com nenhuma pessoa da família.

Com relação à sua escolaridade, *Dona Gérbera* não concluiu o Ensino Fundamental. Embora não tenha, atualmente, condições financeiras para comprar jornais e/ou livros para ampliar sua cultura, sempre que pode faz a leitura desses materiais, seja pedindo emprestado para uma colega, seja retirando na biblioteca da Universidade.

Costuma assistir aos jornais da televisão diariamente. Não acessa a Internet todos os dias, mas já providenciou a instalação do sistema em sua residência, o que possibilita a ela o acesso uma vez por semana.

Dona Gérbera parece ser uma mulher ativa. Além de trabalhar como costureira, frequenta uma academia de ginástica três vezes por semana e participa das aulas de hidroginástica há doze anos.

Dona Rosa (67). Pseudônimo atribuído à quinta entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2000. A escolha de sua nova identidade deve-se à sua adoração por rosas, em tons distintos, e pela possibilidade que a entrevistada tem de decorar sua casa com tais flores.

A entrevistada não trabalha atualmente, mas, quando jovem, obteve o título de Graduação em Nutrição pela Universidade de São Paulo – USP.

Dona Rosa mora sozinha em sua residência. Não tem acompanhante permanente, mas, uma vez por semana, uma pessoa a auxilia nos afazeres domésticos. Sobrevive em função de uma pensão deixada por seu marido falecido. Possui um convênio médico de assistência privada. Tem dois filhos, sendo um homem e uma mulher, ambos casados, e três netos, sendo os três homens. A entrevistada relata que a sua relação com seus filhos e netos é especialmente maravilhosa, pois nunca causou, muito menos teve de resolver nenhum problema sério com eles.

Com relação ao grau de escolaridade da entrevistada, como já dito anteriormente *Dona Rosa* chegou a concluir o seu curso de graduação na USP. Diz que ultimamente vem lendo muito pouco, apenas jornais e revistas, uma vez por semana. Além dessas eventuais leituras, diz ter apreciado a leitura recente de um livro: “O que eu aprendi com o meu pai”.

Dona Rosa costuma assistir a alguns jornais pela televisão, quatro vezes por semana. Diz não ter acesso à Internet em sua residência e por essa razão não costuma se conectar ao mundo virtual. Também não tem o hábito de se relacionar muito socialmente, apenas na Universidade Sênior. A última vez que foi ao cinema assistiu a um filme infantil com seus netos.

Além de participar do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT'ANNA, às quartas e quintas-feiras, semanalmente, costuma freqüentar duas vezes por semana um grupo religioso católico que promove orações nas casas de suas conhecidas mais próximas, às terças-feiras, e na igreja, aos domingos.

Dona Azaléia (66). Pseudônimo atribuído à sexta entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2002. A escolha de sua nova identidade deve-se ao fato de apreciar a delicadeza da referida flor.

Costureira de vestidos para festas, *Dona Azaléia* mora em sua residência na companhia de seu marido. O casal não tem acompanhante permanente, mas sua filha costuma ajudá-los esporadicamente. O casal sobrevive, basicamente, em função dos proventos da aposentadoria do marido e do pagamento dos vestidos de festa que *Dona Azaléia* confecciona.

A entrevistada possui convênio médico de assistência privada. Tem três filhos, sendo dois homens e uma mulher, e três netos, sendo dois homens e uma mulher. Na opinião da entrevistada, sua convivência com eles é “[...] normal, porque até agora não deu vontade de brigar”.

Com relação à sua escolaridade, temos que *Dona Azaléia* concluiu o Ensino Médio-Profissionalizante. A entrevistada costuma ler jornal, A Bíblia Sagrada e algumas revistas femininas, diariamente. Além dessas leituras diárias, diz ter lido e apreciado a leitura do livro “O Código da Vinci”.

Dona Azaléia assiste a alguns programas de televisão, em especial os de reportagens e as novelas. Não tem o costume de acessar a Internet, mas ressalta ter aprendido a utilizar as tecnologias por meio do curso de informática que fez.

A entrevistada parece estar bem conectada em sua realidade de vida e social. Freqüenta o Clube da Prefeitura, faz aulas de yoga e musculação duas vezes por semana, além das aulas de pintura em seda. Esporadicamente vai ao SESC Santana para assistir aos Circuitos do Cinema Nacional. E também faz parte da Associação Mirante do Santana, que frequenta toda última quarta-feira de cada mês.

Dona Violeta (61). Pseudônimo atribuído à sétima entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2005. A escolha de sua nova identidade deve-se ao fato de apreciar a delicadeza da referida flor.

A entrevistada trabalhou como bancária por dez anos e professora primária por vinte anos, mas por problemas de saúde acabou se afastando da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Dona Violeta mora sozinha em sua residência, mas tem sua mãe que lhe oferece assistência em caso de necessidade. Atualmente, sobrevive em função dos proventos da aposentadoria e da renda do aluguel de imóveis. Sua assistência médica é pública. Tem dois filhos homens, ambos casados, e três netas mulheres, ou melhor, “meninas”. *Dona Violeta* diz se relacionar e conviver com eles “Graças a Deus bem, muito bem. Está vivendo melhor de que quando era mãe, porque antes tinha de trabalhar”.

Com relação à sua escolaridade, a entrevistada possui o Ensino Médio concluído. *Dona Violeta* costuma ler revistas da atualidade, mensalmente. Só lê livros quando o assunto realmente lhe interessa. A última leitura realizada tratou dos Dez Mandamentos da Bíblia Sagrada.

Dona Violeta costuma assistir, basicamente, a novelas na televisão. Não tem computador em sua residência, mas diz que pretende fazer um curso de informática para ter a possibilidade de interagir melhor com a tecnologia.

Embora não saia muito de casa para ir ao cinema, teatro ou museus, porque prefere ficar em casa na companhia de seu marido, costuma caminhar três vezes por semana dentro de um shopping center, “[...] porque o local é seguro e fresco. E lá, várias pessoas da mesma idade também caminham”.

No momento, *Dona Violeta* não desenvolve nenhum tipo de trabalho comunitário em seu bairro, mas pretende realizar um trabalho voluntário com idosos. Atualmente, faz uma contribuição para uma instituição, a “Bezerra de Menezes”, e diz que pretende trabalhar lá. No entanto, especialmente agora, quer continuar dando assistência a sua mãe, que está precisando de sua ajuda.

Dona Begônia (70). Pseudônimo atribuído à oitava entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde fevereiro de 2004. Sua nova identidade foi criada em razão da lembrança de uma linda flor que recebeu de suas filhas no dia do seu aniversário.

A entrevistada sempre trabalhou em casa. Embora não se considere costureira, sempre trabalhou com corte e costura.

Atualmente *Dona Begônia* mora com uma de suas filhas e o genro, não esquecendo de levar para morar consigo seu cachorrinho “Átila”. Na opinião da entrevistada, a experiência de morar com uma filha tem sido realmente ótima.

Possui convênio médico de assistência privada. Sobrevive em função de um salário mínimo recebido por invalidez e de uma mesada recebida, atualmente, da filha com quem reside. Tem duas filhas e dois netos, sendo um homem e uma mulher. A entrevistada diz se relacionar “Graças a Deus muito bem com eles, já que teve total apoio das filhas e dos genros”.

Com relação à sua escolaridade, *Dona Begônia* não concluiu o Ensino Fundamental. No entanto, diz ter consciência da importância de sempre entrar em contato com jornais, revistas e livros para manter-se, permanentemente, atualizada. Lê jornais todos os dias e as revistas preferidas de *Dona Begônia* têm sido consultadas semanalmente.

Dona Begônia aprecia alguns tipos de programas de televisão. No entanto, diz não dominar tecnologias mais avançadas.

A referida entrevistada diz ter muito medo de se perder na rua e, por essa razão, não “toma” nenhum tipo de “condução”, não tem o hábito de ir ao cinema, ao teatro e/ou museus. E como nem sempre tem companhia para visitar esses lugares, acaba saindo de casa apenas para levar o seu cachorrinho para o passeio diário.

No entanto, tem o hábito de costurar para “se divertir o dia inteiro” e, durante o dia, acaba fazendo muitas roupas para jovens carentes.

Dona Hortênsia (80). Pseudônimo atribuído à nona entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde agosto de 2006.

A entrevistada sempre trabalhou em casa, mas por um longo período de sua vida foi proprietária de uma papelaria.

Dona Hortênsia mora sozinha em sua residência e não tem um acompanhante permanente. Sobrevive, atualmente, em função dos proventos da aposentadoria e de uma mesada recebida de seus filhos. Possui convênio médico de assistência privada.

Tem dois filhos, sendo um homem e uma mulher, um neto e um bisneto, ambos do sexo masculino. A entrevistada considerou que se relaciona muito bem com seus genro, nora e netos.

Com relação à sua escolaridade, não concluiu o Ensino Médio. *Dona Hortênsia* costuma ler algumas revistas semanalmente, mas parece sentir muita impaciência quanto à leitura de livros, por isso acaba abandonando deles pelo meio.

Costuma assistir a novelas diariamente, não acessa de forma alguma a Internet, porque não gosta desse tipo de tecnologia. Parece não sair muito de sua casa, prefere cuidar de sua rotina diária, mas recentemente pôde visitar a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Dona Hortênsia disse que não desenvolve trabalhos comunitários em seu bairro, mas, por intermédio da lembrança de sua colega que estava lhe acompanhando na entrevista, a entrevistada “lembrou-se” de que realiza um trabalho como síndica no condomínio onde reside.

Dona Margarida (69). Pseudônimo atribuído à décima entrevistada desta pesquisa, participante da Universidade Sênior UNISANT'ANNA desde agosto de 2006.

A entrevistada não trabalha fora de casa, mas sempre se ocupa de trabalhos domésticos. *Dona Margarida* mora com o seu marido. Sua mãe morava consigo até completar 92 anos de vida, mas, atualmente, reside em uma clínica de repouso em função de ter sofrido um derrame cerebral.

Dona Margarida sobrevive, basicamente, em função do recebimento dos proventos da aposentadoria e do salário de seu marido, que é biólogo e professor de cursinho. Possui convênio médico de assistência privada, tem três filhas e quatro netos, sendo um homem e três mulheres. *Dona Margarida* diz conviver diariamente com eles. Diz que se considera “às vezes, uma ‘vó’ meio chata”, por querer que seus netos façam todas as lições de casa.

Com relação à sua escolaridade, concluiu o Ensino Profissionalizante. Lê jornal quase diariamente, mas não consegue ler livros com muita assiduidade.

Assiste a um programa específico na televisão, todos os dias, chamado “Via Brasil”, e não tem nenhum tipo de familiaridade com as novas tecnologias. Diz ser “analfabeta virtual”.

Parece não freqüentar muito clubes, praças e/ou parques, mas diz que às vezes vai ao Horto Florestal para caminhar. Também não freqüenta muito cinemas, teatros e/ou museus.

No momento, não realiza nenhum tipo de trabalho comunitário em seu bairro, mas diz já ter feito muitas palestras para grupos de noivos em igrejas, tais como Igreja Salete, Igreja Nossa Sra. de Fátima e Paróquia São José.

CAPÍTULO 3

Possibilidades da existência para mulheres idosas



Imagem: *A ponte de Langlois, perto de Arles, com dama de sombrinha* – Vincent Van Gogh

*“[...] Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações [...]
Aprendi a viver”.*

Cora Coralina

3.1. O processo de transformação da vida e a recodificação do envelhecimento

A questão inicial do Roteiro de Entrevista: “*Quando a sra. começou a freqüentar a Universidade Sênior e por quê?*”, permitiu investigar a percepção dos sujeitos sobre o momento de entrada no curso para pessoas idosas, tanto em relação à perspectiva cronológica do tempo, quanto em relação à perspectiva de Kairós, do tempo vivido e sentido de maneira singular e subjetiva.

Dona Angélica informou, durante a sua entrevista, que começou a freqüentar o curso por intermédio da indicação recebida de sua grande amiga. Embora já tenha quase nove anos de experiência como freqüentadora assídua, relutou muito no início. Este fato pode ser constatado na fala da entrevistada, conforme segue: “*Ah, imagina, na minha idade vou...(pausa)*”.

Podemos dizer, após análise da entrevista, e considerando, sobretudo, o contexto do diálogo com *Dona Angélica*, que, no momento da pausa de sua primeira citação, a entrevistada colocaria algo como: “[...] vou ser aluna novamente” ou “[...] vou pra escola” ou “[...] vou estudar”.

Dona Angélica estava querendo transmitir a idéia de que voltar a ser aluna na velhice poderia, para a sua percepção, representar uma realidade pouco comum, em razão, obviamente, dos valores sociais da

contemporaneidade incorporados à nossa cultura, que continuam priorizando preconceituosamente a juventude como a referência do ser e a velhice como a referência do não-ser. Na mesma direção, Goldfarb considera que

“o lugar social do velho seria quase um não-lugar, pois, embora a partir dos investimentos das últimas décadas sejam reconhecidos como sujeitos, sendo incluídos no panorama atual contemporâneo (até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, reconhecidamente obrigados à subjetividade ancorada à passividade, à pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais. São empurrados à perda de todo o poder, até sobre si mesmos” (GOLDFARB, 2006, p.78).

Dona Angélica, assim como muitas pessoas idosas, apresenta dificuldades e dilemas quanto à possibilidade de assumir a sua condição de agente social ativo e participativo no mundo contemporâneo.

Sua relutância inicial no que diz respeito a participar do programa desenvolvido pela Universidade Sênior, bem como a sua percepção definitivamente marcada por estereótipos sociais sobre voltar a estudar, revelam a perversidade e a crueldade dos processos de desvalorização e discriminação social aos quais muitas pessoas idosas estão infelizmente expostas, ora porque são rejeitadas em sua essência de ser, ora porque aprendem a valorizar e a perpetuar os próprios valores que acentuam sobremaneira o seu processo de vitimização. Esta idéia pode, sem dúvida, ser constatada através das palavras de Johnson:

“As pessoas têm uma tendência má a supor que um velho não goza mais de todas as suas faculdades. Se um jovem, ao deixar uma reunião, não se lembra mais do lugar onde deixou seu chapéu, isto não é nada, e só faz rir. Mas se a mesma distração ocorre com um velho, as pessoas encolhem os ombros, e dizem: Está perdendo a memória” (JOHNSON apud BEAUVOIR, 1990, p.587).

Admitimos, sem dúvida, que assumir uma nova postura de vida, ou desenvolver e consolidar novos comportamentos pessoais e sociais diante da etapa de vida denominada velhice, pode ser considerado um grande desafio para o ser humano, já que a nossa prerrogativa justifica-se na idéia de que a pessoa idosa chegou a essa fase da existência com uma estrutura prévia de hábitos incorporados individual e socialmente. Entende-se por hábitos

“[...] o passado enquanto é, não representado, mas vivido por nós sob a forma de atitudes e de comportamentos; é o conjunto das montagens e dos automatismos que nos permitem andar, falar, escrever etc. Numa velhice normal, eles não se alteram, e seu papel até mesmo cresce, pois são colocados a serviço de uma rotina [...]” (BEAUVOIR, 1990, p.571).

Acredito que em todo o processo de mudança, há de algum modo, e em diferentes níveis, a resistência como integrante possível do comportamento humano. Resistir a algo, especialmente na velhice, é uma forma de preservar aquilo que se é; é uma maneira de continuar apegado a valores que sustentam a estabilidade de uma rotina, seja ela qual for; é em si o ato de defender-se de uma situação de extrema ansiedade, ou ainda, para alguns idosos, o caminho (in)consciente mais seguro para a continuidade da vida. Reforçando essas idéias, Beauvoir acrescenta:

“[...] Há rotina quando a atividade que eu exerço hoje toma como modelo aquela que eu exerci na véspera, que copiava a da antevéspera, e assim por diante. [...] A rotina é recomençar a cada dia o mesmo passeio. É nesse sentido que a parte do hábito geralmente cresce com os anos. [...] O velho acolhe com inquietude a novidade; escolher amedronta-o; seu complexo de inferioridade traduz-se por hesitações, por dúvidas. Para ele, é cômodo repousar sobre regras já confirmadas. [...] Os hábitos poupam adaptações árduas, fornecem respostas antes que se tenha tido que fazer perguntas. Ao envelhecer, observamos os hábitos mais estritamente do que no passado” (BEAUVOIR, 1990, p.571).

Portanto, o mudar, o mudar-se, em particular para a pessoa envelhecida, envolve um transformar-se temeroso, um desapegar-se do passado muito dolorido e, “[...] temendo não mais saber adaptar-se ao futuro, não vê nele uma abertura, mas apenas uma ruptura com o passado. Como não faz nada, identifica-se com o quadro e o ritmo de sua vida anterior: sair dela é separar-se do seu próprio ser [...]” (BEAUVOIR, 1990, p.574).

A transformação do ser, especialmente nas etapas mais avançadas da vida, pode não representar uma necessidade e/ou uma escolha para a pessoa que está vivendo a velhice propriamente dita. Ressaltamos, dessa forma, que qualquer possibilidade de mudança, ou de vir-a-ser para a pessoa envelhecida, pode parecer e até constituir-se em ameaça, que envolve dificuldade, temor, dor e angústia. No entanto, Freire, em *Pedagogia da autonomia*, nos sugere a seguinte idéia para reflexão: “Mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2006, p.76).

Para *Dona Angélica*, a realidade da mudança, principalmente no início de seu processo na Universidade Sênior UNISANT’ANNA, trazia-lhe angústias, já que sua vida encontrava-se organizada e estável.

A entrevistada também dizia estar satisfeita com sua rotina de vida. Esta realidade pode ser claramente visualizada se observarmos, anteriormente, o primeiro comentário de *Dona Angélica* quanto à suposição de aceitar uma nova possibilidade para sua vida e existência: frequentar um curso destinado a pessoas idosas.

No entanto, sem desconsiderar suas dificuldades até encontrar o seu tempo interno e subjetivo para iniciar o curso, *Dona Angélica*, durante sua entrevista, nos relata, com muita satisfação, qual têm sido o significado atual desta experiência para sua vida, como segue: “(...) *que o início de meu percurso e toda a minha trajetória na Sênior, sem dúvida, foi o melhor presente que ela (a amiga) me deu e a melhor coisa que eu fiz*”.

Em outros trechos da entrevista, *Dona Angélica* nos felicita com a seguinte idéia: “*Hoje eu sou muito mais persistente. [...] aprendi muito. Eu*

cresci. [...] E eu... olha, adorei mesmo. Adorei, não! Adoro e indico às pessoas” (Dona Angélica).

Freire, ao refletir criticamente sobre a relação indissociável entre docência/ discência, nos ajuda a compreender a questão da “persistência”, apontada por *Dona Angélica*. A persistência se relaciona com o “[...] inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento [...]” (FREIRE, 2006, p.50).

Podemos dizer, nesse sentido, que, como característica fundamental do humano, o inacabamento ou a inconclusão do ser nos coloca em um processo de vir-a-ser, no qual a educação ao longo da vida se faz necessária e fundamental. Beauvoir complementa esta idéia ao considerar que “O velho, não sendo mais sensível aos mesmos espetáculos e aos mesmos concertos que os jovens, nem por isso divisa neles horizontes menos extraordinários, e percebe tons menos maravilhosos” (BEAUVOIR, 1990, p.595). Assim, para Beauvoir, como a criança não é um ser inacabado, o velho não seria um indivíduo mutilado, mas alguém que vive uma experiência original.

Freire nos auxilia nesta reflexão quando considera que,

“[...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” [...] “[...] que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]”. (FREIRE, 2006, p.23).

Dona Jasmim nos ajuda a compreender a idéia de Freire com seu depoimento:

“[...] eles (os nossos professores) são assim interessados, porque eles dizem que eles têm a teoria e nós temos o conhecimento, a prática do dia-a-dia. Então, é uma grande troca. E eles sempre dizem e fazem isso: ‘Aqui nós não viemos apenas ensinar, nós também estamos aprendendo’ (Dona Jasmim).

Em outra perspectiva, *Dona Jasmim* considera a importância desse momento de intensas transformações para sua vida, quando relata seu sentimento sobre o “ambiente de cultura” que costuma perceber ao frequentar as aulas da Universidade Sênior. Em suas palavras, “[...] gosto tanto daqui, porque acho que eu tenho fome de saber, eu... eu nunca saio daqui sem ter aprendido alguma coisa”.

A relação entre as duas falas de *Dona Jasmim*, tanto quando ela diz acreditar que os professores da Universidade Sênior, ao participarem da prática pedagógica, também adquirem conhecimentos para sua vida, como quando diz que nunca sai de suas aulas sem ter aprendido alguma coisa, pode ser mais bem compreendida quando nos baseamos nos pensamentos de Freire sobre Educação.

Dona Orquídea considerou, sobretudo no início de sua entrevista, que vivenciar essa etapa da vida sendo participante de um curso para pessoas idosas sem dúvida a auxilia muito em seu processo de existência, já que neste momento é uma pessoa que vive sozinha, em razão do falecimento do seu marido há quatro anos. Em suas palavras:

“Eu estava sempre querendo frequentar uma Faculdade, assim, pra pessoas de idade. Desde que soube que aqui na UniSant’Anna tinha isso eu me interessei, telefonei, mas não havia possibilidade, devido diversos motivos de saúde – meu marido estava doente – é... então, não havia possibilidade de eu frequentar. [...] Mas estou me dando muito bem. Para mim é fundamental assistir às aulas, estou aprendendo, isso tá me ajudando em muitas coisas, o fato de estar no meio de gente, visto que eu sou uma pessoa que vive sozinha, isso significa muito, né? E também a renovar, a modernizar, essas coisas, atualizar, isso é interessante, não é?” (Dona Orquídea).

Dona Orquídea, ao refletir sobre a importância desse programa de educação permanente para sua vida, em termos do seu desenvolvimento global, considera a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender,

conforme salienta Freire. A entrevistada aponta, na mesma direção, o participar “[...] de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 2006, p.24).

Ressalta-se, nesse sentido, que *Dona Orquídea* me pareceu uma pessoa muito interessada por diversas áreas do conhecimento humano, o que pode nos levar a supor que essa experiência para a entrevistada se configura conforme princípios apontados anteriormente por Freire.

Dona Gérbera pôde expressar logo no início de sua entrevista que a razão principal que a fez procurar uma atividade como a que a Universidade Sênior UNISANT’ANNA propõe foi o fato de sentir-se isolada, sozinha, triste e deprimida. Beauvoir nos fala sobre esses sentimentos apresentados pela entrevistada:

“[...] a tristeza das pessoas idosas, não é provocada por um acontecimento, ou por circunstâncias singulares: ela se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de sua inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que só lhes tem indiferença” (BEAUVOIR, 1990, pp. 568-9).

Dona Gérbera acrescenta que, em um certo dia, resolveu recortar a “[...] matéria falando na... na Sênior de Sant’Anna, né?”, para depois decidir conhecer, de fato, o programa destinado a pessoas de idade. A entrevistada referiu-se à possibilidade de participar da Universidade Sênior com extremo interesse. Esta idéia pode ser constatada a seguir:

“[...] Não sabia nem onde que ficava, apesar do meu filho ter feito a pós-graduação aqui, mas eu... eu não sabia como que vinha... o que eu fazia pra vim aqui, aí eu fui lá... lá no jornal lá, né? Na frente do Jornal da Gazeta aí perguntei lá, né? Aí, a moça me deu o endereço, eu vim aqui e já fiz a minha matrícula e comecei” (Dona Gérbera).

A partir do diálogo construído com a entrevistada, e da atenta observação dos olhares, das falas e dos gestos – sutis, tímidos e determinados ao mesmo tempo, características de *Dona Gérbera* –, percebeu-se um grande movimento da entrevistada no que diz respeito à sua abertura singular para o mundo, segundo princípios freirianos, conforme segue:

“[...] Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência. Quanto mais faço estas operações com maior rigor metódico tanto mais me aproximo da maior exatidão dos achados de minha curiosidade” (FREIRE, 2006, p.88).

É por essa razão, assim como preconiza Lima, que “tem-se que abrir possibilidades para o idoso ser um novo ser, um novo sujeito, que não é de um velho acomodado, de acordo com a identidade cultural que lhe impõe, mas um sujeito psíquico existente, manifestando seus sonhos, desejos, esperanças e com novas necessidades psicológicas, sociais, éticas e políticas” (LIMA, 2000, p.22).

Dona Gérbera, a partir da experiência na Universidade Sênior UNISANT’ANNA, pôde descobrir capacidades até então adormecidas. Conseguiu minimizar sua timidez, na medida em que se percebeu aceita e valorizada por seu grupo. E, além disso, pôde exercer, de fato, sua expressiva amorosidade como amiga de todos os colegas do grupo e dos professores. Este fato pode ser visualizado nesta fala:

“[...] tô adorando, me sentindo outra, tô outra pessoa, me sentindo muito bem e muito feliz, porque eu sou muito querida aqui, apesar da minha... da minha idade e da minha pouca cultura, né? Eu sou muito querida, a turma toda aqui gosta muito de mim e eu adoro elas também” (Dona Gérbera).

Dona Rosa foi motivada a retornar ao ambiente universitário em razão de três fatores. A entrevistada, durante sua interlocução, considerou o falecimento de seu marido, a inconcebível idéia de “ficar para trás” e “ficar dona

de casa”, e a necessidade de adquirir conhecimentos e atualizar-se em frente ao mundo globalizado como as prerrogativas para o reingresso na universidade.

Podemos dizer que *Dona Rosa*, ao comentar sobre sua necessidade de atualização e aquisição de novos conhecimentos para viver mais plenamente no mundo globalizado, constatava, ao mesmo tempo, que a prática do aprender exigia a apreensão da realidade.

Segundo Freire, “A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de *apreender* a substantividade do objeto aprendido” (FREIRE, 2006, p.69).

Apreender para *Dona Rosa*, no sentido lato, implica, sobretudo, conectar-se à realidade atual, conhecer o que há de novo no mundo, viver novas relações sociais, construindo assim duradouros vínculos de amizade com outras pessoas.

Dona Azaléia frequenta a Universidade Sênior UNISANT’ANNA há quatro anos, desde o momento em que encerrou sua loja de aluguel de roupas e percebeu-se com a disponibilidade de ocupar seu tempo ocioso com alguma atividade diferenciada. A influência de uma amiga auxiliou-a nesse processo de definição, assim como segue: “Ah, já que cê tá aí com tempinho, vamo lá”.

A autopercepção da entrevistada com relação ao seu desgaste físico e emocional, proveniente do período concernente à administração de sua loja, também a levou a assumir uma nova atitude, um novo olhar diante da vida e da existência.

Dona Azaléia ressaltou em diversos momentos da entrevista que estava “desgastada”, “esgotada”, “com estresse” e “cansada”. A fala da entrevistada nos sugere, portanto, a reafirmação dessa condição: “[...] Eu ficava tão emocionada nas aulas que [...], às vezes, eu até chorava na aula [...]”.

Essa entrevistada nos conta, também, sobre a sua emoção de caminhar pela faculdade, percorrendo seus corredores com alegria, esperança e, fundamentalmente, a autonomia essencial para viver a condição de aluna na Universidade Sênior UNISANT'ANNA, “[...] porque, quantos anos já que eu não entrava assim, numa faculdade, né? Eu fiquei, assim, emocionadíssima [...]”.

A esperança, vista sob a perspectiva freiriana, é entendida como uma possibilidade que integra a natureza humana. Segundo Freire:

“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria” (FREIRE, 2006, p.72).

Pode-se dizer, nesse sentido, que *Dona Azaléia* considera eficaz essa experiência afetivo-emocional e socioeducativa na Universidade Sênior UNISANT'ANNA, haja vista a possibilidade de ensino e aprendizagem permanente que pôde ser construída no decorrer dessa grandiosa vivência. Ela exemplifica essa realidade com algumas palavras:

“É porque a aula do Professor de Psicologia é uma aula, assim... profunda. Então, ele vai a fundo. Ele ensina umas danças. E depois, ele ensina a gente... a tocar as outras pessoas – pele com pele... olhar o olho... olhar no fundo dos olhos. Aí, você fica emocionada. Se você já tá chateada, às vezes, com muito problema, você acaba chorando mesmo. A aula do professor é muito linda. [...] Ele também dá expressão corporal [...]” (Dona Azaléia).

Dona Azaléia nos ajuda a compreender a importância dessas atividades para sua vida e sua existência, a partir de alterações substanciais em seu jeito de ser e inexoráveis repercussões ocorridas em suas relações no âmbito familiar. Suas palavras refletem a dimensão dessa vivência:

“[...] A alegria grande mesmo foi dos meus filhos. Meus filhos ficaram muito felizes. Muito felizes! Contaram pra todo mundo que eu era universitária... E, aí... A minha filha... Aí, quando eu me queixava de qualquer coisa, eles falavam: ‘Não, mãe, nem vem que não tem! A senhora faz faculdade, mãe, a senhora faz tanta coisa... A senhora pode fazer isso, fazer isso, fazer isso...’. E me soltaram no mundo, né? Me soltaram. Aí, eu sou totalmente solta [...]” (Dona Azaléia).

Embora o marido de *Dona Azaléia* não perceba ou tenha dificuldade em demonstrar que percebe o seu desenvolvimento, a entrevistada acredita que grande parte de seu processo de transformação pessoal foi construído a partir da rica experiência comunitária na Universidade Sênior UNISANT’ANNA. Segundo a entrevistada:

“[...] tudo que eu aprendi, eu vou te falar de verdade, eu não sabia. Na verdade, eu não sabia. Pra mim foi uma faculdade mesmo. Uma faculdade da terceira idade, [...] com coisas novas. Aquilo que eu já tinha aprendido, mas com muita coisa nova pra frente. [...] Então, pra mim, foi uma grande surpresa. Eu não recordei nada do que eu tinha já aprendido. Foi tudo novo. Tudo” (Dona Azaléia).

Dona Violeta considerou sua depressão, causada basicamente pela tristeza de sua permanente crise conjugal, como o maior motivo para iniciar uma trajetória na Universidade Sênior UNISANT’ANNA. Essa realidade pode ser explicada por Beauvoir:

“Em muitos velhos casais, os esposos vivem sob o mesmo teto, mas inteiramente separados. [...] suas relações são ansiosas, exigentes e ciumentas: indispensáveis um ao outro, eles não se ajudam a viver. Um pequeno número se entende verdadeiramente bem” (BEAUVOIR, 1990, p.579).

Durante a entrevista, *Dona Violeta* considerou alguns aspectos do processo angustiante de afastamento de seu marido, bem como as conseqüências, algumas amargas, outras “abençoadas” dessa transformação.

Atualmente, a entrevistada diz viver um momento da vida mais tranquilo, no qual já pode perceber com maior nitidez a superação de seus maiores traumas do passado e, principalmente, de seu relacionamento conjugal, em razão das escolhas pessoais definidas para si nos últimos anos.

A decisão de participar ativamente, como estudante, de um curso para pessoas idosas, representa esse caminho de superação e transcendência. *Dona Violeta* acrescenta algumas idéias, conforme relato a seguir: “[...] parece que foi uma bênção de Deus – eu me encontrei e adoro... Não vou sair muito cedo não”.

Ferrigno nos ajuda a contextualizar a importância da participação ativa de pessoas idosas em programas educacionais, em especial em casos como o de *Dona Violeta*, quando considera que

“Um contingente cada vez maior de idosos tem reagido às vicissitudes do envelhecimento desenvolvendo um estilo de vida participativo e integrado. A mudança de comportamento dos idosos, ao que parece, acompanha a mudança de hábitos da sociedade como um todo [...]” (FERRIGNO, 2006, p.20).

Dona Begônia reconheceu a existência do programa desenvolvido ao público idoso pela UNISANT’ANNA por intermédio de uma amiga das aulas de prática de yoga.

A entrevistada considerou a sua falta de conhecimento quanto à existência desse espaço dizendo que “nem imaginava que tivesse”. Sua amiga, em um certo dia, após o encontro na yoga, relatou que estava se dirigindo para a faculdade. O diálogo, apresentado a seguir, nos revela a grande curiosidade suscitada em *Dona Begônia*.

Dona Begônia: “Faculdade... onde é essa faculdade?”.

Amiga: “Ah, vou lá na UniSant’Anna. É Faculdade da Terceira Idade”.

Dona Begônia: “Ah, que interessante!”.

Essa entrevistada acrescenta que após retornar para sua residência e conversar com sua filha, logo admitiu sua vontade de matricular-se. Suas palavras expressam a relevância desse desejo:

“[...] eu tava com vontade de ver esse negócio da Faculdade da Terceira Idade. Que, não é aquela coisa que tem matéria, assim... Sabe, lição de casa pra fazer. Me parece bem... assim, maneiro. Daí minha filha disse: ‘Ah, mãe, vamo lá, né?’. Aí, nós viemos aqui na pós-graduação, e eu já fiz a matrícula . E tô aqui. Tô adorando [...]” (Dona Begônia).

Dona Hortênsia iniciou sua trajetória na Universidade Sênior UNISANT’ANNA por influência de uma amiga que a convidou. Ambas moravam sozinhas e dispunham de parte de seu dia para exercitar alguma nova possibilidade com maior liberdade e autonomia, sendo a frequência na Universidade Sênior esta efetiva e afetiva possibilidade.

Dona Margarida, no mesmo sentido, procurando alguma “coisa a mais para si” e precisando “dar um pouco mais de tempo para si mesma”, tomou a grande decisão de iniciar seu percurso na Universidade Sênior UNISANT’ANNA. Além de verificar no jornal do bairro algumas informações que a incentivaram quanto à procura e à efetivação da matrícula na faculdade, essa entrevistada acrescenta os reais motivos que a levaram a sustentar para si uma nova atitude de vida na velhice: a necessidade de adquirir novos conhecimentos, de conhecer pessoas, de construir vínculos propiciadores de mais vitalidade e energia de vida.

A mesma entrevistada ajuda-nos ainda a compreender a sua realidade com algumas palavras:

“Eu vi no jornal [...] e, assim que eu vi [...] no ato... Falei: ‘Eu vou fazer. Eu vou fazer, porque eu tô muito sedenta de... De informação’. Eu adoro aprender, adoro conhecer pessoas e fazer uma coisa diferente. E, uma coisa que me complete, né? Como dizem os chineses: é muito triste você deitar da mesma maneira que você levantou, sem você ter

aprendido nada, né? Então, eu acho muito bom isso. Adorei ter vindo. E... e tomei uma iniciativa... Eu acho que foi uma das mais certas nesses últimos tempos” (Dona Margarida).

Essa entrevistada, ao relatar que “[...] é muito triste você deitar da mesma maneira que você levantou [...]”, sustenta a argumentação de que a educação continuada constitui-se em instrumento de transformação individual e social. Através da educação continuada, as pessoas idosas apropriam-se da consciência de algumas habilidades cognitivo-afetivas e aptidões naturais, potencializando-as, renovando-as e mesmo adquirindo outras, até então desconhecidas, para continuarem exercendo sua função de sujeitos, de agentes de mudança no meio social no qual encontram-se inseridos.

Debert, ao desenvolver um estudo antropológico em torno da velhice em asilos, percebeu a existência de, pelos menos, duas faces distintas dessa experiência. Assim sendo,

“[...] Uma delas, bastante negativa, mostra o asilo como a concreção dramática da solidão e do desprezo a que os velhos são relegados na nossa sociedade [...]. A outra face, positiva, reflete as sempre apregoadas vantagens do envelhecimento: a experiência acumulada, a sabedoria, o desprendimento, a libertação das angústias e da pressa dos mais jovens, aspectos que dariam caráter especial e exclusivo à vivência das pessoas de mais idade [...]” (DEBERT, 1999, pp.99-100).

Embora o lócus dessa pesquisa não seja os asilos ou as instituições de longa permanência para pessoas idosas, acredito que a reflexão gerontológica, descrita anteriormente, possa nos auxiliar nesse processo de reconhecer que as experiências humanas não são generalizáveis. Ao contrário, tudo o que é humano deve ser compreendido como definitivamente humano, singular e fortemente construído por significados subjetivos. A mesma autora corrobora a análise ao afirmar que “[...] Cada momento vivido é uma nova experiência e em qualquer idade há muito o que aprender” (DEBERT, 1999, p.132).

Pode-se dizer, nesse sentido, que as entrevistadas desta pesquisa viveram e estão vivendo um processo único e particular de educação continuada na Universidade Sênior UNISANT'ANNA. Segundo Guedes:

“[...] a educação continuada, portanto, pode se constituir numa importante aliada das pessoas idosas na construção da visão de si mesmas baseada na realidade da velhice, permitindo mostrar também que, embora a sociedade não esteja totalmente consciente das implicações da longevidade, existem idosos que estão ressignificando suas histórias e construindo projetos de vida a partir de uma nova visão de velhice” (GUEDES, 2006, p.27).

Reafirmando a importância dos projetos de vida, especialmente na última fase da vida, conforme apontado anteriormente, Beauvoir complementa:

“A liberdade e a lucidez não servem para grande coisa, se nenhum objetivo nos solicita mais: elas têm um grande valor se ainda somos habitados por projetos. A maior sorte do velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que para ele, o mundo está ainda povoado de fins. Ativo, útil, escapa ao tédio e à decadência. O tempo em que vive permanece o seu, e os comportamentos defensivos ou agressivos que caracterizam habitualmente a última idade não lhe são impostos [...]” (BEAUVOIR, 1990, p.603).

Ressignificar a própria história de vida, especialmente para as pessoas envelhecidas é, sem dúvida, um trabalho de responsabilidade individual. Nota-se, em diferentes graus e formas, que as entrevistadas conseguiram atribuir ou iniciar a construção de novos significados para sua vida e sua existência ao freqüentarem os cursos propostos pela Universidade Sênior UNISANT'ANNA. Esse processo de ressignificação depende, sobretudo, da construção de uma imagem realista e, se possível, otimista do envelhecimento. Debert nos auxilia nesta análise quando considera que

“A construção de uma imagem positiva do envelhecimento entre os alunos não tem como referência a idéia dos velhos como detentores da sabedoria e da experiência. É, antes, a disponibilidade para o

aprendizado e para novas experiências que dá uma identidade aos estudantes e uma particularidade ao envelhecimento de cada um” (DEBERT, 1999, p.155).

Acredita-se, nesse sentido, que grande parte das instituições que desenvolvem programas e/ou atividades destinados a esse público específico e, em especial, a Universidade Sênior UNISANT’ANNA, local onde foi realizada esta pesquisa, tem trabalhado para romper com os estereótipos criados em torno da concepção de velhice e envelhecimento, sobretudo da imagem das pessoas idosas no âmbito sociocultural, e cuidado em “olhar” para essa população, a fim de identificar a particularidade e a especificidade de sua realidade de vida, de suas percepções, de seus maiores dilemas, de seus sonhos e desejos, etc.

Pode-se dizer, também, que parte dessa tarefa de reconceber a velhice e o envelhecimento como etapa de vida e processo de existência humana depende dos agentes que participam dessa realidade, no caso, os professores e as alunas que freqüentam a referida instituição.

Algumas entrevistadas demonstram, claramente, participar ativamente desse programa destinado a pessoas idosas. E participar ativamente desse programa é viver intensamente essa nova fase da vida e da existência, determinada por novos olhares, sentimentos, ações e reações, e que se expressa em considerações feitas pelas idosas em resposta à questão 4.2 do Roteiro de Entrevista: *“Há quanto tempo a sra. freqüenta a Universidade Sênior e qual é a sua freqüência?”*.

Dona Jasmim – “[...] Chova, faça sol, a pé, a cavalo, de trem, de metrô, eu venho [...]”.

Dona Gérbera – “[...] Venho sempre, não falto, não falto. Já tirei um diploma, eu já tirei um diploma, né? Mas, continuei, né? [...] Então... eu continuei. Não sei quando que vou parar”.

Dona Begônia – “[...] Ah, eu não gosto de faltar. Eu, uma vez que eu me proponho, eu gosto de tudo direitinho”.

Esses depoimentos remetem-nos à evidência de que essas entrevistadas reconhecem a necessidade pessoal de participar das atividades promovidas pelo programa da Universidade Sênior, o que indica o interesse pela “[...] possibilidade de compartilharem a experiência de recodificação do envelhecimento em uma comunidade [...]” (DEBERT, 1999, p.161).

O ingresso das mulheres e sua permanência em seus respectivos grupos alicerça-se em um significado relevante: na consolidação da realidade de “recodificação do envelhecimento”. Pode-se dizer que as experiências dessas mulheres, no que tange à sua chegada, acolhimento por parte das colegas e vivência no programa, constituíram-se, desde o início, um marco em suas vidas, ou melhor, a desconstrução de uma realidade de vida, em muitos casos sofrida, e a construção de um novo paradigma, já que representaram a substituição de seus períodos de isolamento e solidão por outros de novas parcerias, relacionamentos afetuosos, amizados e solidariedade. Beauvoir considera algumas idéias que nos auxiliam nesta análise:

“No caso das mulheres, em particular, a última idade representa uma liberação: submetidas durante toda a vida ao marido, dedicadas aos filhos, podem enfim preocupar-se consigo mesmas. [...] O ideal de dignidade que até então lhe havia sido imposto, ela o pisoteia. Prefere seguir seus impulsos. É verdade que muitas mulheres obstinam-se em manter os valores dos quais viveram e pretendem impô-los às jovens gerações. Mas sua situação lhes oferece uma possibilidade de não se alienar” (BEAUVOIR, 1990, p.598).

Embora Beauvoir considere a velhice uma fase em que as mulheres podem, enfim, “preocupar-se consigo mesmas”, convém ressaltar que a velhice não deve ser entendida como uma fase de preocupações. As pessoas idosas, em especial as mulheres, podem aprender a criar muito além de preocupações individuais, desenvolvendo ocupações concretas que as levem a consolidar a experiência da velhice como um processo de liberação individual e coletiva.

As mulheres que participam do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior, por exemplo, reconhecem viver a velhice como etapa da

vida em que o ideal de liberdade torna-se a base da singularidade do seu processo de envelhecimento. A vivência das idosas na realidade do programa representa, nesse sentido, um processo de liberação pessoal, decorrente de uma atitude que se sustenta na identificação e na compreensão das necessidades individuais dessas mulheres. Debert nos ajuda a compreender a questão, afirmando que

“Para as mulheres, o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas que tornaram a independência e a liberdade possíveis” (DEBERT, 1999, p.184).

A conquista da independência e da liberdade individual, especialmente das pessoas envelhecidas, é o resultado de um processo criativo de vida e de existência humanas. Se acontecerem, a independência e a liberdade individual ocorrem para cada pessoa idosa em um tempo singular e se expressam de maneiras múltiplas. Parece-me bastante oportuno considerar Kairós, já que Martins, ao refletir criticamente sobre o ser-tempo, considera que o tempo é literalmente o sentido da vida e do mundo. Só é acessível à pessoa que tem o seu lugar nele e que segue a sua orientação. Segundo Martins:

“A análise do tempo ilumina todas as outras análises porque ela desvela o sujeito e o objeto como momentos de uma estrutura peculiar que é a presença, um estar presente. O ser só pode ser concebido por meio do tempo, porque é na relação sujeito-sujeito que podemos compreender também as relações sujeito e mundo” (MARTINS, 1991, p.13)

Através da consideração feita a respeito do ser no tempo e do ser como tempo, em que as experiências de vida e os conhecimentos dimensionam a existência do indivíduo, torna-se possível refletir sobre Kairós, que se configura como um tempo vivido, próprio para ações humanas significativas, dentre elas a educação, que possibilita o desenvolvimento integral do ser, em especial da pessoa idosa, como veremos a seguir.

3.2. A educação como desenvolvimento integral do ser

Através da questão 4.3 do Roteiro de Entrevista: “*O que a sra. esperava encontrar nesta Universidade Sênior?*”, foi possível verificar uma pluralidade de sentidos nas respostas, que se relaciona com Kairós, ou seja, com o tempo particular, subjetivo, específico e singular da vida de cada entrevistada.

A pluralidade de sentidos, no que diz respeito à elucidação das entrevistadas sobre a referida questão, aponta que todo processo de conhecimento, principalmente aquele que presenciamos e vivenciamos na atualidade, e, em especial, o processo que as entrevistadas viveram no decorrer de sua trajetória na Universidade Sênior UNISANT’ANNA, é marcado por intensos e incessantes momentos de resignificação.

Ressignificar-se por toda a existência e atribuir novos significados ao ato de aprender deve ser concebido como ação social e ato político, praticado, fundamentalmente, pelo sujeito, através de uma relação que envolva o diálogo como forma de comunicação e interação humanas. Freire sustenta esta colocação, ao considerar que “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 2006, p.136).

Dona Angélica abriu-se para o mundo e nas relações com os outros na medida em que pôde construir para si mesma a perspectiva de vivenciar novos aprendizados em seu processo de envelhecer, rompendo assim com alguns estigmas socialmente definidos para a concepção de ser “mulher” e ser “mãe”. Embora a entrevistada tenha encontrado alguma dificuldade para responder, acabou revelando que encontrou muito aprendizado, já que não tinha “[...] grandes escolas [...]”.

Em outro momento de suas considerações, *Dona Angélica* ressaltou a intensa valorização recebida de seus filhos, ao iniciar o curso da Universidade Sênior. Em suas palavras:

“[...] eles têm o maior orgulho de falar: ‘A minha mãe faz Faculdade... da terceira idade’, eles frisam bem, logicamente. Mas eles têm orgulho de falar que a mãe deles tem setenta anos e frequenta a Universidade [...] Não é uma mãe que fica lá em casa fazendo comida ou então sem fazer nada, é uma mãe que tá atuando, né? Então, foi bom pra mim e pra eles” (Dona Angélica).

Através deste pequeno, porém, expressivo relato de *Dona Angélica*, podemos dizer que sua atitude, pelo menos no que tange à entrada e à permanência na Universidade, fez ecoar um sentimento de admiração e, principalmente, valorização (dentre outros) em cada um de seus familiares. Essa capacidade de valorizar, demonstrada pelos familiares de *Dona Angélica*, bem como o reconhecimento dessa valorização e desse “orgulho” por parte da entrevistada, podem ser entendidos como a competência de reconhecer em si mesmos o próprio valor. Beauvoir ajuda-nos com a seguinte reflexão:

“Os valores e os fins que encontramos fora de nós são fruto de nossos investimentos. É nossa ausência de paixão, é nossa inércia que cria o vazio à nossa volta. [...] Não querer nada, não fazer nada, é condenar-se à sinistra apatia na qual mergulham tantos aposentados” (BEAUVOIR, 1990, p.553).

Dona Jasmim e *Dona Orquídea*, embora tenham participado da entrevista em momentos distintos, suscitaram idéias especialmente convergentes. A convergência de suas idéias diz respeito, basicamente, à não expectativa quanto ao início e ao desenrolar do curso, ou seja, as entrevistadas não esperavam encontrar algo em particular, porque, de fato, não sabiam o que iriam ou poderiam encontrar. Apenas tinham a idéia que esse curso poderia lhes oferecer a possibilidade do convívio, da troca de informações, conhecimentos e, principalmente, de afetos entre os participantes. E essa possibilidade já configurava o sucesso da escolha de participar de um programa oferecido por uma universidade e de um grupo para pessoas idosas.

Dona Gérbera e *Dona Hortênsia* mostraram-se, quanto à questão 4.3, não muito confiantes e até um pouco pessimistas. Ambas, principalmente no

início de suas entrevistas, consideraram que participar de um programa, assim como o que foi apresentado a elas pela referida instituição, poderia se constituir e um processo muito difícil, quase impossível. *Dona Gérbera* chegou a citar:

“[...] eu pensei que ia ser muito difícil, que não ia dar, que não ia dar pra mim, pensei que não ia dar, como eu... eu não tenho muito estudo, né? Eu falei assim: ‘Não vai dar, eu... ai, eu... ai, eu vou tentar, mas eu acho que não vai dar’, mas eu chegando aqui eu perguntei como que era, me informei direito, né? Aí, vi que não tinha problema aí consegui, graças a Deus tô muito feliz” (Dona Gérbera).

Dona Hortênsia, da mesma forma, considera:

“Olha, eu esperava encontrar um outro tipo de... Assim, uma coisa mais leve, mais corriqueira, assim. Eu tô achando um pouco – pra minha idade – eu tô achando um pouco pesado. E outra coisa: eu tenho um pouquinho de dificuldade de audição – desse lado eu não... Eu não operei, né? Então, tá sendo um pouquinho difícil pra mim... É, pra... Pra ouvir, às vezes, alguma coisa. Então, eu fico só quieta na aula; não dou muito palpite, não falo nada... Gosto muito de ouvir o que falam, mas não gosto de, de, de expressar minha opinião, assim... Não gosto de interromper a aula pra falar; fico só ouvindo. [...] A aula vai passando, eu fico trabalhando a minha cabeça” (Dona Hortênsia).

As considerações de *Dona Gérbera* e de *Dona Hortênsia* podem, de fato, nos levar a várias reflexões sobre o processo multifacetado da experiência de conflito, desgaste, dificuldade e sofrimento ao qual muitas pessoas idosas estão sujeitas em seu processo de vida e de existência.

No tocante às questões apresentadas pelas duas entrevistadas, esta reflexão se encaminha para o fato de que não deve ser realmente fácil viver, ao mesmo tempo, a vontade de participar de algum grupo e saber internamente que não se tem as melhores condições para vivê-lo. No entanto, devemos lembrar que as experiências das pessoas idosas, bem como das pessoas em qualquer outra etapa de seu desenvolvimento de vida, não são apenas marcadas por tais características.

Dona Begônia parece viver a mesma condição que *Dona Gérbera* e *Dona Hortênsia*. No caso de *Dona Begônia*, por exemplo, ao ser questionada sobre o que esperava da Universidade Sênior, respondeu-me da seguinte forma:

“Olha, pra te falar a verdade, eu não imaginava que era do jeito que é. Eu achava que era rígido. [...] Mas não é não. Ah, principalmente nas amizades que eu fiz. Porque eu não tinha convívio com ninguém, né? Eu era muito reservada. [...] Era muito reprimida, muito tímida, muito. [...] eu não me sentia gente” (Dona Begônia).

Considerar uma instituição rígida, antes mesmo de conhecê-la, pode significar que para a referida entrevistada essa visão de rigidez advém de situações pessoais vividas por ela, em especial com o próprio marido, já que ele sempre foi sua única referência antes de iniciar seu percurso na Universidade Sênior. Suas palavras constataam essa realidade:

“[...] Eu me sentia um lixo. [...] Eu me sentia assim, da parte do meu marido – que, ele me reduzia muito, entende? E eu fui me anulando, anulando, me anulando. Vivia só pra ele. Mas, aí, chegou uma época que não deu certo, né?” (Dona Begônia).

A mesma entrevistada diz que não tinha convívio com ninguém, que era muito reservada, muito tímida, e que, por isso, não se sentia gente, porque não tinha a possibilidade de se integrar em sua própria identidade, muito menos de se reconhecer a partir do outro, já que não agia / reagia / interagiu nos processos com as pessoas e na vida, apenas sobrevivia. Bosi reflete sobre o assunto:

“Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. Como deveria

ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem” (BOSI, 1994, pp.80-1).

Com a experiência da Universidade Sênior, *Dona Begônia* diz ter reconstruído sua imagem, sua vida, após um longo período de adaptação. Suas palavras refletem essa evolução:

“[...] Quando eu entrei, no começo, vieram umas meninas para me perguntar, e eu, caramba, o que que eu tô fazendo aqui? [...] Eu fui fazer novas amizades – umas amizades ótimas, viu? Na minha classe, uma menina, menina? Como eu, né? Mas são ótimas, viu? Uma amizade muito boa. Então, eu tô me sentindo gente com isso, sabe? Porque eu não me sentia [...]” (Dona Begônia).

Dona Margarida diz ter encontrado aquilo que esperava na Universidade Sênior, conforme segue:

“[...] pessoas vindo nos dar informações de coisas diferentes, de coisas novas. Só para você ter uma idéia de como essa experiência tem sido importante pra mim... às vezes fico ansiosa de ter que esperar de uma quinta-feira até a aula da próxima quarta-feira” (Dona Margarida).

No início de seu percurso diz ter ficado surpresa com as instalações. Ficou “um pouco chocada” com as grandes instalações, salas de aula imensas, grandes distâncias para chegar de um ponto ao outro. No entanto, esta foi apenas a primeira impressão da entrevistada e, com o tempo, aquele espaço frio foi se constituindo, para *Dona Margarida*, em espaço aconchegante e de acolhimento.

Dona Rosa e *Dona Violeta* revelam opiniões que se assemelham, porque ambas esperavam encontrar nesse programa para pessoas idosas uma proposta de enriquecimento pessoal para viverem a vida com mais liberdade e autonomia. Esta idéia pode ser sustentada através das falas das entrevistadas, conforme segue:

“Encontrei um aprendizado, uma atualização, né? E... e o convívio também, né? Com as colegas, com os professores, né? Então, isso faz muito bem pra vida da gente” (Dona Rosa).

“Eu adorei porque eu gosto de me... de me atualizar. E, aqui no curso, a gente tem essa orientação. Principalmente na parte de saúde. [...] quando comecei a ter as aulas, eu vi muita coisa que eu briguei com meu marido porque a gente não tinha conhecimento. [...] Agora, eu sei que o homem, ele só tem uma atenção. E nós temos várias atenções – nós podemos fazer várias coisas ao mesmo tempo. E eu implicava, brigava, às vezes, com ele, porque ele não dava atenção naquela hora que eu queria. E era justo? [...] Então, hoje eu vejo também os meus erros, né? Mas é tarde. Agora já não tem mais jeito” (Dona Violeta).

Por meio das percepções das entrevistadas, pode-se dizer que esse aprendizado e essas atividades de atualização configuram-se como cenário para processos individuais subjetivos mais amplos e profundos.

Quando *Dona Rosa* considera que esse tipo de vivência “faz muito bem pra vida da gente”, e quando *Dona Violeta* diz que “então, hoje, eu vejo também os meus erros, né?”, acrescentamos à análise que as duas idosas participam de um processo educativo que pode lhes oferecer a possibilidade do desenvolvimento cognitivo, psíquico, afetivo, motor e de relações sociais na velhice.

Viver a possibilidade do desenvolvimento integral, por todo o processo de envelhecimento, pode desencadear o amadurecimento psíquico da pessoa idosa, levando-a a desconstruir ilusões e a potencializar sua força física, sua energia de vida, seu aspecto intelectual, suas emoções e ações, assim como nos sugerem as considerações das entrevistadas.

Dona Azaléia, com fluência, relata sobre o seu total desconhecimento quanto ao que poderia esperar da Universidade Sênior, já que sua melhor amiga não contara a ela o que esse programa, de fato, significava, ou como se configurava. No entanto, a curiosidade da entrevistada a fez visitar a instituição,

para conhecer o programa, a organização das aulas, o grupo de professores e os colegas. Nessa ocasião, segundo a entrevistada,

“[...] Ele (o professor) tava dando a aula da leitura das mãos. Então, eu assisti às duas aulas dele. Depois, eu já me matriculei. Aí, eu fui pro meu lugar certo, né? Já fui pro meu lugar certo. [...] é por isso que ela se chama aberta: porque nós somos totalmente abertas aqui dentro, umas com as outras. Cê conhece todas, você brinca com todas, você conversa com todas” (Dona Azaléia).

Considerando as citações de *Dona Azaléia*, podemos dizer que ela despertou para a sua condição de agente, conforme as colocações de Sen, a seguir, na medida em que pode perceber-se mulher ativa, responsável, conectada em si e na realidade da qual é integrante. De acordo com Sen:

“[...] ver os indivíduos como entidades que sentem e têm bem-estar é um reconhecimento importante, mas ficar só nisso implica uma concepção muito restrita da mulher como pessoa. Portanto, compreender o papel da condição de agente é essencial para reconhecer os indivíduos como pessoas responsáveis: nós não estamos sãos ou enfermos, mas também agimos ou nos recusamos a agir, e podemos optar por agir de um modo e não de outro. Assim, nós – homens e mulheres – temos de assumir a responsabilidade por fazer ou não fazer as coisas. Isso faz a diferença, e precisamos atentar para essa diferença. [...]” (SEN, 2000, p.221).

Dona Azaléia, portanto, nos revela a condição de mulher que se sustenta nesse paradigma emergente, conforme apresenta Sen. Ao considerar que “[...] aqui nós somos totalmente abertas, umas com as outras”, a entrevistada demonstra ser uma agente de mudança, responsável pela manutenção de seu próprio bem-estar e, fundamentalmente, pelo seu próprio ser.

Se *Dona Azaléia* fala de uma “abertura total” no que diz respeito à sua participação no programa da Universidade Sênior UNISANT’ANNA, acreditamos, nesse sentido, que essa abertura se relaciona, em particular, com

os vínculos livres e espontâneos que estabelece no grupo, e com a opção de agir ou de se recusar a agir, agir de um modo e não de outro, fazer ou não fazer as coisas, etc.

Podemos dizer, nessa perspectiva, que a condição de agente de *Dona Azaléia*, e de outras entrevistadas também, embora em grau menos acentuado, é sustentada com pertinência, em razão de seu projeto de vida basear-se na busca de novos aprendizados e no exercício continuado de educação ao longo da vida, fazendo aprimorar, assim, o seu desenvolvimento individual, “[...] como um processo de expansão das liberdades [...]” (SEN, 2000, p.336).

Com relação à questão 4.4 do Roteiro de Entrevista: *“De quais atividades a sra. participa e quais considera mais interessantes? Por quê?”*, percebi que as entrevistadas, de modo geral, apresentaram dificuldades quanto à elaboração de uma avaliação pessoal. Acredito, nesse sentido, que tais dificuldades correspondam às próprias motivações das entrevistadas.

Os depoimentos das idosas indicam que elas estão, efetivamente, muito mais preocupadas em fazer surgir e vivenciar o sentimento amoroso nas relações sociais e criar um ambiente de entrosamento, harmonia e solidariedade no grupo que se capacitar do ponto de vista cognitivo. Das dez idosas entrevistadas, seis comentaram (brevemente) sobre as atividades em si, mencionando o nome por que são conhecidas, e sobre o seu interesse específico por essas atividades.

Dona Jasmim comenta sobre o seu interesse especial pelas aulas de História. Segundo a entrevistada:

“[...] Sou especialmente apaixonada por História do Brasil, [...] apesar que a história do Brasil de hoje é completamente diferente daquela que eu aprendi no ginásio, [...] Mas mesmo assim, eu acho que eles tão mostrando pra nós a verdadeira história do Brasil” (Dona Jasmim).

Além das aulas de História do Brasil, essa entrevistada também freqüentou as aulas de uma outra professora que tratou de alguns assuntos

considerados “tabus” para as mulheres idosas. Nessas aulas, a professora e as alunas puderam conversar, no início de forma tímida, sobre temas como sexualidade na velhice. Nessas discussões, as aulas puderam compartilhar algumas fantasias de seus imaginários e dividir as angústias, não aplicadas a todas, relativas a esta vivência. Em suas palavras: “[...] *Então, coisas que nunca foram faladas na minha vida, por exemplo, foram faladas aqui, eu fui nesse lugar... como é que se chama?*”.

Deixei que a entrevistada se lembrasse desse “lugar”, mas percebi, ao mesmo tempo, que *Dona Jasmim* demonstrava em sua face uma expressão de vergonha em dizer o lugar que havia freqüentado. Portanto, resolvi ajudá-la a expressar o nome desse lugar. Disse, portanto, “Sexshop?”. Imediatamente *Dona Jasmim* mencionou com alegria:

“Isso mesmo, é, mas cê tinha que ver que lugar, uma casa aqui atrás do cemitério da Consolação, se você visse que ambiente fino. A minha classe foi inteira, todo mundo, uma maravilha. [...] mas foi assim uma coisa de um nível alto” (Dona Jasmim).

Dona Orquídea considera as aulas de Português, as aulas de História e Geografia e as aulas de Saúde as suas preferidas, “[...] *das quais eu gosto muito de assistir [...] pois é tudo o que serve pra pessoas de idade*”. Em outro momento de sua interlocução, essa entrevistada considera que, embora não tenha muito boa pronúncia da Língua Portuguesa, as aulas de Português a auxiliaram muito em seu processo de dicção, leitura e escrita, conforme segue:

“[...] por exemplo, como eu falei que não gosto de português, as aulas de português permitiram eu melhorar o meu português, escrito pelo menos. Falado, sem dúvida, que não consigo esconder a minha proveniência. O sotaque me revela logo. Mas, estou aprendendo mais de uma coisa. Apesar que quando eu revalidei o meu diploma, eu fui obrigada a testar a língua portuguesa, história e geografia pra entrar na Faculdade. E além de tudo isso, estar junto de pessoas é muito bom, não é mesmo?” (Dona Orquídea).

Dona Azaléia ao participar das aulas de Geografia Política, diz ter revivido intensamente o cenário da Revolução de 1964. A entrevistada considerou que a brilhante exposição do professor a respeito da grande revolução pôde levá-la ao passado, de fato, já que a realidade de 1964, contada daquela maneira, fez parte da vida real de *Dona Azaléia*. Em suas palavras: “[...] Quando ele deu a aula eu me vi direitinho. Eu vi todo aquele povo. Eu via todo aquele povo novamente. Então, foi uma grande recordação. [...] Foi um espetáculo a aula”.

Dona Rosa contempla em seu discurso todas as aulas que têm um enfoque mais psicológico e que podem ajudar a pessoa idosa a construir o seu próprio bem-estar. Em suas palavras:

“[...] aqui a gente... nós temos diversas aulas, diversas áreas de psicologia, né? E também temos áreas sobre saúde, nutrição, né? Temos física quântica, neurolingüística, que são matérias muito interessantes que enriquecem muito a vida da gente. [...] a gente aumenta os nossos conhecimentos, né? E eu aproveito bastante, vivo aquilo que eu estou fazendo, porque venho com vontade, alegria e vontade de aprender, então, é muito proveitoso [...]” (Dona Rosa).

Dona Violeta diz ter “se encontrado” nas aulas de Coral, em função de apreciar muito a prática do canto e, sobretudo, por ter construído grandes vínculos de amizade com todos os seus colegas e professores. A entrevistada menciona:

“[...] Nossa, lá os colegas são uns amores, todos, todos. Os professores – que é um casal – que dão aula pra nós todas as quartas-feiras, enfim, enfim, é tudo uma delícia”. [...] Tudo, tudo, tudo pra mim foi importante porque, desde que eu fiz o colegial, li alguma coisa, mas em relação a minha profissão, né? [...] eu já estava há doze anos, quase, afastada e aposentada... Então, pra mim, foi excelente. Na parte de português e de história” (Dona Violeta).

Dona Margarida considera, dentre outros interesses, as aulas de Educação Física as mais importantes para o seu desenvolvimento. Um de seus comentários sobre essas aulas:

“[...] ela (a professora) falou sobre o cérebro. Então, fez com que a gente percebesse a necessidade de você ter uma atividade, de você ter de botar os neurônios sempre trabalhando. É isso que a gente veio procurar aqui” (Dona Margarida).

A mesma entrevistada demonstra, como uma das aprendizagens durante o percurso no Programa de Educação Permanente Universidade Sênior, a possibilidade de valorizar-se. Em suas palavras:

“[...] Isso foi muito importante, porque hoje eu tinha meus motivos para viver no conflito. Mas eu... Eu tô lutando pelo meu espaço. Então, isso que é um aprendizado. Porque, cada aula que se dá, isso é falado: ‘Você tem que se valorizar, você tem que estar bem para que à sua volta tudo esteja bem também’. Então, isso eu tô aprendendo a cada dia. Nunca é tarde pra começar, porque o saber não ocupa lugar. Então, é pra isso você tem muito espaço na cabeça. E é só botar pra funcionar” (Dona Margarida).

As entrevistadas a seguir não mencionam as atividades cursadas e não justificam o seu interesse por atividades específicas, embora verbalizem idéias gerais sobre essa questão. Nesse sentido, constroem uma reflexão sobre a importância de participar das atividades que compõem o currículo do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT’ANNA para o seu desenvolvimento como pessoa.

Dona Angélica diz ser muito raro não gostar de alguma aula. Considera que, no geral, todas as aulas são boas porque, a partir das aulas, *“[...] você fica com a cabeça aberta, você pode falar com alguém e sabe o que vai falar, não fica ali que nem boba, sem saber o que responder. Eu acho que vale muito a pena”*. Essa entrevistada retrata uma realidade que se sustenta na análise de Bosi. Assim sendo, *“[...] conviria meditar que nossas faculdades, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do nosso interesse pelas coisas, enfim, depende de um projeto. De que projeto, o velho, participa agora?” (BOSI, 1994, p.80).*

Dona Angélica está claramente atenta à vida, na medida em que se encontra de “*cabeça aberta*” para aprender continuamente através das aulas e interações sociais promovidas no âmbito da Universidade Sênior. Sua intenção permanente de estar disposta para o aprendizado supõe, nesse sentido, uma atitude pessoal que envolve um profundo interesse pela vida, reflexo da elaboração de novos sentidos para a sua existência. Bosi amplia essa discussão, trazendo à tona a seguinte argumentação:

“Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (BOSI, 1994, p.80).

Dona Gérbera demonstra não se lembrar muito bem de sua participação nas atividades, nem mesmo dos professores responsáveis pelas atividades. Recordar-se de fatos vividos no presente e recentemente parece não constituir uma atividade muito simples para a entrevistada. Ressaltamos, no entanto, a própria fala da entrevistada, no que diz respeito à sua percepção sobre o aprendizado adquirido na Universidade Sênior, conforme segue:

“Ai, eu acho que foi o meu desenvolvimento, né? Porque eu era muito, muito tímida. Como eu não sou muito boa de português, eu era muito fechada, muito quieta, muito calada, mas eu fui me desenvolvendo, não sei, eu acho que eu me desenvolvi. Depois de velha me desenvolvi” (Dona Gérbera).

Em vários momentos da entrevista, *Dona Gérbera* considera, simultaneamente, o seu momento de vida atual e alguns episódios de sua vida em tempos remisscentes, chegando a apresentar confusão plena em seu pensamento e, principalmente, em sua forma de expressar-se oralmente. No caso específico de *Dona Gérbera*, podemos dizer que substancialmente a sua dificuldade de relembrar se deve ao fato de, segundo Bosi,

“[...] não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a

quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora” (BOSI, 1994, p.81)

Essa entrevistada demonstra, através de um olhar nostálgico, muita saudade de algumas vivências do passado. A experiência de ser mãe adotiva, de uma criança com apenas dois dias de vida, foi sem dúvida a realização da maternidade e, fundamentalmente, a consolidação de um sonho transcendente: o sonho de aprender e saber cuidar de um ser humano frágil com muita delicadeza e aguçado instinto amoroso. *Dona Gérbera*, atualmente, diz sentir-se muito sozinha, e a falta de seu marido e do querido filho, já que ambos faleceram há algum tempo, deixa em seu coração a saudade de um tempo que infelizmente se esgotou.

Embora *Dona Gérbera* também sinta alegria por participar das aulas, estudar mais e, logicamente, por estabelecer vínculos duradouros com suas colegas de turma, pode-se dizer que o momento atual de vida da entrevistada continua existindo em relação ao passado, ou seja:

“[...] que o tempo atual não lhe pertence, e menos ainda o futuro. É a nostalgia do passado idealizado, que não permite ressignificação no presente, ao contrário com o que acontece com a reminiscência, sempre criativa e construtiva” (GOLDFARB, 2006, p.80).

Dona Begônia não considera as atividades cursadas por áreas do conhecimento humano ou temas de interesse, mas traz à tona o nome de seus três professores prediletos, daqueles professores que, de certa forma, a auxiliaram na construção de uma imagem mais realista e otimista de seu processo de envelhecimento e de vida. Em relação a essa perspectiva, Bosi complementa: “[...] é preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos [...] não sejam uma espécie estrangeira” (BOSI, 1994, p.81).

Os comentários da própria entrevistada nos ajudam a compreender o sentido da construção dessa imagem mais realista e otimista de seu processo de envelhecimento e de vida, conforme segue: “[...] *Essas aulas são ótimas, porque elas falam de problemas que a gente sabe, que a gente já passou. Entende?*”.

Pode-se dizer, nesse sentido, que *Dona Begônia*, ao considerar que as aulas abordam “problemas” que elas conhecem, a entrevistada está querendo dizer que Kairós, o seu tempo vivido, particular e subjetivo, tem sido acolhido pelos professores e colegas em seu processo de desenvolvimento na Universidade Sênior UNISANT’ANNA. Pessini, ao refletir criticamente sobre as dimensões do tempo, Cronos e Kairós, analisa:

“Claro que somos filhos(as) do tempo, vivemos no *cronos*, mas não somos simplesmente vítimas do processo de envelhecimento. Podemos fazer diferença cultivando uma atitude positiva que depende exclusivamente de nós. É preciso fazer acontecer a dimensão do kairós. O tempo, como kairós, isto é, como experiência da graça maior que plenifica a vida e lhe dá sentido. É o tempo que abraça a vida ‘como um caso de amor’, de uma experiência profunda de paz, de reencontro e de reconciliação consigo mesmo, com os outros e com o grande Outro, Deus. É o tempo medido ‘com as batidas do coração’ [...]” (PESSINI, 2006, p.68).

Lopes considera a dimensão kairótica do tempo quando registra: “compartilhar o vivido no passado e trazer para o presente possibilita ao idoso compreender antigas experiências e modificar formas atuais de sentir e lidar com o dia-a-dia. Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora, a partir do outrora” (BOSI apud LOPES, 2006, p.95).

Dona Hortênsia diz já conhecer muitas informações trabalhadas durante o desenvolvimento das atividades na Universidade Sênior, em função de suas variadas experiências, construídas ao longo da vida. Mesmo assim, a entrevistada considera que aquelas informações e conhecimentos trabalhados pelos professores são de suma importância para o desenvolvimento de

peessoas mais jovens, já que, supostamente, não viveram as mesmas experiências que ela. *Dona Hortênsia* acrescenta que “[...] prefere as aulas mais descontraídas e alegres, por não serem muito cansativas”.

Considerando-se a citação e examinando com mais profundidade as particularidades do discurso da entrevistada, pode-se dizer, em princípio, que os cursos da Universidade Sênior têm priorizado, dentre outros fatores, atividades ligadas à busca do prazer, à construção e à manutenção do bem-estar integral, ao processo de socialização, à possibilidade de criação e recriação e, principalmente, à participação da pessoa envelhecida na comunidade.

Goldfarb aponta que a grupalidade, especialmente entre pessoas idosas, “[...] incentiva o vínculo social, ajudando a superar as fragilidades na construção de uma velhice mais satisfatória, o que, sem dúvida, promove aumento da auto-estima e mudança do imaginário social sobre a velhice [...]” (GOLDFARB, 2006, p.81).

3.3. A convivência e a amizade como aprendizagens significativas

Por intermédio da questão 4.5 do Roteiro de Entrevista: *“Como se dá a convivência de pessoas que participam da Universidade Sênior e o que é mais importante para a sra. nessa convivência?”*, observou-se que a amizade constitui um valor social importante para as idosas, já que para grande parte das entrevistadas, a amizade, como elemento de integração humana, norteia, dinamiza e transforma suas relações sociais, fazendo-as dar continuidade aos seus projetos de vivência, convivência, amadurecimento e de educação na Universidade Sênior.

Algumas entrevistadas, por meio de seus depoimentos, demonstram claramente a importância de terem e de se sentirem amigas de suas colegas de turma. Convém ressaltar que a amizade entre pessoas, estejam elas na fase da existência em que estiverem, constitui-se fator preponderante da construção e da ampliação da felicidade do humano. No que se refere à possibilidade da criação dos vínculos de amizade na velhice, acreditamos que eles propiciam, segundo Gesché, o “[...] redescobrir o ser humano como um ser de desejo e alegria: o ser humano não é feito para a desgraça, e sim para a felicidade. A felicidade é um dinamismo, um *existencial* indispensável ao ser humano” (GESCHÉ, 2003, 135).

Os seres humanos, em especial as pessoas idosas, potencializam seus sentimentos de alegria e felicidade na medida em que reconhecem, através de suas relações sociais, aquelas pessoas que se apresentam como verdadeiros amigos. Segundo Lélio:

“[...] a força que a amizade encerra torna-se inteiramente clara para o espírito se considerarmos o seguinte: em meio à infinita sociedade do gênero humano, que a própria natureza dispôs, um vínculo é contraído e cerrado tão intimamente que a afeição se acha unicamente condensada entre duas pessoas, ou raramente mais que duas” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, p.84).

Dona Angélica, por exemplo, considera que a amizade entre os freqüentadores da Universidade Sênior é plena, em razão de todos conviverem e se integrarem com muita facilidade e espontaneidade. Acredita ainda que, nesse relacionamento, não há nada de errado, por considerar, de fato, que “[...] todos se dão muito bem mesmo”.

Embora a entrevistada diga que mantém plena relação de amizade com todos os participantes da Universidade Sênior UNISANT’ANNA, ressalto que *Dona Angélica* apresenta-nos uma concepção discutível de amizade. Através de algumas colocações durante a entrevista, percebe-se que mantém vínculos reais de amizade com algumas de suas colegas. No entanto, não se pode dizer que eles são mantidos com todos, haja vista o grande número de freqüentadores que participam do programa.

Além desse aspecto, como *Dona Angélica* poderia nutrir-se dessa relação de amizade com todos os freqüentadores da Universidade Sênior, se cada indivíduo se estrutura em uma personalidade, em uma realidade sociocultural e econômica e de vida, apresentando, assim, interesses e potencialidades singulares?

Seria *Dona Angélica* capaz de conhecer a singularidade de cada freqüentador para, de fato, estabelecer um vínculo de amizade com cada um deles? Tratando-se de uma relação social que pode, sem dúvida, possibilitar o vínculo de amizade, tais aspectos não podem ser negados; pelo contrário, devem ser considerados em sua essência. Encontramos em Lélío uma interpretação que nos ajuda a compreender a relação entre a singularidade do ser e a criação dos vínculos de amizade, conforme segue:

“[...] as diferenças entre os temperamentos acarretam interesses diferentes, cuja divergência desfaz as amizades: que outra razão haveria para o fato de as pessoas de bem não poderem ser amigas de pessoas desonestas, nem estas amigas daquelas, senão que houve entre elas o desvio de temperamentos e de gostos mais considerável que pode haver?” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, p.126).

Os dizeres de *Dona Angélica*, considerando a percepção da entrevistada sobre as oportunidades para interagir com pessoas e, conseqüentemente, vincular-se a elas, construindo laços de amizade, reiteram que a Universidade Sênior costuma programar viagens de turismo, passeios dirigidos, visitas a museus, conforme segue:

“[...] aqui a gente faz [...] tem facilidade de viagens... de ir a museus... eles dão dicas de onde ir. Então, eles tão estimulando a gente, ensinando né? Então, valeu, se eu ficasse na minha casa, eu não ia fazer nada disso, eu nem conheceria museu, só o do Ipiranga e olhe lá, né? Então, aqui a gente tá aprendendo muito, né? [...]” (Dona Angélica).

Dona Angélica diz “sentir falta” de suas colegas quando precisam se ausentar por alguma razão específica. “Sentir a falta”, especialmente em um grupo de pessoas idosas, deve ser tratado com especial cuidado, já que esse sentimento nos evoca um outro sentimento: o sentimento de “desejar a presença”. Desejar a presença do outro nos remete à idéia de conexão afetiva. Estar conectado do ponto de vista afetivo constitui uma realidade sublime para a pessoa envelhecida, em especial para as mulheres entrevistadas. Beauvoir considera a questão, ao dizer que os velhos, normalmente,

“[...] têm prazer em estar juntos, na medida em que têm lembranças e uma mentalidade comum. [...] cultivam com predileção suas mais antigas amizades. Mas também são, uns para os outros, espelhos nos quais não lhes é agradável ver-se: os sinais de senilidade que ali descobrem irritam-nos. [...] As mulheres velhas têm mais interesses comuns e, conseqüentemente, mais cumplicidade e mais motivos de disputa” (BEAUVOIR, 1990, pp.578-9).

Dona Jasmim, embora sinta muita satisfação em pertencer ao grupo de pessoas idosas da Universidade Sênior, parece, ao mesmo tempo, demonstrar a atitude apontada por Beauvoir, quando a autora considera a necessidade que muitos idosos desenvolvem de serem cúmplices em razão dos interesses comuns, e de disputar um lugar de reconhecimento e liderança. Embora a entrevistada tenha falado, por inúmeras vezes durante a entrevista, de uma

necessidade de reconhecimento e desejo de liderança, acredito que *Dona Jasmim*, de fato, assuma essa função de líder. Por essa razão, tais observações não expressam nenhuma perspectiva pejorativa e/ou destrutiva. Ou seja, as observações aqui mencionadas, e também em outros momentos do texto, refletem uma análise que se baseia na perspectiva crítica da pesquisa com enfoque científico.

A referida entrevistada, em alguns momentos de sua interlocução, considera-se um exemplo a ser contemplado e seguido pelas colegas do curso, até pelo jeito de expressar-se durante sua fala. *Dona Jasmim* apresenta o seguinte argumento: “[...] *tem pessoas que não encaram isso, assim, como... como eu encaro, como um templo de saber, praticamente, não é verdade?*”. Convém ressaltar que ao mencionar “[...] *assim, como... como eu encaro*”, *Dona Jasmim* deu grande ênfase à citação do “eu”, demorando, inclusive, para verbalizá-lo. Em outras passagens, *Dona Jasmim* considera:

“[...] Então, tudo aqui é bom e tem gente que vem porque não tem outra alternativa. [...] Não tá a fim de ir pra shopping, então vem pra Faculdade. Então, [...] se elas vêm uma ou duas vezes, é muito. Então, elas não interagem, elas não acompanham aquela matéria [...] Então, as pessoas perdem, então às vezes ficam conversando lá atrás e eu fico chamando atenção. Eu sou briguenta, porque eu acho que tem que ter respeito pelo professor, ele preparou aquela aula, ele saiu da sua casa... e o carinho que eles têm, porque eles demonstram o carinho que tão ali, não é pelo que eles ganham, que não deve ser grande coisas [...]” (Dona Jasmim).

Dona Jasmim apresenta-nos a postura de uma pessoa idosa convicta, de quem realmente se compreende e, principalmente, de quem compreende a sua função na grupalidade. Sua liderança, como uma característica de sua personalidade, ora acolhedora quando compreende o ambiente da universidade como um verdadeiro templo do saber, ora assustadora quando se vê como alguém que fica chamando a atenção das colegas que conversam durante os encontros na Universidade, nos faz supor que a convivência com suas colegas não seja amena. A partir da análise das interlocuções da

entrevistada, pode-se afirmar que a sua forma de viver e conviver no grupo é, ao mesmo tempo, calorosa, efervescente, polêmica e contestatória.

Dona Jasmim parece não se preocupar em evitar conflitos em sua turma, o que, de fato, não parece ter tanto valor para a entrevistada, já que continua se relacionando, e de maneira ativa, com suas colegas e na instituição. No entanto, devemos lembrar que há muitos casos de pessoas com uma grande capacidade de liderança, assim como a demonstrada por *Dona Jasmim*, mas que, por conta de necessidade de auto-afirmação, assim como também demonstrado pela entrevistada, são literalmente excluídas de seus grupos.

Convém ressaltar, nesse sentido, algumas observações de Lélío quanto à possibilidade do aprendizado de um comportamento mais resignado e cuidadoso, especialmente quando se trata de um comportamento construído no âmbito social e coletivo:

“[...] a primeira das coisas a fazer é evitar os conflitos entre amigos; se tal coisa acontecer, que a amizade pareça ter-se extinguido naturalmente, em vez de ter sido sufocada. Cumpre de fato zelar, sobretudo, para que a amizade não se transforme num ódio funesto, engendrando discussões, insultos, acusações injuriosas. Se apesar de tudo isso ocorrer – dentro dos limites do tolerável, é claro –, será preciso, à guisa de homenagem à antiga homenagem, demonstrar resignação, e assim a falta recairá sobre quem profere calúnias e não sobre quem as sofre” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, p.128).

Dona Jasmim diz acompanhar mais três colegas desde o início, quando começou a frequentar a Universidade Sênior. Essa condição sustenta, para as quatro colegas, incluindo *Dona Jasmim*, a possibilidade de “escolherem os professores”, segundo seu relato:

“[...] então nós é que escolhemos professores. Um professor novo... ele passa primeiro pela nossa classe, pra ver se a gente aceitou, se a gente gostou da matéria, a gente sempre gosta, né? Isso não precisa nem te falar: que a gente sempre gosta. [...]” (*Dona Jasmim*).

Evidencia-se, por parte da entrevista, uma consciência profunda e política quanto ao seu compromisso e à necessidade de participar ativamente de todo o processo, não apenas como expectadora das aulas, mas, sobretudo, como agente de mudança no que se refere à consolidação do programa desenvolvido com esse público diferenciado, no caso, com as pessoas envelhecidas.

Participar da escolha dos professores representa, nesse sentido, a expressão máxima de que a Universidade Sênior UNISANT'ANNA configura-se como uma instituição democrática, que está voltada para ações de transformação social. Lembramos, também, que oferecer aos alunos idosos a oportunidade de participarem ativamente como sujeitos de seu próprio processo político de aprendizado caracteriza a prática de profissionais que se sustentam na capacidade fundamental de promoverem atividades gerontológicas, baseada na escuta permanente e sensível. Com relação à aluna que desempenha a função de coordenadora da turma, *Dona Jasmim* acrescenta que

“[...] nós temos uma coordenadora de classe, né? Nós temos uma coordenadora que é a ligação entre nós e o Professor Jordão, né? ‘Olha, Marli, isso aqui o professor podia dar uma coisa assim mais aprofundada...’. Então, ela vai, conversa, eles têm reunião, não sei se é toda semana, ela se reúne com o Professor Jordão e os professores. Então, eu acho que é uma coisa muito legal porque eles se interessam. Ela sempre traz professores muito importantes, ela também é uma pessoa que gosta de cultura, gosta do... do conhecimento, né? Então, ela também traz pessoas boas, não são matérias bobas, não” (Dona Jasmim).

Dona Orquídea considera que a sua convivência com as colegas da Universidade Sênior proporcionou extrema qualidade de vida para a sua existência. Além de sentir-se muito satisfeita com seus vínculos de amizade, já que a partir deles sentimentos como afeto e respeito acabam definindo as interações sociais e as relações humanas entre os participantes do referido grupo, a entrevistada parece vibrar pela possibilidade de poder conquistar a

cada dia mais criatividade, autonomia e liberdade. Essa realidade pode ser constatada através do seguinte depoimento:

“[...] eu me sinto bem realmente... para mim, é uma higiene mental freqüentar esta Faculdade. Sair de casa me obriga a me vestir, a me trocar, me obriga a guiar o carro – que eu gosto muito de guiar – então, agora eu re-habilitei a minha carteira de motorista e eu pretendo guiar ainda por bastante tempo, porque gosto. Então, pra mim é maravilhoso. Minhas colegas são muito boas, os professores também. Então, eu tô muito satisfeita” (Dona Orquídea).

Os depoimentos com base na questão 4.6 do Roteiro de Entrevista: “Quais aprendizagens a sra. adquiriu participando da Universidade Sênior?”, permite-nos perceber que, em especial, *Dona Angélica*, *Dona Orquídea*, *Dona Azaléia* e *Dona Begônia* reconsideraram a importância da amizade em suas vidas.

Dona Angélica reafirma esse sentido, através de seu relato:

“[...] toda essa convivência que eu te falei, tudo isso que as professoras passam pra gente e tudo, tudo que a gente vai aprendendo com as amigas. Por exemplo, o testemunho de alguma amiga, uma amiga dá o testemunho dela: o que ela passou com o marido, ou com o filho, ou com o neto, a gente ouve essa amiga, presta atenção e assimila o aprendizado. Pode ser que seja um alerta pra gente. Por isso que é bom conviver, ter amigos e poder ouvir o exemplo dos outros” (Dona Angélica).

Dona Orquídea considera que:

“[...] a finalidade da escola é também essa, proporcionar às pessoas de idade o ponto de encontro. Pode ser chamado assim: ‘ponto de encontro’, sem desprezo nenhum. Ponto de encontro não é só pra festejar, brincar, né? É pra aprofundar, aprofundar também uma amizade e eu tenho feito boas amizades aqui, me encontro com essas amigas, minhas amigas, né? A gente participa da vida delas, quando não estão bem, quando estão bem: na alegria, nos momentos menos alegres. É isso que preencheu muito a minha vida (Dona Orquídea).

Dona Azaléia se pergunta sobre o que realmente aprendeu na Universidade Sênior e a sua resposta transita em torno do seguinte:

“[...] O que eu aprendi aqui? Eu aprendi, assim, que a amizade na terceira idade é bem diferente da amizade de quando você é jovem. Se você tem uma amiga da terceira idade, não sei, é tão diferente. Nós não temos tantos ‘cricris’ na cabeça, sabe? Nós já somos maduras. A gente já fala, uma aconselha a outra, nos tratamos com muito carinho, eu acho. Não se tem aquele perigo de você ter uma rivalidade – que nem, quando que você é nova. Aqui na terceira idade, não. Todas são iguais, pra mim. Tanto faz eu beijar fulana como ciclana, quando uma falta, a outra falta. Então, eu acho que aqui a amizade é muito marcante. É marcante mesmo a coisa da amizade. É muito bonito. Nós fazemos poesia uma pra outra” (Dona Azaléia).

Dona Begônia conclui, questionando-se: “Aprendizado? [...] que nem eu te falei: eu aprendi a me valorizar; a dar importância pras amizades que eu adquirir na sala de aula”. Este depoimento nos leva a refletir que os programas para a terceira idade criam um ambiente, em que a experiência da criatividade, da valorização individual e coletiva, da autonomia e da liberdade, que cada pessoa passa a reconhecer como possível, pode ser vivido por toda a extensão do processo de envelhecimento e, mais especificamente, na velhice. As reflexões realizadas por Debert, nos ajudam a ponderar, nesse contexto, que: “[...] Com concepções de velhice muito semelhantes e propondo atividades muito parecidas, cada programa acaba por mobilizar um público feminino específico com características socioeconômicas bem definidas” (DEBERT, 1999, p.186).

Dona Gérbera diz estar cada vez mais envolvida com as pessoas de seu grupo. A entrevistada demonstra ter grande necessidade e grande desejo de continuamente pertencer ao grupo, de sentir-se pertencida e de, concomitantemente, incluir colegas que estejam iniciando o processo. Isso pôde ser verificado, claramente, no decorrer de sua entrevista. *Dona Gérbera*, idosa afetuosa, pôde, por todo o processo, demonstrar sua capacidade de acolhimento, apresentando-me às suas colegas, fazendo com que eu e suas

amigas interagíssemos continuamente. A referida entrevistada considera, nesse sentido:

“[...] É, nós somos um grupo muito bom, né? Na hora do recreio elas dizem: ‘Nós já temos nossa turminha, nós já temos nosso lugar, nossa lanchonete, nós vamos tomar o lanche, né? Bater o nosso papo’, e é muito legal. [...] O mais importante nessa convivência? Eu acho que o mais importante é... o que que é? [...] Como é que se fala? [...] Ai, acho que dá mais vontade de viver, dá auto-estima, sabe? É isso. [...] eu venho aqui só dois dias, devia de ser, devia até de ser mais, dois dias eu acho que é muito pouco” (Dona Gérbera).

Dona Gérbera refere-se a um círculo de amizade “muito bom”, por perceber nele algumas virtudes, mesmo sem expô-las explicitamente, que fortalecem a sua auto-estima e, conseqüentemente, proporcionam o estímulo fundamental para se sustentar e progredir na vida. Ao considerar que esses encontros e que esses “bate-papos” oferecem a ela a possibilidade de sentir que “dá mais vontade de viver”, *Dona Gérbera* está podendo entrar em contato com seu entusiasmo e sua energia de vida.

Dona Hortênsia considera os vínculos de amizade o aspecto mais importante dessa convivência. A entrevistada reafirma esse sentido ao dizer que, através de suas amigas, tem a oportunidade de se relacionar com as pessoas, de aprender com elas, muito mais do que se estivesse na rua ou em casa. Lélío argumenta a respeito, dizendo:

“Em tal círculo de amizade, afirmo, acham-se todos os bens que os homens julgam ser necessário buscar, consideração, glória, tranqüilidade de espírito e alegria, de modo que, quando esse círculo existe, a vida é feliz, e sem ele não poderia sê-lo. E como aí se encontra o melhor e o mais importante, se quisermos alcançá-lo temos de dedicar todo o nosso cuidado à virtude: sem ela, não obteremos nem a amizade nem qualquer desses bens dignos de ser cobiçados; aqueles que, tendo negligenciado a virtude imaginam ter amigos percebem que se enganaram tão logo uma grave dificuldade os obriga a colocar seus supostos amigos à prova” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, p.131).

Dona Rosa atribui diferentes significados ao sentimento de amizade que nutre por suas colegas de turma. O primeiro significado observado é o da complementaridade. Embora a entrevistada não tenha mencionado este termo, observa-se, através de sua interlocução, que *Dona Rosa* consegue perceber a fundamental relevância dos laços afetivos na construção de sua própria personalidade. Ao mencionar que o que mais importa nessa convivência é a própria amizade e “[...] *aquele bem querer, pois uma colabora com a outra* [...]”, a entrevistada quer dizer que o “bem querer” e a colaboração nas interações sociais entre as pessoas idosas são imprescindíveis para que a consolidação dos vínculos de amizade ocorra. Em outra passagem de seu depoimento, *Dona Rosa* complementa: “[...] *A gente precisa disso, da amizade, e todo mundo está junto, né? E uma participa da vida da outra – são aquelas amigas mais íntimas, né? Então, socialmente também é bom* [...]”.

O outro significado, portanto, é o de participação. Analisando a idéia de *Dona Rosa* quando considera que “[...] uma participa da vida da outra”, compreende-se que a entrevistada, através dessa atitude, manifesta o seu desejo de integrar-se na realidade de vida de suas colegas para, ao mesmo tempo, tornar-se mulher mais plenamente integrada em si mesma e enraizada através da construção de interações sociais e humanas e vínculos afetivos, provenientes da amizade.

O argumento, a seguir, ajuda-nos a compreender a percepção de *Dona Rosa* sobre a vivência e a importância dos vínculos de amizade. “Bela sabedoria, essa! Dir-se-ia que eles retiram o sol do mundo, os que retiram a amizade da vida [...]” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, pp.106-7).

Ressalta-se, nesse sentido, que a efetiva participação da entrevistada na vida de suas colegas e a própria integração de *Dona Rosa* podem ser caracterizadas, ao mesmo tempo, como um comportamento maduro e a consequência desse comportamento, entendidos aqui como fundamentais para o exercício da convivência plena, porque sagrada, de pessoas idosas; no caso de *Dona Rosa*, por todo o seu processo de envelhecimento.

Acredita-se, portanto, que o processo vital do humano se torna mais alegre quando é realizado sob uma perspectiva menos solitária e mais solidária, o que pode, sem dúvida, ocorrer quando os indivíduos, em especial aqueles já envelhecidos, dispõem da oportunidade de construir relações e vínculos sociais e humanos fraternos ao longo de sua existência.

Pode-se dizer, nesse sentido, que as relações sociais e, por conseguinte, os variados tipos de convivência que se inspiram em valores como a consciência e a percepção sobre a existência de si e do outro, a possibilidade da aceitação e valorização de si e do outro, a necessidade do acolhimento à diversidade, a capacidade de desenvolver a escuta sensível, a fala (que é ouvida) e o gesto (que é compreendido), a solidariedade e a fraternidade, dentre outros valores, fazem aprimorar os vínculos de amizade entre os seres humanos, em nosso caso, os laços que unem as mulheres participantes do programa destinado a pessoas idosas, que é desenvolvido pela Instituição de Educação Superior. Lélío considera, com sabedoria, que,

“[...] tenhamos em mente que a natureza é que gera o sentimento de amor, e o ardor da benevolência se evidencia, de algum modo, na virtude do amigo. Os que a procuram se aproximam e se unem no gozo do convívio e do caráter daquele que principiaram a amar, a fim de se mostrarem iguais na afeição que os liga e mais propensos a dar que a receber, estabelecendo assim, entre si, uma disputa honrosa. Eis como a amizade propicia as maiores vantagens, estando sua origem mais verdadeira e mais profunda na natureza, não na indigência. Pois, se as vantagens estreitassem os laços de amizade, esses se desatariam, quando aquelas cessassem [...]” (LÉLIO apud CÍCERO, 2001, pp.44-5).

Dona Azaléia, ao refletir sobre os aspectos mais relevantes da convivência com as colegas e/ou amigas do curso da Universidade Sênior, considerou alguns deles. O primeiro aspecto mencionado pela entrevistada foi o do aprendizado possível e necessário, que se constrói ao longo da trajetória, de se compromissar com as pessoas da sua idade. Ao declarar-se efetivamente compromissada com suas colegas de turma, *Dona Azaléia* complementa:

“[...] Que, no fim, nós falamos todas a mesma língua. [...] Todas têm as mesmas dores, não é verdade? Se surge um problema de filhos, por exemplo, ou algum outro assunto que surge, a gente vê que a gente também tem o problema dela. Então, a Faculdade da Terceira Idade, ela é uma abertura para a outra vida; pra outra vida, para o outro lado da vida. Nós, assim, perdemos poucas amigas aqui, que faleceram – e foi muito triste. Mas aquelas amigas que você faz dentro da Faculdade da Terceira Idade são aquelas amigas que você pode marcar encontro novamente daqui quatro, cinco anos, você se vê novamente. Então, a amizade aqui dentro é uma coisa muito franca, viu? Muito franca” (Dona Azaléia).

Ao compreender que a possibilidade de interagir e conviver com as colegas de seu grupo, bem como sua necessidade de vincular-se a elas através dos laços afetivos, tem como atitude prévia o reconhecimento de que é fundamental ser responsável por si e nas relações com as pessoas de seu grupo, *Dona Azaléia* apresenta-se uma realidade, em que a amizade pode ser sabiamente explicada por Lélío:

“Se acrescentarmos ainda, e temos o direito de fazê-lo, que nada tem tanta força de sedução e de atração quanto a semelhança que conduz à amizade, seguramente nos concederão ser verdadeiro, que os homens de bem amam os homens de bem e se associam a eles, como se estivessem ligados pelo parentesco e pela natureza” (LÉLIO apud CÍCERO, 1997, p.109).

O sentido de associação descrito anteriormente por Lélío, ao mencionar que os seres de bem se associam aos seres de bem, parece fundamentar a interlocução de *Dona Violeta*, já que, ao refletir sobre as especificidades de seu processo de interação com as colegas do grupo da Universidade Sênior, a entrevistada expressa um termo bastante freqüente: *encontro* – não no sentido de interação social, mas no sentido do bem-estar proveniente dessas interações e, em especial, de sua convivência com as colegas.

Pode-se dizer que estar associado a seres de bem e “se encontrar” nessas relações de associação “como se estivessem ligados pelo parentesco e pela natureza”, assim como o que vem ocorrendo com a entrevistada, significa que a prática e a arte da convivência estão sendo desenvolvidas na medida em que, efetivamente, *Dona Violeta* solidariza-se no grupo com expressiva afetividade.

A solidariedade vista sob a perspectiva de valor de referência das interações sociais e humanas parece, em geral, também fazer parte da realidade de vida e das formas de convivência construídas por *Dona Begônia* em seu grupo da Universidade Sênior. Essa entrevistada diz acreditar em uma convivência pacífica e ótima, porque nela as pessoas têm a grande oportunidade de se reconhecerem pessoas idosas; com experiência de vida, e de se valorizarem na reciprocidade.

Para *Dona Begônia* esse tipo de convivência, por exemplo, auxiliou-a a reconstruir sua auto-imagem de reconhecimento e valorização, embora, em alguns momentos, ainda se sinta “pequeninha”. Considera-se o “pequeninha” com relevância, já que a expressão foi mencionada pela entrevistada no momento em que disse “agora eu me sinto alguém, embora em alguns momentos ainda me sinta pequeninha”. Esta interlocução nos faz supor que se só agora *Dona Begônia* se sente alguém, é muito possível que se sinta ainda regredida, ou seja, “pequeninha”. Foi por essa razão que a referida entrevistada também citou durante a entrevista que não pretende cessar o seu percurso na Universidade Sênior, por perceber nessa trajetória a grande oportunidade de acessar sua fonte interna de crescimento pessoal, desenvolvimento e pleno amadurecimento.

Dona Margarida, através de seu relato, ajuda-nos a compreender um aspecto muito importante da interação entre pessoas idosas, em especial de sua convivência com as colegas mais próximas da Universidade: a capacidade de aceitação, valorização e reconhecimento das diferenças humanas. Segundo a entrevistada:

“[...] a coisa mais importante que eu tenho visto é, exatamente, novas pessoas, novas amizades. A gente [...] tem muito medo do novo, de como você vai ser aceita, de como que você vai ser vista e tal. [...] Então, a gente vai, vai aprender a aceitar as pessoas do jeito que elas são. Isso é fundamental. Você pode, às vezes, não concordar, mas com respeito você aceita. Eu tô gostando muito” (Dona Margarida).

Ao se referir sobre o primeiro dia de aula na Universidade Sênior, *Dona Margarida* diz ter encontrado muitas pessoas diferentes dela. Mesmo assim, complementa: *“[...] nós somos amigas, assim, parece que faz muitos anos que nós nos conhecemos. Porque [...] bateu; deu essa coisa boa, né? As almas se encontrar. Isso, com muita gente da nossa classe, muita gente. Enfim...”*.

Nesse sentido, pode-se dizer que o reconhecimento e a valorização das potencialidades e das dificuldades existenciais, descobertas ou latentes, transitam essencialmente pela capacidade humana de aceitação. Ao aceitar suas potencialidades e dificuldades, mesmo sem conhecê-las, o ser humano prova para si mesmo que é capaz de aceitar-se como inevitavelmente humano, reconhecendo-se e valorizando-se como ser transcendente que tem força para superar a si mesmo e, ao mesmo tempo, como ser falível, circunscrito, mundano e finito.

Aceitar essa condição do humano, paradoxal, de ser transcendente e mundano, nos ajuda a compreender que as experiências de vida, especialmente as das pessoas idosas, podem levá-las ao aprendizado do reconhecimento e da valorização das diferenças humanas. Se o outro é diferente para a pessoa idosa, esta também se caracteriza como diferente para o outro. Portanto, as pessoas idosas constituir-se-ão sábias se souberem viver as diferenças que caracterizam o ser, convivendo com elas e, sobretudo, aceitando-as, reconhecendo-as e valorizando-as na existência sagrada do existir. Ressalta-se que o grupo de pessoas idosas que participam do Programa da Universidade Sênior apresenta-se diverso e divergente em várias questões.

As reflexões apresentadas neste capítulo permitiram a identificação de algumas possibilidades da existência para mulheres idosas, dentre as quais o processo de transformação e a recodificação do envelhecimento; a educação como desenvolvimento integral do ser e, para finalizar, a convivência e a amizade como aprendizagens significativas. Ao utilizarmos os depoimentos das próprias entrevistadas, relacionando-os permanentemente a referenciais teóricos, sistematizamos uma reflexão sobre o processo de envelhecimento, vivido de maneira singular, por essas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança no coração para continuar semeando



Imagem: *O semeador* (segundo Millet) – Vincent Van Gogh

“[...] Novas sementes chegarão com o vento e não pararão de chegar, dando muitas oportunidades para mudanças de sentimento, para a volta do sentimento, para a cura do coração e afinal para uma nova opção pela vida. De tudo isso tenho certeza. O que é que não pode morrer nunca? É aquela força de fé que já nasce dentro de nós, que é maior do que nós, que chama as novas sementes para os lugares áridos, maltratados, abertos, para que possamos nos ressemeiar.”

Clarissa Pinkola Estes – *O jardineiro que tinha fé*

Encerrar o processo de uma pesquisa acadêmico-científica sem deixar de considerar o humano em sua plenitude constitui um exercício complexo. Assim sendo, coloco-me como desafio desta etapa final uma breve reflexão sobre a necessidade de concluir essa trajetória no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para que possa dar continuidade aos meus projetos existenciais; pessoais, profissionais e de vida.

A participação no Grupo de Pesquisa: “Educação, Longevidade e Qualidade de Vida” foi, sem dúvida, decisiva para a escolha do tema deste trabalho, conforme apontado anteriormente. Através de minha participação nos trabalhos do referido grupo, pude compreender a relevância social desta ciência multidisciplinar e encontrar, como investigadora, o meu caminho e o estilo de minha pesquisa, buscando sempre me fazer pesquisadora por toda a sua realização, fatos que me permitiram concluir este trabalho de dissertação, cujo foco central considerou a heterogeneidade do processo de envelhecimento de mulheres idosas que participaram, durante o ano letivo de 2006, das diversas atividades oferecidas pelo Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT’ANNA.

A construção deste trabalho pautou-se, basicamente, em eixos que, ao longo das reflexões, puderam ser sistematizados, tendo a Sociologia, a Filosofia, a Educação e a Gerontologia como áreas de referências teóricas centrais. As interpretações sobre o envelhecimento como processo, a velhice

como condição, o conhecimento e a comunidade foram desenvolvidas tanto teoricamente como na sua relação com a realidade concreta de realização da pesquisa de campo junto às idosas que freqüentam o programa da referida instituição.

Com relação ao processo de realização desta pesquisa, posso afirmar que desde o início até sua finalização percorri uma trajetória marcada por angústia e prazer. A angústia refere-se ao sentimento vivenciado por mim, em razão do perfeccionismo e da autocrítica durante a escrita do trabalho. O prazer refere-se à vivência plena do sentimento de felicidade, especialmente quando percebia que as reflexões produzidas atingiam o grau de exigência imposto por mim no decorrer deste processo.

Assim sendo, este trabalho, especialmente no que se refere à análise dos dados, não reflete imparcialidade ou neutralidade científico-ideológica, por se tratar de uma elaboração pessoal resultante das pesquisas e das observações participantes, viabilizadas no decorrer do processo de investigação, reflexão e amadurecimento pessoal.

Embora minha subjetividade tenha sido respeitada, não podemos dizer que a objetividade do trabalho científico foi desconsiderada. Ao citar a fala das entrevistadas, conforme foram mencionadas, considerei o caráter objetivo da pesquisa científica. Ressalto que a análise das interlocuções das entrevistadas pôde ser sustentada, permanentemente, em referenciais teóricos existentes e interpretações pessoais sobre os assuntos em discussão.

As citações das entrevistadas permitiram-me alcançar um objetivo ainda maior, o de perceber que, na realidade, as pessoas idosas, em especial, as mulheres com as quais tive a oportunidade de conversar, expressam conteúdos que, efetivamente, podem ser pensados sob a perspectiva teórica e científica.

A leitura da transcrição das entrevistas, embora em alguns momentos muito complexa, em função de ter sido realizada na íntegra, foi surpreendente. As entrevistadas, algumas com mais facilidade, outras com menos, conseguiram transmitir, a partir das questões do roteiro, alguns significados de

sua experiência no Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT'ANNA.

O instrumento de coleta de dados viabilizou o conhecimento da condição atual de vida das mulheres idosas com as quais tive o privilégio de manter construtivos diálogos durante as entrevistas. Pude oferecer espaço à vez e à voz da pessoa idosa e, como consequência, elas se sentiram muito acolhidas por mim e confortáveis para expressar suas reais percepções sobre a vivência na Universidade Sênior.

Acredito ter aproveitado todos os momentos possíveis de encontro com as entrevistadas. Embora o objetivo desta pesquisa não tenha sido participar da experiência acadêmica “com” as entrevistadas, penso que se tivesse por uma ou duas vezes participado “com elas” de alguma atividade específica perceberia outros fatores que deixei de perceber por não ter tido essa vivência. Acrescento, no entanto, que muitos aspectos, já analisados nos capítulos, foram descobertos e/ou reafirmados através do processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Ao contrário, tenho muitas razões e emoções de contentamento, que serão expostas e pensadas a partir de agora. A primeira e forte razão / emoção diz respeito à etapa de vida em que me encontro atualmente. Hoje, com trinta anos de idade, apresento-lhes este trabalho como uma das etapas para a obtenção do meu título de Mestre em Gerontologia. O que desejo ressaltar com esta fala, entretanto, relaciona-se com a possibilidade que tive de desenvolver uma atividade intelectual e exercer a minha felicidade, ativando as minhas forças internas e sentindo o êxito dessa atividade, assim como nos ilumina a fala de Schopenhauer:

“[...] Esforçar-se e lutar com resistência constitui a necessidade mais essencial da natureza humana: a pausa, que seria plenamente auto-suficiente no prazer tranqüilo, é impossível para o homem: superar obstáculos representa o prazer mais completo da sua existência; para ele não há nada melhor [...]” (Schopenhauer, 2005, p.51).

A segunda e grande razão / emoção foi poder participar, mesmo que em um curto espaço de tempo, de uma etapa do percurso da aprendizagem de dez mulheres idosas que me acolheram em seu processo educacional, dando-me a oportunidade de entrevistá-las e, a partir desses ricos momentos, oferecendo-me o suporte possível através de suas consistentes e lindas interlocuções, para a continuidade de meus estudos e produção deste trabalho. Através das entrevistas, pude conhecer pessoas, personalidades distintas, dificuldades humanas, sensibilidades, maneiras de viver, conhecer e conviver na comunidade, enfim, possibilidades de ser, neste caso, mulheres e idosas.

A terceira razão / emoção deste percurso foi, sem dúvida, poder reconstruir a minha própria percepção sobre os significados possíveis de velhice. Embora ainda seja considerada uma pessoa jovem e claramente me reconheça e me sinta como tal, já sou menos jovem com relação ao tempo em que iniciei minha trajetória no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

Ressalto, portanto, que não são apenas os idosos que envelhecem. Se o ser humano estiver vivo e existir do ponto de vista biológico e emocional, ele estará vivendo o seu processo de envelhecimento de maneira permanente, mas não se pode saber, necessariamente, se ele chegará à sua velhice. Independentemente da fase da vida em que nos encontramos, todos nós vivemos o processo de envelhecimento, porque nossa constituição geral evolui e, evoluindo, essa constituição envelhece no Cronos e, potencialmente, pode aprimorar-se no Kairós.

Venho pensando, nesse sentido, em conceber a pessoa idosa em seu direito de assumir a sua condição de novo sujeito no mundo contemporâneo. O Art. 20 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, nos alerta que “o idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”.

A Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) – PNI é, inquestionavelmente, uma grande conquista, por assegurar aos idosos tanto os seus direitos sociais fundamentais como as condições para promover a sua autonomia, a sua integração e a participação efetiva na sociedade.

Para que esta lei se efetive integralmente, é necessário que seja mais amplamente difundida a todo cidadão, em especial às pessoas idosas, já que ao falarmos sobre velhice falamos de uma etapa da vida que, segundo Medeiros:

“[...] apresenta-se de maneira múltipla e diversificada. Não existe a velhice, mas ‘velhices’, que devem ser consideradas em sua plenitude, não como uma virtude ou benfeitoria, mas como um direito e um dever de todo cidadão” (MEDEIROS, 2004, p.185).

Acreditando na importância da Educação e possibilitando o acesso efetivo às variadas formas de educação para este público tão abrangente e peculiar, em termos de necessidades e características, assim como vêm realizando a Universidade na qual pude realizar as entrevistas deste trabalho, torna-se possível reconceber a figura da pessoa idosa estigmatizada em pessoas idosas que se constroem em seu próprio processo de envelhecimento. Torna-se possível, também, acreditar na possibilidade de viver uma velhice mais autônoma e auto-sustentada, na qual o direito de ir-e-vir já transcende a utopia e passa, de fato, a se constituir uma realidade.

As idosas com as quais tive o privilégio de interagir viveram um processo de busca de sentido e vontade ao se matricularem no Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT’ANNA, freqüentando e participando com entusiasmo das atividades propostas. Pode-se dizer que essas mulheres romperam com a própria passividade ao superarem alguns tipos de relações sociais baseadas no autoritarismo, na dominação e na opressão. Re-formularam valores sociais contestando ideologias deformadoras, impedindo corajosamente que alguns preconceitos continuassem sendo sustentados com relação à sua condição de pessoas envelhecidas.

Puderam, sem dúvida, ampliar sua experiência de vida, aprofundando a compreensão e a consciência sobre si mesmas e o percurso de sua existência. No decorrer desse processo, percebe-se que os sentimentos de isolamento, solidão, infelicidade e rejeição, constatados na vida de algumas das idosas entrevistadas, puderam ser minimizados, na medida em que perceberam que a etapa da vida em que se encontravam poderia ser ressignificada, recriada a partir da construção de sonhos pessoais e em novas possibilidades de viver e ser pessoa idosa na velhice.

O reconhecimento de que o idoso não é definido por qualquer modelo de ser, de vida e de existência assume grande relevância, em função das características múltiplas, diversas e heterogêneas que compõem a condição da pessoa idosa no mundo contemporâneo. É, portanto, perversa toda forma de massificação do ser, em especial da pessoa que envelhece, já que esta prática nos conduz ao erro do pensamento autoritário de que a pessoa idosa pode ser homogeneizada e, portanto, desconsiderada do ponto de vista de sua singularidade.

Considerando a pessoa idosa sob a perspectiva da heterogeneidade e participando do processo de transformação da realidade precária e de vitimização a que muitos idosos, infelizmente, ainda estão submetidos em nosso país e no mundo, de fato participamos deste exercício de desmassificação, no qual a Gerontologia assume função preponderante no trabalho de recomposição e de reconstrução dos valores sociais a respeito da velhice e do processo de envelhecimento.

O idoso não pode, portanto, ser mais uma vez excluído do “rol” de qualquer política social, porque só através de políticas sociais consistentes é que a realidade precária pode tornar-se menos precária e passível de ser sustentada, tanto pelo idoso como por seus familiares e pela comunidade. As comunidades verdadeiras não excluem as pessoas idosas ou qualquer ser humano. Segundo Buber, a comunidade é a tentativa máxima de organização humana, na qual a associação estreita para ajuda e assistência mútuas entre

os seres humanos os libertam das algemas do Estado, sob a total proteção da liberdade para a expressão do espírito criador de cada grupo particular de indivíduos.

Quem exclui, quem massifica, quem burocratiza para controlar é o sistema de organização social denominado sociedade, com o poder de impor ideologias destrutivas que nos orientam, ao serem consciente e inconscientemente corporificadas. Ensinando-nos a valorizar a juventude, em uma sociedade que é obcecada pelo novo, tem o poder de nos fazer negar a velhice como uma condição da existência e fato natural da vida humana, na qual a tradição e a memória se dissolvem e o lugar dos velhos é o não-lugar (MEDEIROS, 2004, p.189).

A sociedade que massifica, através das mídias e tecnologias das instituições e dos indivíduos que aprenderam a controlar, pode também, em um extremo perverso, nos ensinar a valorizar apenas a beleza do corpo, o que nos leva à infelicidade, ao estado de apatia, à melancolia, à depressão e a resultados como doenças psicossomáticas.

Alguns depoimentos das idosas entrevistadas, participantes do Programa de Educação Permanente Universidade Sênior UNISANT'ANNA, podem ser utilizados neste momento, para reafirmar o sentido atribuído ao conceito de sociedade, conforme segue.

Dona Gérbera, ao ser questionada sobre o significado de ser mulher idosa no mundo contemporâneo, considerou a seguinte reflexão: “Vem na minha mente o descaso, a falta de respeito e o abandono que a maioria do idoso sofre num país onde preconceito contra o idoso é muito forte. E quando em certos momentos fico a pensar: Na minha insegurança de ficar sozinha e abandonada. Sem ter ninguém para me apoiar nos momentos difíceis. Não que tenha medo da velhice que já é um privilégio e sim ter atingido a idade que tenho, com todos os problemas de viver num país onde o idoso é praticamente excluído dentro de uma sociedade, ingrata e injusta”.

Dona Orquídea produziu uma reflexão, também interessante, ao ser igualmente questionada. Segundo essa entrevistada, o significado maior está justamente no próprio DESAFIO de ser mulher e idosa nessa realidade tão complexa. Em suas palavras:

“Desafio, sim! Para mim é um desafio viver hoje em dia a terceira idade. Comparando a velocidade do progresso de hoje com o de décadas atrás se percebe que não é possível usar a mesma medida. Antigamente as mudanças ocorriam em vinte ou trinta anos, agora ocorrem em poucos meses. Como acompanhar tudo isto e manter-se ao passo com a geração atual? Como conseguir falar a mesma língua dos jovens para não sermos descartados? É muito, muito difícil. Não serve mais tentar encantar os nossos netos mostrando-lhes os pirilampos na noite escura, como fala meu amigo mineiro Gabriel Araújo dos Santos, no seu premiado conto ‘Os vaga-lumes’, pois eles agora se encantam navegando na Internet; a velocidade é outra, não servem HPs, mas Megabytes. Então não deixar aumentar anos-luz esta distância entre eu e meus netos, se tornou um grande desafio; desafio que aceito ainda que me custe muito deixar o conforto da minha cadeira de balanço”
(*Dona Orquídea*)

As interlocuções de *Dona Gérbera* e *Dona Orquídea* remetem-nos, nesse sentido, ao tempo presente, ao tempo que estamos vivendo na atualidade. De um lado, *Dona Gérbera* fala de uma situação que a aterroriza, mas que a mantém no rumo. De outro, *Dona Orquídea* considera a necessidade do comprometimento da própria pessoa idosa no combate a toda e qualquer forma de rejeição e exclusão social.

Ao constatar estas duas realidades antagônicas, percebo e faço questão de reafirmar que a condição do sujeito idoso no mundo contemporâneo não pode ser e, de fato não é, generalizável. Ao assumirem essa não-generalização, os seres humanos, em especial as pessoas idosas com história singular e subjetiva, vivem esse próprio desafio. Contrageneralizar realidades e condições de vida do ser, portanto, significa assumir o compromisso político e a coragem fundamental para impedir que a imposição da generalização

influencie qualquer explicação ou interpretação dessa realidade, seja ela físico-natural, humano-interacional e/ou sociocomunitária.

Com a “convicção” de uma pesquisadora e o “desejo” de uma sonhadora, posso dizer que este trabalho praticou a possibilidade da contrageneralização, na medida em que acolheu o possível, desconsiderando o impossível. O possível, na minha opinião, foi considerar a realidade apresentada pelas mulheres idosas entrevistadas, para exercitar a práxis da Gerontologia como ciência interdisciplinar capaz de compreender os fenômenos heterogêneos e multifacetados dos processos humanos de envelhecer. Concebida sob esta perspectiva, a Gerontologia vem assumindo a sua função no mundo contemporâneo, que é a de despertar, com urgência, novas consciências e interpretações para a construção de novas atitudes do ser.

Precisamos, nesse sentido, solidificar nossos olhares, sentimentos e atitudes em frente ao primeiro desafio de perceber a existência real das pessoas idosas em nossas vidas. Os idosos de hoje confirmam essa realidade, e, se tivermos a oportunidade de evoluir do ponto de vista biopsicossocial, também viveremos a condição de pessoas envelhecidas. Devemos, portanto, nos preparar em vários aspectos para esse fato inexorável, assim como expõe Carter:

“A questão mais importante é assumir praticamente *qualquer* tarefa que seja interessante e desafiadora – quanto mais melhor. Todos nós sabemos por experiência que conversar, tocar e se relacionar com outras pessoas são coisas necessárias para nosso desenvolvimento e felicidade, desde a infância e por todos os demais estágios da vida. À medida que envelhecemos, é importante evitar a acomodação mental e manter nossas mentes ocupadas. Não é preciso fazer nada de especial, mas pode ser útil incluir coisas simples como conversar com os outros pelo telefone ou pessoalmente, ler se corresponder com amigos, fazer palavras cruzadas, praticar jogos, *hobbies* ou cuidar de um jardim” (CARTER, 2002, p.57).

Acrescento que o preparo para a velhice se faz cotidianamente, por todo o processo de envelhecer, e não apenas quando já se está idosa ou idoso. Que o ser humano tenha oportunidade, em seus processos vital e existencial, de buscar cuidados para si e promover tais cuidados para sua comunidade. Dessa maneira, a esperança no coração do ser poderá ser cultivada permanentemente para que ele continue semeando. Para finalizar este trabalho, tenho a satisfação de apresentar um texto poético escrito por *Dona Hortênsia*, uma das idosas entrevistadas, que muito nos auxilia nesta reflexão. Suas lindas palavras dizem:

“Somos semeadores no campo da vida, pois espalhamos milhões de sementes ao nosso redor. Saibamos escolher sempre as melhores para que, ao recebermos a dádiva da colheita farta, tenhamos apenas motivos para agradecer. Quem semeia alegria, amor, compreensão, colherá felicidade” (Dona Hortênsia).

BIBLIOGRAFIA

- ANJOS, M. F. dos. O corpo no espelho da dignidade e vulnerabilidade. In: SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.), *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BAPTISTA, M. V. Desenvolvimento de comunidade: análise do conceito de comunidade. In: *Desenvolvimento de comunidade: estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1976.
- BARRETO, M. L. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.
- BARROS, M. M. L. de. Envelhecimento, cultura e transformações culturais. In: Ligia Py (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERGER, R.; BRANCO, P.; CARVALHO, S. A. e TAVARES, V. *A percepção do corpo no envelhecimento: uma abordagem individual e coletiva*. Seminário realizado no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento (NEPE), PUC-SP, 2005.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. Apresentação oral no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1993.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. In: *Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento*, vol. 6. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS, 2004.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, P. G. Educação brasileira: realidade e possibilidade. Portal do Envelhecimento. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – Nepe, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, dezembro de 2004.

_____. Responsabilidade social e transformação da sociedade. Portal do Envelhecimento. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – Nepe, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, novembro de 2004.

_____. Comunidade: um desafio para a sociedade. Portal do Envelhecimento. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – Nepe, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, outubro de 2004.

_____. Ser humano, educação e envelhecimento. Portal do Envelhecimento. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – Nepe, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, agosto de 2004.

BUBER, M. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BURKE, P. Sociologias e histórias do conhecimento. Introdução. In: Peter Burke, *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARTER, J. *As virtudes do envelhecer*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CÍCERO, M. T. *Da amizade – Marco Túlio Cícero*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Notas Homero Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Saber envelhecer e A amizade – Marco Túlio Cícero*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.

COMTE-SPONVILLE, A. *O ser tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Conferência Internacional sobre a educação de adultos (1997, Hamburgo, Alemanha). *Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro*. Brasília: SESI/UNESCO, 1999.

CONTALDO, S. M. de. Modernidade, pós-modernidade e corporeidade: uma visão filosófica. In: SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.), *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

_____. *As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual*. Anais do Seminário Internacional “Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século”. Brasília, 1996.

FERRIGNO, J. C. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC-SP, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANDHI, A. Lições de Sevagran Ashram. In: Frances Hesselbein (org.). *A comunidade do futuro: idéias para uma nova comunidade*. Trad. Bazán. São Paulo: Futura, 1998.

GARCIA, F. L. O conhecimento religioso. In: *Introdução crítica ao conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

GESCHÉ, A. *O sentido*. Trad. Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *O ser humano*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003.

GOLDFARB, D. C. Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC.PUC-SP, 2006.

GUEDES, D. W. de O. *Educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira. PUC-SP, São Paulo, 2006.

IANNI, O. Globalização: novos paradigmas das ciências sociais. In: *A sociedade global*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- JORDÃO NETTO, A. e MARTINS DE SÁ, J. L. Educação e vida após os 40. In: Jaime Lisandro Pacheco (org.). *Tempo: rio que arrebatava*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2005.
- KERTZMAN, O. F. e TRENCH, B. V. Vivendo a idade: reflexões sobre a experiência do envelhecimento. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 8 (2), dez. 2005. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.
- LIMA, M. P. *Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice*. São Paulo: LTr, 2000.
- LOPES, R. G. da C. Diversidades na velhice: reflexões. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC-SP, 2006.
- MARONI, A. Núcleo Philemon de Estudos Junguianos. A divergência entre o discurso e a prática. In: Sérgio A. P. Esteves (org.), *O dragão e a borboleta: sustentabilidade e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Axis Mundi/ AMCE, 2000.
- MARTINS, J. Não somos Cronos somos Kairós. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 1 (1), 1991. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.
- MARTINS DE SÁ, J. L. Educação e envelhecimento. In: Ligia Py (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.
- MATOS, M. I. S. de. O corpo e a história: ocultar, expor e analisar. In: SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.). *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MEDEIROS, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: Ligia Py (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

MERCADANTE, A. F. O envelhecimento sob o ponto de vista molecular e celular. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 8 (2), dez. 2005. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.

MERCADANTE, E. F. Comunidade como um novo arranjo social. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 5 (2), 1999. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.

_____. A construção da identidade e da subjetividade do idoso. Tese em Ciências Sociais. São Paulo: PUC-SP, 1997.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. Trad. José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes. 2002.

MORIN, E. *Jornadas temáticas: a religação dos saberes – desafio do século XXI*. Trad. e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3ª ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2001b.

_____. *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Natal: Editora da UFRN, 1999.

- NERI, A. N. e CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: Anita Liberalesso Neri e Guita Grin Debert (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- OUTEIRAL, J. *Conhece-te a ti mesmo*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.
- PAZ, S. F. Movimentos sociais: participação dos idosos. In: Ligia Py (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.
- PESSINI, L. Finitude: viver no pesadelo do cronos ou escolher a bênção do kairós? In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC-SP, 2006.
- PESSOA, F. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa*. 9ª ed. Seleção Teresa Rita Lopes. São Paulo: Global, 1997.
- PONCE, B. J. A aventura da liberdade. In: *Humano: lugar do sagrado*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.
- QUARESMA, M. de L. Gerontologia e gerontologia social: contributos para a análise de um percurso. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 9 (1), jun. 2006. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.
- SALGADO, M. A. *Velhice, uma nova questão social*. 2ª ed. São Paulo: SESC, 1982.
- SCHOPENHAUER, A. (1788-1860). *A arte de ser feliz*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SEN, A. K. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *Velhices: reflexões contemporâneas*. Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUC de São Paulo. São Paulo: SESC/PUC, 2006.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 20ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, J. M. da *Como fazer trabalho comunitário?* São Paulo: Paulus, 2003. Questões Fundamentais da Educação, vol. 3.

SILVEIRA, N. D. R. Novas possibilidades da ciência: concepções e atitudes. *Revista Kairós: gerontologia*, São Paulo, 7 (1), jun. 2004. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP.

_____. Escola, comunidade e cidadania. *Revista de Educação AEC. Pedagógico e Administrativo: Conflitos e Alternativas*, Brasília, vol. 30, nº 119, abr.-jun. 2001.

VALENTE, J. A. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: Vitória Kachar (org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

VIORST, J. *Perdas necessárias*. 4ª ed. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que fui devidamente informada sobre a pesquisa que está sendo realizada por *Patricia Gimenes Branco*, mestranda regularmente matriculada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Declaro, também, ter aceitado participar deste trabalho concedendo entrevista e respondendo às questões formuladas pela pesquisadora, tendo em vista a realização do referido estudo.

Tenho ciência de que minha participação é livre e espontânea, podendo interrompê-la a qualquer momento que desejar e que as informações obtidas não serão identificadas nominalmente, destinando-se, exclusivamente, à realização deste estudo.

São Paulo, _____ de _____ de 2006.

Assinatura do Entrevistado

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. DADOS PESSOAIS

Nome completo:

Idade: Obs.:

Estado Civil: Obs.:

Profissão e/ou Ocupação (Passado e Presente):

Endereço completo:

Cidade: Bairro:

Telefone(s):

2. PERFIL SOCIOECONÔMICO

2.1 Com qual(is) recurso(s) vive? ☐ Salário
 ☐ Bolsa – Família
 ☐ Mesada
 ☐ Proventos da aposentadoria
 ☐ Outro – Qual(is)?

2.2 Assistência Médica: ☐ Privada ☐ Pública
 Convênio médico: ☐ Não ☐ Sim Qual?

2.3 Com quem mora? Tem algum(a) acompanhante permanente? Quem é?
 Como tem sido essa experiência?

2.4 Número de filhos(as): ☐ Homens
 ☐ Mulheres

2.5 Número de netos(as): ☐ Homens
 ☐ Mulheres

2.6 Como a sra. convive ou se relaciona com eles?

3. PERFIL SOCIOCULTURAL E EDUCACIONAL

- 3.1** Escolaridade: () Completa () Educação Infantil
 () Incompleta () Ensino Fundamental
 () Ensino Médio
 () Ensino Profissionalizante
 () Ensino Superior

3.2 Lê jornal(is) e/ou revista(s)? Qual(is)? Freqüência:

3.3 Lê livros? Qual foi sua última leitura?

3.4 Assiste a programas de televisão? Qual(is)? Freqüência:

3.5 Acessa Internet? Freqüência:

3.6 Freqüenta clubes, praças, parques? Qual(is)? Freqüência:

3.7 Vai ao cinema, ao teatro, a museus? Qual foi a sua programação mais recente?

3.8 Desenvolve algum tipo de trabalho em seu bairro? Qual(is)? Com qual freqüência?

**4. A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE
UNIVERSIDADE SÊNIOR UNISANT'ANNA**

4.1 Quando a sra. começou a freqüentar a Universidade Sênior e por quê?

4.2 Há quanto tempo a sra. freqüenta a Universidade Sênior e qual é a sua freqüência?

4.3 O que a sra. esperava encontrar nesta Universidade Sênior?

4.4 De quais atividades a sra. participa e quais considera mais interessantes? Por quê?

4.5 Como se dá a convivência de pessoas que participam da Universidade Sênior e o que é mais importante para a sra. nessa convivência?

4.6 Quais aprendizagens a sra. adquiriu participando da Universidade Sênior?

Data da entrevista:

Horário da entrevista:

Duração da entrevista:

Universidade visitada:

Uso do gravador: () Não () Sim

Palavras carinhosas às Mulheres!

Comemoremos SEMPRE o Dia das Mulheres! Neste dia e, em todos os outros que estão por vir, mulheres de várias regiões do mundo solidarizem-se por um bem comum: pela conquista real, mas ainda não total, de seus direitos civis, políticos, sociais e humanos.

Sejam mulheres, hoje e a cada dia de sua existência, mais idealistas, mais corajosas e mais perseverantes. Lembremos que “desenvolver uma atividade, dedicar-se a algo ou simplesmente estudar são coisas necessárias à felicidade do ser humano. Ele deseja ativar suas forças e, de alguma maneira, sentir o êxito dessa atividade. [...] Esforçar-se e lutar com resistência constitui a necessidade mais essencial da natureza humana: a pausa, que seria plenamente auto-suficiente no prazer tranqüilo, é impossível para o homem: superar obstáculos representa o prazer mais completo da sua existência; para ele não há nada melhor [...]” (Schopenhauer, 2005, p.51).

Assumam a condição de mulheres guerreiras, no mundo contemporâneo, tendo a consciência de que, para se firmar como mulher nesta realidade tão complexa, é necessário desenvolver diversas habilidades e competências que, por conseqüência, nos propiciam a descoberta de outras capacidades, até então desconhecidas, e a busca diária e inesgotável de direitos fundamentais para a vivência e a convivência plena da mulher em sociedade e comunidade.

Construam hoje e façam aparecer o princípio de uma ação consistente ou, de fato, uma ação consolidada em valores como nobreza, ética e amorosidade. Usufruam de sua inteligência, sensibilidade, força física e energia de vida, para SER, criar, formular, produzir, montar, construir, acolher, “acontecer”. Começaremos, dessa forma, a compreender que a mulher ocupa muitos lugares em nossa vida. E é por essa razão que as pessoas, homens e mulheres, no mundo inteiro, precisam apreender novos significados para a concepção de mulher, muito além do que já foi atribuído pela lógica perversa e autoritária do sistema capitalista.

Aprendam hoje e a cada dia de suas vidas a serem pessoas, mulheres de verdade! Por isso, não deixem para amanhã, porque o futuro é

incerto demais para o humano. E o passado, onde está ele, a não ser em inexatos fragmentos de memória e coração? Portanto, vamos viver o AGORA que muitas vezes nos escapando, porque é o presente o único tempo que existe, mesmo que fugidio!

Sonhem mulheres, hoje e sempre. Sonhar, no sentido de projetar, é fundamental. Desenvolvam estratégias para concretizar seus sonhos ou parte de seus sonhos, por maior ou por menor que seja essa aventura. O que deve nos acompanhar nessa trajetória é a possibilidade, a beleza, o ato de projetar e o próprio movimento que nos leva à concretização do sonho, e não, apenas, o tamanho do sonho, porque é esse que, muitas vezes, nos leva a desventura.

Schopenhauer complementa esta idéia com sabedoria, ao dizer que “O meio mais seguro de não se tornar muito infeliz consiste em não desejar ser muito feliz, portanto em reduzir as próprias pretensões ao nível bastante moderado no que diz respeito a prazeres, posses, categorias, honra e etc.; pois a aspiração à felicidade e a luta para conquistá-la por si só já atraem grandes desventuras. A moderação, por sua vez, é sábia e aconselhável, porque é fácil ser muito infeliz, enquanto ser muito feliz não apenas é difícil, como também é totalmente impossível. Sobretudo não se construa a própria felicidade recorrendo a muitos requisitos e sobre um amplo alicerce, pois é escorada numa base como essa que a felicidade desmorona mais facilmente [...]” (Schopenhauer, 2005, p.59).

Vivam a vida com um pouco mais de liberdade e autonomia, estejam na fase de vida em que estiverem. Jovens, adultas ou idosas, mulheres são sempre mulheres. E, por isso, reconhecem-se nesta imagem. Embora a imagem da mulher se transforme ao longo de sua existência, esse processo não deve se constituir em impedimento para que a vida da pessoa seja em si mesma um ato de libertação, uma prática de liberdade, de autonomia e de transcendência.

Acreditem no valor sublime da transformação da vida. Sejam realistas com a vida, em todos os processos, por todos os caminhos, porém mais otimistas e capazes de preservar e/ou “fazer nascer” a esperança no coração, para poder prosseguir...